

Diário de Lisboa

Sexta-feira 12 de Novembro de 1986

Preço 40\$00

Árvores caíram e alguns telhados voaram

2 HORAS DE TEMPORAL E LISBOA FICOU A NADAR

Escolas fechadas, árvores caídas em diversas artérias, inundações em vários pontos da cidade, marcaram o fim da madrugada e as primeiras horas da manhã de hoje na capital. O vento, que chegou a atingir os 100 quilómetros por hora, e a chuva forte, puseram Lisboa a nadar.

Pág. 7



MARADONA ENTREVISTADO PELO "DL"

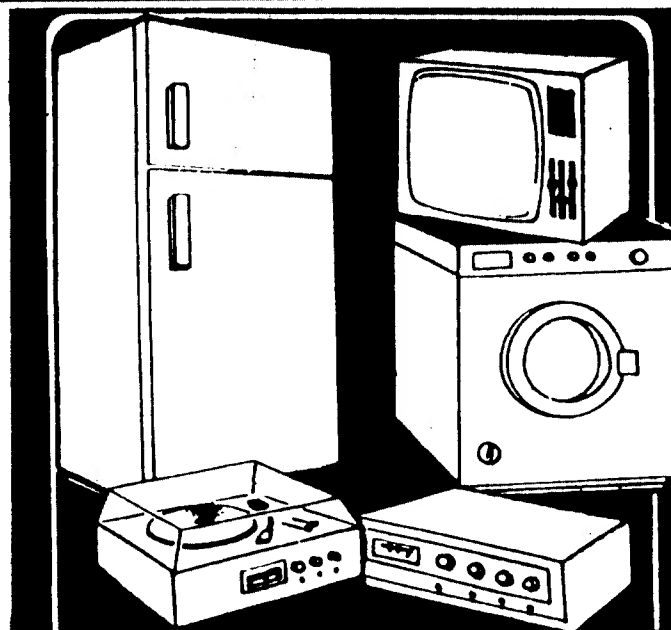


Dieguito e Cláudia: ela vai ser mamã

"Estou solidário com a vossa melhor selecção"

Diego Maradona, entrevistado para o nosso jornal em Paris, durante a festa de entrega da «Bola de Ouro» (prémio que recebeu como melhor futebolista do mundo) declarou admirar Futre («um canhoto sensacional, que vai entrar na história do futebol») e afirmou estar inteiramente «solidário com os futebolistas portugueses que estiveram no México», adiantando que «a selecção que Portugal apresentou na Suíça é medíocre». Diego Maradona, 26 anos completados a 30 de Outubro, continua noivo de Glória e comanda a equipa italiana do Nápoles, que está à frente do campeonato italiano.

Pág. 15



NOVOLAR

TUDO PARA O LAR

R. Ferreira Borges, 139-143 68 79 28
R. Correia Teles, 1-3 68 68 16
Campo d'Ourique LISBOA

Visita de Botha dá pretexto para declarações de Jardim sobre a política nacional

"PSD está a fazer a política que interessa ao tenente-coronel Melo Antunes"

—Incidente com enviado do "DL"

Ribeiro Cardoso

nosso enviado especial

A visita de Pieter e «Pik» Botha à Madeira está a chegar ao fim. Porém, à hora em que escrevo esta crónica — sete da manhã — nada se sabe obviamente, do que se vai passar em Porto Santo. O barco normal de passageiros parte impiedosamente às oito e como nada está preparado para os jornalistas (foi essa maneira de Jardim mostrar que a visita era privada...) não há outra hipótese de chegar à pequena ilha para tentar ver o que lá acontecerá. As interrogações continuam de pé e toda a gente partilha a estranheza e dúvidas, já ontem referidas pelo «DL», sobre os reais motivos que levam o presidente e o ministro dos Negócios Estrangeiros da África do Sul a gastar um dos dois dias de «descanso» que a si se atribuíram na Madeira, numa cansativa deslocação onde as mulheres não têm lugar. Que vão lá fazer, acompanhados de Jardim, com uma comitiva reduzida? claro: a resposta oficial é que vão fazer turismo e visitar o porto e o aeroporto.

Folclore e tricas

Mas falemos do dia de ontem. Tudo correu como estava previsto. Os batedores da polícia à frente, os carros pretos a seguirem velozes, as paragens previamente determinadas e o almoço no Santo da Serra. Os jornalistas ficaram à porta, como deve ter acontecido à noite, na recepção oferecida por Botha em honra de Jardim.

Mas ontem a meio da tarde surgiu o inevitável folclore — já no regresso ao Funchal, numa visita rápida à Camacha para ver o artesanato local, Pieter e «Pik» Botha compraram chapéus típicos e tiraram fotografias.

Aí, no entanto, houve finalmente um pequeno informal contacto com jornalistas. O presidente sul-africano insistiu que a sua visita era particular, garantiu que não tinha feito qualquer «démarche» para ser recebido em Lisboa e quanto às sanções da CEE foi dizendo que não sabe se a Comunidade está tão contra a

África do Sul como se diz, pois as trocas comerciais continuam e quando assim é o diálogo e tudo mais é possível.

Já Alberto João Jardim, num contacto à sua maneira, com dois jornalistas do continente, afirmou que desde Maio está em desacordo com a política externa portuguesa, que considera incharacterística. O PSD, disse ainda, está a fazer a política que interessa ao tenente-coronel Melo Antunes...

Embalado nas suas próprias palavras, João Jardim acrescentou que se o PSD se tornar um partido da esquerda moderada, como alguns já dizem em Lisboa, passará de imediato à oposição dentro do partido. Lembrou que já tinha criticado o PSD apoiando Freitas do Amaral, se havia colocado o mais possível à direita, uma vez que o lugar do PSD é ao centro. Realçou, contudo, que os desentendimentos se verificam apenas a nível partidário, uma vez que o relacionamento entre os governos



Dois «turistas» sul-africanos na Madeira: Pieter e «Pik» Botha apreciam a paisagem. Tudo rigorosamente «privado»...

central e regional é excelente.

E eis como, a propósito de uma polémica visita dos representantes máximos do «apartheid», se fala também das tricas políticas de um partido português, como o podem provar os enviados da NP e do semanário «O Jornal».

Insólito e grave

Por último, uma referência a um episódio grave e insólito em que me vi envolvido sem querer ou sequer poder imaginar.

No fim da tarde de ontem, o cônsul-geral da África do Sul ofereceu, na Quinta da Magalhães, um «cocktail» em honra do presidente do seu país. Foi o único acto onde a Imprensa pôde entrar.

No meio de uma pequena multidão que bebia e petisca-

va como sempre acontece nessas ocasiões, João Jardim, em termos desabridos dirigiu-se-me, afirmando que a entrevista publicada anteontem tinha sido um acto desonesto da minha parte, uma vez que aquilo que me dissera não se destinava a ser publicado. E sem me dar oportunidade de falar, retirou-se, mandando-me, alto e bom som, «à merda».

Obviamente, a resposta foi automática: «à merda vá o senhor!».

Gerou-se, então, grande confusão, com muita gente rodeando-me e nem sempre com olhos meigos. Mas Jardim voltou à carga, acusando-me de ser «comuna». «Você não passa de um comuna e se estivesse na União Soviética não tinha a liberdade de escrever o que escreve».

Peranto o insólito, e a gravi-

dade, da situação, gritei-lhe também que tenho todo o direito de ser «comuna» por muito que isso lhe doa. E apesar de altamente incomodado por tal comportamento do presidente do governo Regional, para deixar claro que não tinha havido qualquer desonestidade da minha parte, lembrei-lhe, perante quem quis ouvir, que ainda na véspera o havia informado, no aeroporto, que a entrevista com ele tinha sido «manchete» no «DL», ao que ele, Jardim, respondeu: «Pôs lá tudo o que lhe disse? Oh diabo!... Mas não faz mal, eles não me levam a sério, pois sabem que eu gosto de gozar com tudo».

Na verdade, é urgente chamar este homem à razão. Como é possível em Portugal, 1986, um presidente destes, por muito regional que seja?



Inauguração dos CTT junta Rocha Vieira e Amaral na Ilha Terceira

Impedido de se deslocar à ilha das Flores devido ao mau tempo e aos ventos cruzados que se abateram sobre a zona, Mota Amaral assistiu ontem em Angra (na Terceira), à cerimónia de inauguração da segunda estação automática dos CTT, presidida pelo ministro da República para os Açores, brigadeiro Rocha Vieira.

Rocha Vieira considerou no acto da inauguração que «é a estabilidade das instituições que permite desenvolver as opções de longo prazo com continuidade e com finalidades bem definidas».

O representante do Poder Central frisou, ainda, que todo o programa da autonomia regional «a sua evolução concreta têm uma importância indiscutível para o desenvolvimento de Portugal».

Rocha Vieira assinalou, por outro lado, o «valor simbólico especial» para os Açores da inauguração da central automática dos CTT, ao recordar que o arquipélago já esteve «no cruzamento das linhas do mundo, servindo de ponto de apoio das comunicações e comércio».

Açores: maiores benefícios

Viana Baptista, presidente dos CTT, lembrou, por sua vez, que se justifica «uma atenção e um empenhamento especial na programação dos investimentos em telecomunicações nas regiões fisicamente mais afastadas» e acentuou que, por isso mesmo, os Açores têm vindo a beneficiar de um «volume de investimentos per capita muito superior ao que se tem aplicado no continente».

Cavaco Silva no final do encontro com Mário Soares

"O Governo é o único responsável pela política externa"

«O Governo é o único responsável pela política externa e não delega a ninguém essa responsabilidade», considerou o Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, no final de uma audiência com Mário Soares, ao comentar para os jornalistas a visita do Presidente sul-africano, Pieter Botha, à região autónoma da Madeira.

O chefe do Governo, que evitou revelar quais as questões concretas tratadas no encontro de uma hora com o Presidente da República («foi

ram abordados temas da política nacional e internacional», disse), acrescentou que o dirigente de Pretória «não foi recebido por nen-

hum membro do Governo, tendo o presidente do Governo regional da Madeira, João Jardim, recebido particularmente Pieter Botha».

Cavaco insistiu que Jardim lhe descreveu a visita como de «carácter estritamente particular» e frisou que ela «não altera em nada a política externa de Portugal, nem poderia fazê-lo».

O Primeiro-Ministro indicou ter já anteriormente

abordado com Mário Soares a visita de Pieter Botha e recordou o facto de o Governo português ter recebido o presidente e o ministro dos Negócios Estrangeiros sul-africanos em 1983 e 1984 (era então Soares o Primeiro-Ministro).

«Hoje todavia acrescentou Cavaco Silva — a melhor forma de defender os interesses de Portugal é não ter qualquer contacto oficial com o Presi-

dente da África do Sul».

A audiência entre o Chefe de Estado e o Primeiro-Ministro teve lugar logo a seguir à reunião do Conselho Superior de Defesa Nacional, presidida por Soares e com a presença de Cavaco, onde foram aprovadas, por unanimidade, as leis de programação militar e nomeados os novos comandantes da Brigada Nato e da Região Militar Sul.

O encontro de Montemor-o-Novo

ESTE é um encontro com a História. Na nossa memória colectiva está gravada a imagem de terras que poderiam produzir pão, leite e carne, vinho, azeite e cortiça, submetidas a um regime de propriedade que não fixa as populações e lhes não garante trabalho. Sequer o pão do dia-a-dia. Terras de pouco emprego ou de desemprego, terras de fome. Já Bernardino Ribeiro falava do «pastor» fugido da aldeia chamada Torrião «quando as fomes grandes foram».

Este é um encontro com Abril. É necessário recordar que a acção libertadora teve fundamentos históricos e resultou vitoriosa mercê de condições sociais concretas. Não é possível derrubar, da noite para o dia, um regime de força que vigorou durante quase meio século sem que o País estivesse amadurecido para a ruptura e para a mudança. Entre essas condições sociais concretas é necessário incluir a estrutura agrária que, no que ao nosso extenso Alentejo concerne, vivia o conflito da propriedade latifundiária dos senhores ricos e da situação proletária dos camponeses pobres.

Este é um encontro com a Constituição. Revista em 1982 as suas consequências conhecidas, a Constituição de Abril estabelece uma política agrícola e de Reforma Agrária que tem como objectivos: «a) Promover a melhoria da situação económica, social e cultural dos trabalhadores rurais, pela transformação das estruturas fundiárias e pela transferência progressiva da posse útil da terra e dos meios de produção directamente utilizados na exploração para aqueles que a trabalham; b) Aumentar a produção e a produtividade da agricultura, dotando-a das infra-estruturas e dos meios humanos, técnicos e financeiros

adequados, tendentes a assegurar o melhor abastecimento do País, bem como o incremento da exportação; c) Criar as condições necessárias para atingir a igualdade efectiva dos que trabalham na agricultura com os demais trabalhadores e evitar que o sector agrícola seja desfavorecido nas relações de troca com os outros sectores; d) Assegurar o uso e a gestão racionais dos solos e dos restantes recursos naturais bem como a manutenção da sua capacidade de regeneração». Estes objectivos definidos no N.º 1 do Art.º 96.º, eram coerentes com a letra do N.º 2 do mesmo Artigo: «A Reforma Agrária é um dos instrumentos fundamentais da realização dos objectivos da política agrícola». E o Artigo 104.º da Constituição da República Portuguesa é claro no que preceitua: «Na definição e execução da Reforma Agrária, nomeadamente nos organismos por ela criados, deve ser assegurada a participação dos trabalhadores rurais e dos pequenos e médios agricultores, através das suas organizações próprias, bem como das cooperativas e outras formas de exploração colectiva por trabalhadores.»

Este é um encontro com o Estado de Direito. Caracteriza-se este pelo respeito da Lei e das decisões dos Tribunais. As sucessivas ofensivas contra a Reforma Agrária ofendem o espírito da Constituição e desconhecem ou deliberadamente violam decisões dos Tribunais. Quando autoridades regionais ou o próprio Governo da Nação não cumprem o que é de direito e resulta de decisões dos Tribunais competentes, é o Estado de Direito que é desrespeitado, espezinhado.

Este é um encontro com a Justiça. Com efeito é ofendida a Justiça não só quando a Lei não é respeitada e as decisões dos Tribunais são ignoradas como quando não se tem em conta a situação concreta em que vivem e trabalham os que só têm como riqueza a força dos seus braços. Lham os que só têm como riqueza a força dos seus braços. Lham os que só têm como riqueza a força dos seus braços. Lham os que só têm como riqueza a força dos seus braços.

Este é um encontro com a Liberdade. Que, com as

condições materiais da existência reduzidas à subsistência difícil, é a dignidade do homem e a sua autonomia moral e cívica que são ameaçadas. Só é realmente livre o cidadão que tem na vida segurança, que disfruta de condições de vida suficientes, que não depende, que não é explorado, que não é perseguido, que não é privado do direito a escolher e a dar a sua opinião, que não teme no presente e não receia o futuro. A Liberdade é uma verdade prática.

Contrariar Abril é, em síntese, o que vemos produzir-se com as sucessivas ofensivas, de doutrina política umas, de interpretação ou de deturbação jurídica, outras, que visam destruir a Reforma Agrária. Esta não é hoje, e apenas, uma conquista revolucionária, é um objectivo político de política grícola do Estado — definido na Constituição da República.

A Reforma Agrária, na exacta medida em que propõe uma remodelação da estrutura fundiária, filia-se numa tradição nacional de crítica à diferenciação dos regimes de propriedade e de cultivo da terra. Faz parte das conquistas populares e nacionais da Revolução de Abril. Ela é símbolo da ruptura, é um emblema da mudança.

E, sem Reforma Agrária, ficará frustrada a ruptura. E, sem Reforma Agrária, não haverá mudança. A Democracia nasceu, ou renasceu, da ruptura. A Liberdade — em relação à tirania — é mudança.

Este encontro da Reforma Agrária tem essa dupla referência — à ruptura e à mudança. E para não regressar ao negro período do «Estado Novo», para não regressarmos a 24 de Abril de 1974, ou a Maio de 1926, ou a 1933, temos que aprofundar a ruptura e radicalizar a mudança — o que só se fará em Democracia, defendendo a Democracia, plural e participada, de que os trabalhadores são a vanguarda e a força decisiva.

Hoje, aqui, é o Portugal de Abril, é Abril, que fala pela voz dos trabalhadores da Reforma Agrária. São eles a representação moral e cívica da consciência democrática do Estado de Direito.

Mulher, ser social de corpo inteiro? (2)

Barbara Lopes

Na primeira parte deste artigo, ocupei-me do que significa, quer para a mulher, quer para o grupo social em que se insere, a possibilidade de domínio da sua fertilidade. A concluir, podemos afirmar que o facto de a mulher ter, hoje, esse controlo operou o alargamento do seu papel social, historicamente reduzido à função reprodutora. É evidente que a mulher sempre tomou, como é sabido, parte activa no trabalho produtivo. O que aqui se refere é a conquista do estatuto de produtora, numa organização social em que, sendo a reprodução apreendida como dado imediato duma natureza ainda pouco dominada, a mulher, presa dessa natureza, não podia aceder a uma situação paritária como um homem que como vimos se vai definindo como tal, na medida em que transforma a natureza e a domina. Logicamente, a mulher irá ser, por muito tempo, ela também, instrumento de que o homem se serve na sua tomada de posse sobre o mundo. A sua situação vai, então, alternar entre a de animal de carga e a de animal de luxo — para retomar a conhecida expressão — conforme as exigências da produção e do prestígio, conforme as épocas e as culturas. Todos temos presente o esquema, segundo se trata de classes produtoras ou detentoras. No primeiro caso, à mulher é exigida, por razões de sobrevivência, a prestação de serviços, rudes, de um modo geral,

e servis. Acumula, com a sua função de reprodutora, uma parte importante do trabalho sem retirar dele um estatuto, isto é, o seu peso específico de elemento social, sujeito de deveres e de direitos. Ao contrário, a mulher das classes possidentes é cuidadosamente mantida na gaiola dourada do conforto económico e duma consideração social que lhe vem do nome do pai ou do marido, pelo que se aliena no mito da maternidade como finalidade primeira da sua existência e da qual retira a maior parte do seu peso social. A sociedade, orientada que é pela ideologia das classes dominantes, tudo concerta para lhe manter e valorizar a posição da subalternidade, que constitui um sólido fundamento do imobilismo social que àquelas convém.

O acesso da mulher ao estatuto de produtora constitui um factor imprescindível da mudança social, sem a qual as sociedades não avançam para formas superiores de organização. Se, para tornar possível tal acesso, necessário foi, e continua a ser, que a sociedade evolua e se transforme, é igualmente verdade que tais transformações se vão produzindo, em parte, pela intervenção da mulher. Ela, que é, à partida, «serva dos servos» ao tornar-se trabalhadora, reveste-se da mesma dignidade e luta ao lado dos que, de há largos séculos, procuram libertar-se da exploração e da violência.

Mais. Pela sua participação na criação da riqueza social, a mulher marca os seus actos de transformação e de posse do mundo com a força e a especificidade de um modo que lhe é próprio. Por esta razão, podemos, ainda, afirmar que, ao exercer a sua actividade, ela exerce o seu direito à diferença. Ao fazê-lo, torna mais rico o processo, pelo que a sociedade só perde, quando persiste em práticas obscurantistas de boicote à actividade feminina.

No entanto, é, mais ou menos, o que acontece, visto que a entrada e a afirmação da mulher no processo produtivo estão marcadas pelo sinal negativo de uma luta, longe, ainda, do seu fim. Luta que diz respeito a todas as mulheres que tiveram e têm a força e assumir as suas tarefas produtivas, inseridas na rede complexa das relações do trabalho. Porém, as coisas complicam-se muito para as que, tendo igualmente assumido as tarefas da reprodução, têm que construir o difícil equilíbrio entre as duas componentes da sua actuação social.

Nas condições actuais da sociedade que é a nossa, esse equilíbrio vai-o ela tentando à custa da renúncia pessoal a bens e a valores pelos quais tantas vezes se bate, como o direito à cultura, à saúde, ou, muito simplesmente, ao horário de trabalho, a que não tem acesso, na prática, ficando-lhe, do seu esforço, o sentimento de tentar «conciliar o inconciliável». Porque, nas sociedades como a nossa, a mulher que é mãe e participa no trabalho

produtivo recebe, geralmente, em troca, um horário de trabalho que perfaz, não raro, catorze ou quinze horas diárias de actividade, acrescidas do fim-de-semana, em que põe em ordem casa, roupas, compras. Oferece-lhe, igualmente, a tensão nervosa que lhe provoca o deixar os filhos em mãos geralmente mal preparadas, quando não acontece ficarem entregues a si mesmos e à rua. Oferece-lhe uma pesada culpabilização perante si mesma, perante os filhos, perante o grupo, pelo que procura, envergonhada, quase, justificações para a sua actividade, como se o facto de trabalhar fora de casa não constituísse um direito para ela e uma vantagem para a sociedade. Oferece-lhe as conhecidas dificuldades de aperfeiçoamento profissional e de progresso na carreira, que só vai conseguindo à custa de um esforço que a arruína. Oferece-lhe, ainda, a pesada herança cultural que faz recair, quase exclusivamente, sobre ela, o peso da casa e dos filhos, porque, quando o menino tem sarampo, não é geralmente o pai que falta ao trabalho, apesar da recente legislação, prejudicada que está por esta herança.

Afirmo que a mulher enriquece o processo produtivo, ao dar-lhe um contributo marcado pela sua natureza profunda. Para além disso, porém, a actuação da mulher tem uma vertente económica de largo alcance, mesmo quando exercida na esfera doméstica. Tal contabilidade é difícil, pelo que se resolve pela ne-

gativa. No entanto, está fora de dúvida que ela cria riqueza, de modo indirecto mas real, quando, pelo seu trabalho em casa, assegura a manutenção da mão-de-obra actual em situação de continuar a produzir, ao preparar-lhe as refeições, ao cuidar-lhe a higiene, ao tratá-la na doença. Ela realiza tarefas que o grupo não paga, ao tomar sobre si a maior parte da educação das crianças, ou ao cuidar os familiares doentes e idosos. Conheço uma mulher que cuida, em sua casa, uma avó de noventa e oito anos, paralisada na cama, e uma senhora de oitenta, que é sua sogra, e que cegou. O marido é um doente crónico. Esta mulher, que daqui saúde, e, nela, todas as que aguentam situações semelhantes, realiza uma função económica (além da profissão que exerce) que até é traduzível em números. Mas, quem o reconhece?

A vertente económica da actuação da mulher acentua-se poderosamente, porém, quando a estas tarefas se acrescentam as da maternidade, porque a mulher reprodutora assegura a renovação dos futuros contingentes de mão-de-obra. Ora, se não é evidente que ela não possa recusar-se a fazê-lo, se o faz, deve ser-lhe reconhecido, em termos de direitos específicos. Tais direitos deverão ter por objecto a pessoa que é a mulher e não o seu filho, principal objecto da preocupação da actual legislação que regulamenta a licença para parto.

Parece, pois, urgente que seja

reconhecido o valor económico da actuação da mulher em casa, se queremos uma sociedade mais justa, sem a exploração institucionalizada do trabalho feminino. Há, porém, na minha perspectiva, um dado a acrescentar ao problema e diz respeito à mulher que, assegurando a sua função social de reprodução, tem a coragem de assumir a sua quota parte nas tarefas produtivas. Digo coragem, porque este agente económico duplo sofre um desgaste que os seus companheiros mal adivinham. Chegada, ao mesmo tempo que os seus colegas de trabalho, ao momento de se aposentar, ela encontra-se, em virtude do duplo horário e da permanente tensão que as duas ordens de situações vivenciais lhe foram criando, num estado de cansaço e de envelhecimento que não lhe permite já o disfrute, em condições razoáveis, de um direito que ela conquistou durante uma grande parte da sua existência. Esta contabilidade também não está feita, mas, no fundo da questão, parece-me que isto corresponde um pouco a uma situação de sobretrabalho, fonte de uma mais-valia de que a sociedade se apropria, sem lhe dar nada em troca. Repare-se que, dum modo geral, nem sequer gastou com ela o correspondente aos apoios que deveriam ter-lhe sido dados e quase sempre lhe faltaram.

Parece-me urgente este reconhecimento. Uma forma de fazê-lo seria, talvez, criar condi-

Continua na pág. 4

ções diferenciais de acesso à aposentação para a mulher trabalhadora e mãe, reduzindo, por exemplo, a idade mínima ou o tempo de trabalho, e introduzindo como factor de ponderação, o número de filhos nascidos. Com a reforma por inteiro, como é óbvio. Outros países já o fazem. São países socialistas, é certo. Mas, será que não poderemos aproximar-nos, um pouco que seja, da prática da justiça que informa as respectivas estruturas sociais?

Bom será que comecemos a pensar em tudo isto, sem o que, continuaremos a fazer da mulher produtora / reprodutora uma cidadã de segunda, sujeita a uma dupla exploração. Bom será que comecemos. Porém, só depois de termos acabado com a situação dos numerosos cidadãos de terceira, que são as domésticas agrícolas, os desempregados, os trabalhadores com salários em atraso, os deficientes. Porque, enquanto um homem cego, só por sê-lo, tiver de tentar fazer música nos corredores do metro, para sobreviver, enquanto um trabalhador se suicidar, por não poder sustentar os filhos, não há problemas da mulher, activa ou não. Há problemas de sociedade. E muito graves.

Assembleia do Atlântico Norte

Portugal, Grécia e Turquia: maior importância estratégica

O deputado Angelo Correia chefiará a delegação portuguesa que participa na trigésima segunda sessão anual da Assembleia do Atlântico Norte, que está a decorrer em Istambul. Além de Angelo Correia integram a delegação portuguesa os deputados Cardoso Ferreira, Vargas Bulcão, Duarte Lima, Adérito Campos e Cândido Ferreira (PSD), Marques Junior, Roberto Amaral e Sá Furtado (PRD) e Adriano Moreira (CDS).

Ontem realizou-se a reunião da comissão permanente com os secretários das delegações nacionais. Hoje estão previstas reuniões das comissões da assembleia e dos grupos políticos.

A cerimónia de abertura oficial da sessão realiza-se segunda-feira. Estão previstas intervenções do Primeiro-Ministro da Turquia, Turgut Ozal, do secretário geral da NATO e do presidente do Conselho do Atlântico Norte, Lord Carrington.

No último dia da sessão o ministro dos Negócios Estrangeiros da Alemanha Federal, Hans Dietrich Gen-

schler, fará uma intervenção sobre o tema «Novos horizontes para a Aliança - Evolução dos desafios soviéticos à estabilidade e ao consenso».

Entretanto, num relatório da sub-comissão para a cooperação económica, que a assembleia irá discutir, afirma-se que a Grécia, Portugal e a Turquia têm hoje uma maior importância estratégica devido à evolução do equilíbrio estratégico regional.

Segundo este relatório o referido equilíbrio resultaria de um reforço da presença naval soviética no Mediterrâneo, do reforço do poten-

cial militar dos países do Médio Oriente e da costa sul mediterrânica e da dependência económico-estratégica da Europa em relação aos seus aprovisionamentos contínuos em petróleo e produtos petrolíferos por vias das águas mediterrâneas.

O relatório sublinha que por esse facto «a Grécia, Portugal e a Turquia revestem hoje uma importância estratégica muito maior do que no passado e devem assumir responsabilidades militares muito mais pesadas», «rehecendo no entanto que apesar dos esforços «particularmente elevados» desenvolvidos por esses países em matéria de despesas militares, «torna-se-lhes cada vez mais difícil responder às exigências militares que impõem a modificação da equação estratégica regional».

O documento conclui que a ajuda económica e militar a esses três países tornou-se

«indispensável se o Ocidente quer reforçar a sua defesa na região, sem esmagar regimes políticos relativamente frágeis».

Ainda segundo este relatório, «a Nato não tem no entanto capacidade para gerir programas económicos de grande envergadura» e até agora a ajuda bilateral por parte dos países membros da aliança Atlântica «tem sido muito desigual e provém quase exclusivamente dos Estados Unidos e da República Federal da Alemanha».

Salienta por isso que «uma mais larga participação dos países membros poderia contribuir para aumentar a assistência económica e militar» e apela para que, «bilaterais ou multilaterais, todos os esforços desenvolvidos tenham como objectivo assegurar a longo prazo um crescimento económico exponencial e a criação de estruturas económicas sãs».

CDS vai propor sistema bicamaral

O CDS debateu na sua sede nacional, em Lisboa, uma proposta no sentido da reintrodução em Portugal de uma segunda câmara parlamentar. Coube ao historiador Borges de Macedo (secundado no debate por Branco de Morais, Vieira de Andrade e Bigotte Chorrão), sintetizar a história do sistema bicamaral no processo constitucional português.

Borges Macedo teceu ainda considerações sobre a oportunidade da reposição do sistema na Constituição vigente - conforme assinala a nota do CDS relativa ao debate.

O debate, «destinado a habilitar a comissão de revisão constitucional para definir uma posição do partido em matéria de organização do poder político, no projecto de revisão» que o CDS está a preparar, centrou-se ainda no exame comparativo de outros sistemas bicamarais em países da CEE e nas repercussões da sua introdução em Portugal «face à circunstância de, presentemente, a representação dos interesses socio-económicos e locais ser deficitária».

EXPO MAR

A FEIRA DO MAR
NUM PAÍS DE MAR

SALÃO
INTERNACIONAL
DAS PESCAS
E DO MAR 7/16 NOV. 86

HORARIO - 15 H00/23 H00

FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA

COMPANHIA Tel. 2752175

TEATRO DE ALMADA

GEORGE
DANDIN

de MOLIÈRE

13 Nov. a 7 Dez.

21,30 - de 5ª a dom.

16 - dom.

sub. SEC/CMA

comissão

JOAQUIM BENTE

com

ADELAIDE JOÃO	ALFREDO SILVEIRA	ANTÓNIO ASSUNÇÃO
CARLOS GONÇALVES	EMA PAUL	LUIS VICENTE
TERESA ESTEVES	VITOR GONÇALVES	

"Um divertimento inteligente"

C. PORTO (D. Lisboa)

"Português"

M. RIO CARVALHO (JL)

TRIBUNAL CÍVEL DA
CAMARCA DE LISBOA
8.º JUÍZO

ANÚNCIO

CARTA PRECATÓRIA n.º 371 da 3.ª Secção, vinda da comarca de S. João da Madeira e extraída dos autos da Execução de Sentença que Manuel Germano de Almeida Trindade move a António Alberto Correia Rebelo, residente na Estrada de Benfica, 739, Loja 5, Lisboa.

Em 1986, Novembro, 20, pelas 14h00, à porta deste Tribunal, proceder-se-á à arrematação em hasta pública, pela primeira vez, para serem arrematados ao maior lance oferecido acima do valor indicado no processo, um lote de 550 pares de sapatos para homem e mulher, de diversos modelos.

Lisboa, 1986. Outubro. 15

O Juiz de Direito,
Jorge dos Santos

A Escriutária,
Rosa Maria Gomes Lourenço

«DL» 14/11/86 - 1.ª Pub.



MUNICÍPIO DE LISBOA
EDITAL N.º 81/86
TOPONÍMIA

Faz-se saber que ao abrigo do disposto na alínea g) do n.º 4 do art.º 51.º do Decreto-Lei n.º 100/84, de 29 de Março e no uso da competência conferida pelo art.º 102.º do Código Administrativo, conjugado com o art.º 95.º do diploma legal citado, aos arruamentos abaixo referidos foram atribuídos os toponímicos que vão indicados:

- Rua Cordeiro Ferreira, na freguesia de Alcântara (CP 1300),
RUA ALEXANDRE O'NEILL
Poeta
1924-1986
- Troço da Rua da República do Paraguai, constituído pelas antigas Rua C, Rua H e Ligação HC (CP 1700)
RUA CORDEIRO FERREIRA
Pediatra
1896-1981
- Impasse 5, à Avenida da Ilha da Madeira, situado entre as Ruas Jorge Álvares e Tristão Vaz (CP 1400)
RUA JORGE DIAS
Etnólogo
1907-1973
- Impasse 1, à Avenida Afonso Costa (CP 1900)
LARGO DO CASAL VISTOSO
Impasse 2, à Avenida Afonso Costa (CP 1900)
RUA PADRE GREGÓRIO VERDONK
Missionário
1904-1980
- Rua A de ligação entre a Estrada do Forte da Ameixoeira e o Bairro do Alto dos Sete Céus (CP 1700)
RUA DOS SETE CÉUS
- Rua A de ligação entre a Rua Major Neutel de Abreu e a Rua dos Soeiros (CP 1500)
TRAVESSA CARLO PAGGI
Diplomata Genovês
Século XVII
- Rua A, à Rua Tristão Vaz (CP 1400)
RUA NUNO BRAGANÇA
Escritor
1929-1986
- Rua 2, à Avenida dos Combatentes (Desenho n.º 18 300/CP 1600)
RUA AZEVEDO NEVES
Cientista e Vereador da CML
1877-1955

Mais se faz saber que a antiga Praça das Águas Livres, hoje integrada na Praça Ginásio Clube Português, (CP 1200), foi desta destacada, voltando a constituir arruamento distinto e retomando a sua anterior nomenclatura de

PRAÇA DAS ÁGUAS LIVRES

E para geral conhecimento se publica o presente edital.
Praça do Concelho de Lisboa, em 3 de Novembro de 1986

Por delegação do Presidente
O Vereador

MANUEL MARIA DE MENEZES PINTO MACHADO

Parlamento apanhado de surpresa: os murmúrios e a confiança

Aurea Sampaio

A notícia sobre as medidas governamentais no âmbito da Comunicação Social estatizada, designadamente, no que respeita à alienação de partes da Empresa Pública do Diário Popular caiu ontem como uma pequena bomba no Parlamento. Entre murmúrios de «isto é uma golpada» e manifestações de confiança — «o Governo não pode fazer nada sem a aprovação desta Assembleia» — dividiam-se as opiniões dos vários grupos parlamentares.

E que estava precisamente marcada para hoje a ratificação de um decreto lei do Governo sobre a alienação de bens da media estatizada. Acontece que a conferência de líderes realizada a passada quarta-feira decidiu, por unanimidade, o adiamento da discussão do referido diploma devido ao atraso que se tem verificado no cumprimento das agendas. Além do mais, vai iniciar-se para a semana o debate sobre a proposta do Orçamento de Estado para 1987 que manterá os deputados ocupados até Dezembro e que, no entanto, de alguns, «dará ao Governo um razoável espaço de manobra».

Enfim, havia quem duvidasse da «coincidência» do adiamento da ratificação do referido decreto e do anúncio, no dia seguinte, de medidas tomadas pelo Governo precisamente no âmbito da matéria contemplada naquele diploma.

«Leilão atribulário»

Foi o deputado socialista Jorge Lacão quem informou a Câmara sobre as medidas que momentos antes tinham

sido divulgadas pelo Ministro Fernando Nogueira.

Mostrou surpresa pelo Governo se ter antecipado às deliberações da Assembleia, afirmou que o secretário de Estado da tutela se escusou a prestar esclarecimentos sobre as empresas do sector público da Comunicação Social sem a presença do secretário de Estado do Tesouro e que «foi porque nós acreditamos na boa fé daquele membro do Governo que aceitamos o agendamento, aguardando esclarecimentos».

Jorge Lemos, do PCP, manifestou espanto pelas decisões do Governo «tanto mais porque a administração do Diário Popular se recusou a vir aqui prestar esclarecimentos sobre a situação de empresa». Recordou o relatório sobre o sector Público da Comunicação Social aprovado por unanimidade na Assembleia da República e no qual se afirma que aquele é não só necessário como viável «se para tal houver vontade política». Ora o que essa lei do Governo visa é promover «um leilão atribulário» dos media do Estado, mas «não pode fazer isso

contra a vontade unânime desta Câmara».

Registe-se para a história que o social-democrata Vieira Mesquita veio a terreiro em defesa do secretário de Estado Marques Mendes louvando a sua disponibilidade.

Enfim, seguiu-se uma conferência dos líderes parlamentares que deliberou por maioria marcar para o próximo dia 21, após a discussão do Orçamento, uma sessão plenária para debater o decreto-lei que regula a venda dos media estatizados. Para além do mais, foi decidido questionar o Governo sobre as medidas agora anunciadas para a empresa do «Diário Popular», bem como solicitar a comparência de um membro do Executivo para, na próxima segunda-feira, prestar esclarecimentos sobre o assunto à sub-comissão para a Comunicação Social da Assembleia da República.

«Os que nunca foram jornalistas»

De Comunicação Social já se havia falado antes. O deputado renovador Alexandre Manuel abordara o tema a propósito do Congresso dos jornalistas que amanhã tem o seu epílogo na Fundação Gulbenkian. Intervenção elevada de algum deslenguado mas que nem por isso deixa de ter grande importância. Até porque quem fala conhece por dentro a classe. Ele próprio jornalista profissional, Alexandre Manuel deu forte nos «que nunca foram jornalistas ou se algum dia, eventualmente, o foram já deixaram de o ser, mesmo quando detentores de uma

carteira profissional. São os comissários políticos que, colocados no interior dos diferentes órgãos de Comunicação Social apenas estão ao serviço da verdade que até talvez nem sempre seja a sua, mas é seguramente a verdade de quem, um dia, lá os colocou».

A ocasião serviu para que Jorge Lemos afirmasse que a questão da deontologia profissional — tema do Congresso — «passa pelas condições que são dadas aos jornalistas».

Por seu lado, o centrista Naranja Coissoró criticou o Sindicato dos Jornalistas e outras associações ligadas à classe «que nunca apareceram nos tribunais a apoiar os seus colegas nos casos que defendi sobre liberdade de Imprensa».

Ainda a visita de Botha à Madeira

Além do voto de protesto aprovado por todos os partidos da esquerda parlamentar — incluindo o MDP, por lapso, não referimos na nossa crónica anterior — a propósito da visita do Presidente da África do Sul à Madeira, a declaração suscitou ainda uma questão política do vice-presidente da bancada dos renovadores, José Carlos de Vasconcelos.

Começando por referir que a questão das autonomias tem limites, designadamente, a unidade da representação externa do Estado e da consequente unidade da direcção da política externa, Vasconcelos lembrou a condenação unânime que a comunidade internacional tem feito ao

regime do apartheid. Depois de se mostrar chocado pelo facto de João Jardim ter dito que o carácter privado da visita só servia para dar cobertura ao PSD, o deputado do PRD considerou que o que se passou tem uma leitura «ainda mais nítida» se se situar esta visita na sequência da atitude do Governo Regional de desrespeito ostensivo do luto nacional decretado pela morte do Presidente Samora Machel.

Ao contraditar, António Capucho (PSD) considerou esta posição «como reveladora de alguma hipocrisia». Lembrou o «pragmatismo» de Samora Machel que «não hesitou em sentar-se à mesa de negociações» com os sul-africanos e perguntou por que é que agora «se faz tanto barulho à volta desta visita» e não se passou o mesmo quando «um Primeiro Ministro que por acaso não é do meu partido recebeu em visita de Estado», o sr. Botha. Capucho referia-se a Mário Soares, e Vasconcelos disse apenas que «se nessa altura o PRD já existisse teria também protestado».

Das declarações que se seguiram à aprovação do voto de protesto o registo para um passo da então proferida pelo centrista José Gama: «Enquanto em países vizinhos se apeavam estátuas só porque elas perpetuavam feitos de portugueses, no país do Presidente Pieter Botha erguiam-se estátuas novas que, ao lado de padrões antigos, aí estão para continuar o nome de Portugal».

Palavras para quê? Falou um deputado português 11 anos após descolonização.

CSDN aprovou programação militar

O Conselho Superior de Defesa Nacional aprovou ontem por unanimidade, em reunião presidida por Mário Soares, as leis de programação militar para o quadriénio 1987/91. Elaboradas pela primeira vez, desde o 25 de Abril, as referidas leis prevêm a aplicação de 1,5 milhões de contos do OGE de 1987 em programas de reequipamento e infraestruturas militares.

Na mesma reunião, foram nomeados comandantes da Região Militar Sul e da Brigada Nato, respectivamente os brigadeiros Aurélio Trindade e Carreto Curto.

«Manobras da sucessão»

Entretanto, em artigo hoje inserido no semanário «o jornal», o brigadeiro na reserva e antigo membro do Conselho da Revolução, Pezarat Correia, aborda a sucessão de Salazar Braga na chefia do Estado Maior do Exército e considera Aurélio Trindade, pela sua «verticalidade» e «comprovada capacidade de decisão», um dos nomes que legitimamente devia ser considerado para CEME.

Visando criticamente as hipóteses Firmino Miguel («talvez nenhum militar tenha recebido tanto duma revolução a que deu tão pouco...») e Tomé Pinto («tem sabido gerir a sua indissolúvel ambição, tendo sempre em vista esta oportunidade...»), Pezarat Correia destaca ainda como nomes a considerar com justiça os generais Garcia dos Santos («dialogante, inovador, com sentido de gestão»), Franco Charais («experiente, conhece bem o País e as estruturas do Poder, o Exército e as outras Forças Armadas») e Belchior Vieira, «general altamente prestigiado, no meio militar e fora dele, no país e no estrangeiro».

«PS quer unir a esquerda sem o PCP, PRD e MDP/CDE»

Na sequência da notícia que ontem divulgamos sobre a conferência de Imprensa realizada em Setúbal para apresentação da Convenção da Esquerda Democrática, recebemos de Joel Hasse Ferreira um «esclarecimento» com o qual pretende «clarificar» o seu pensamento, «eventualmente pouco compreensível a partir da simples leitura da referida notícia».

Escreve Joel Hasse Ferreira:

«A Convenção da Esquerda Democrática tem, nomeada-

mente no distrito de Setúbal, uma participação maioritária de independentes nas próprias estruturas organizativas;

«A Convenção, como espaço de diálogo que procura ser, poderá contribuir poderosamente para a renovação de toda a esquerda democrática e portanto do eixo político natural dessa zona, o Partido Socialista;

«Paratiro que o trabalho preparatório da Convenção e o diálogo efectuado entre di-

versos sectores da esquerda democrática contribuirá para uma clarificação das diferentes propostas políticas de esquerda e para uma maior nitidez na demarcação das zonas de fronteira ideológica entre os projectos socialistas democráticos e o projecto comunista;

«Julgo ainda que é essencialmente do comportamento da esquerda democrática e da sua capacidade de renovação e inserção social que poderá depender uma redução da influência comunista no seio

da esquerda e a possibilidade de um declínio provávelmente lento da esfera de acção própria do PCP;

«Quanto aos activistas e eleitores do PRD e do MDP/CDE que se reconhecem na área da esquerda democrática (e serão certamente muitos) e estejam dispostos a apostar no diálogo, é certamente bem-vinda, no distrito de Setúbal, como em todo o país, a sua participação na Convenção da Esquerda Democrática e respectivos trabalhos preparatórios».

PRD apresentou cumprimentos a Cavaco Silva e Fernando Amaral

Embora ainda certamente em fase de alguma adaptação às novas estruturas, Ramalho Eanes tem vindo a desenvolver uma actividade bastante intensa no PRD. Depois da audiência com o Presidente da República, para apresentação de cumprimentos e para lhe dar conta das conclusões da Convenção Nacional, deslocou-se ontem à As-

sembleia da República, igualmente para apresentar cumprimentos a Fernando Amaral.

O presidente dos renovadores esteve na sala do seu grupo parlamentar, onde se reuniu com deputados e visitou as salas do PRD no Palácio de S. Bento.

Esta manhã uma delegação do PRD, também chefiada

por Ramalho Eanes, deslocou-se à residência oficial do Primeiro-Ministro para uma audiência inserida na série que a nova direcção política deste partido encetou para apresentação dos seus membros aos órgãos de soberania. Na próxima semana será a vez dos contactos com os partidos políticos.

Entretanto a Comissão Di-

rectiva Nacional reuniu ontem à noite para tratar de assuntos diversos da vida do partido, entre eles a questão do Orçamento, face às conclusões das recentes jornadas parlamentares, e questões de reestruturação interna.

Desta reunião não saiu qualquer comunicado.

EXCURSÕES

FERIADOS DE DEZEMBRO

AUTOPULLMANS DE LUXO ★ HOTÉIS DE 1.ª

ANDORRA • MADRID • ZARAGOZA	5 DIAS — PARTIDAS 29.11 e 6.12
SEVILHA • TORREMOLINOS • CEUTA	4 DIAS — PARTIDAS 29.11 e 6.12
TANGER • CEUTA	4 DIAS — PARTIDAS 29.11 e 6.12
MADRID • VALE DOS CAIDOS	4 DIAS — PARTIDAS 29.11 e 6.12
SANTIAGO DE COMPOSTELA	3 DIAS — PARTIDAS 29.11 e 6.12
SEVILHA • CORDOBA	3 DIAS — PARTIDAS 29.11 e 6.12
MINHO • GERES • CANIÇADA	3 DIAS — PARTIDAS 29.11 e 6.12

Reservas e informações na:

AVIC AV. 5 DE OUTUBRO, 53 — LISBOA
Telefones: 52 11 16/52 11 17/57 2970
OU NA SUA AGÊNCIA DE VIAGENS
GROSSISTA 473 85

Tours

Associações de Inquilinos constituem Federação

As quatro Associações de Inquilinos existentes em Portugal deliberaram constituir uma Federação Nacional Coordenadora, anunciou ontem a Associação de Inquilinos Lisbonenses.

A decisão foi tomada em Braga por ocasião da apresentação da Cooperativa de Inquilinos do Minho, que se junta às já existentes em Lisboa, Porto e Setúbal.

Os objectivos da Federação Nacional a constituir serão «conduzir o movimento dos inquilinos», representá-los junto dos órgãos de poder e ser interlocutor legítimo perante as instituições internacionais.

Recordando que 1987 será o «ano internacional do mal alojado», as associações cometem à futura federação a coordenação e dinamização das iniciativas a realizar nesse âmbito.

PS de Loures organiza debate sobre o concelho

O PS de Loures organiza dia 22 um encontro alargado sobre «as tarefas do partido no futuro do concelho», foi hoje anunciada.

No encontro participam, entre outros, António Guterres, responsável do PS pelo sector das autarquias, deputados à Assembleia da República e membros da Comissão Nacional do Partido residentes no concelho.

Está igualmente prevista a participação da presidente da Fun-

dação Antero de Quental, ligada ao poder local, Helena Torres Marques.

Vitor Ramalho, um dos organizadores do encontro, disse à agência NP que «o PS vai discutir tãco a tãco a presidência da Câmara de Loures nas próximas eleições».

A Câmara de Loures é de maioria APU, não tendo uma coligação PS-PSD, actualmente em fase de ruptura, conseguindo vencer as últimas eleições.

Barreiro constrói estação de tratamento de água

A Câmara Municipal do Barreiro vai construir em Coina, uma estação de tratamento, elevação e comando de água para abastecimento público, anunciou o Município.

A empreitada de construção civil da estação, orçada em 50 mil contos, foi já adjudicada, estando em fase de apreciação as propostas referentes ao equipamento electromecânico.

Segundo um comunicado da Câmara, a nova estação de Coina disporá de três bombas que elevarão a água para os reservatórios de Sete Portais, elevado de Coina, e um futuro reservatório na Baixa de Penalva, sendo as operações de bombagem comandadas automaticamente por sinais eléctricos.

A captação será feita através de um dreno construído em 1976, com 200 metros de comprimento e a sete metros de profundidade, que absorve a água nas margens do rio e as filtra através de diversas camadas de areia.

PSD apoia sindicância à Câmara de Braga

O PSD congratulou-se ontem com a decisão do Ministério do Plano e Administração do Território de ordenar uma sindicância à Câmara Municipal de Braga.

Em comunicado, a comissão política distrital de Braga do PSD sublinha que aquela diligência permitirá «esclarecer todas as dúvidas sobre eventuais ou alegadas irregularidades na gestão e funcionamento dos serviços da Câmara».

O documento exige «eficácia

e prontidão» na conclusão do inquérito, adiantando que «um estado de dúvida e de suspeição em nada dignifica o Poder Local e a gestão do interesse público».

O pedido de sindicância aos serviços da Câmara Municipal de Braga foi requerido pelo executivo municipal, com os votos a favor do PSD, CDS e APU, votos contra do PS e abstenção do presidente da edilidade. O PRD, que não se encontra representado no elenco municipal, é favorável à realização do inquérito.

Tribunal de Mirandela penhora edifício da Câmara Municipal

O Tribunal de Mirandela ordenou ontem a penhora de um edifício da Câmara Municipal e do carro da presidência.

A decisão do Tribunal foi tomada em consequência da falta de pagamento pela autarquia de uma indemnização de 800 contos, ordenada judicialmente a favor de um assalariado da Câmara Municipal demitido.

O edifício penhorado à Câmara situa-se na praça do mercado de Mirandela, enquanto a viatura era a que estava ao serviço da presidência do executivo.



O prazer da viagem

"Portugal em selos"

Lurdes Faria

Pode-se descobrir Portugal de muitas maneiras, e uma delas, cómoda pouco dispendiosa e ao mesmo tempo divertida, é através dos selos que os CTT têm editado. Chegam a todo o lado, aos sítios mais recônditos que nem sequer figuram no mapa. Tomemo-los, pois, como guias de viagem, aceitando os itinerários que nos oferecem. Pode-se também descobrir Portugal através da literatura, navegar nas páginas dos livros dos nossos autores seguindo a rota que nos apontam, de acordo com a sua fantasia.

Ora, «Portugal em selos» é uma edição de excelente apresentação gráfica em que ambas as vias se conjugam. Há nesse volume selos, pequenos roteiros de forma retangular que nos transportam a diversas regiões do País; há, ainda, textos de escritores do século passado que são documentos preciosos da terra que somos e do povo que a habita. Com os cavalos de raça (alter, lusitano, garrano e sorraia), reproduzidos nas estampilhas que Luís Filipe de Abreu criou, vamos fazer a travessia do Alentejo, do Ribatejo e de Trás-os-Montes, províncias de onde provêm. Em Madrid nas corridas de cavalos, ganhou um concorrente das cavalarías do conde de Sobral, «as cores vencedoras confundiram-se para nós, durante um momento, com as cores nacionais» narra o conde Ficalho, em 1900, num texto publicado na revista «A Caça».

Para o mistério dos castelos nos leva José Luís Tinoco, autor do conjunto de seis selos que evocam a memória mais remota da história de Aveiro, Beja, Guimarães, Bragança, Belmonte e Montemor-o-Velho. Também Eça de Queiroz viajou pelos «altos cumes» das serras, apeando-se num castelo sonhado, o do Grão-Ventura. De azenhas nos falam os selos de José Pedro Roque, e do artesanal costume de fabricar a farinha, enraizado num Minho de rios e riachos despoluídos onde se pescava o saboroso sável. Disso nos dá conta Camilo nas suas «Novelas», em que ironicamente repudia a imagem superficial de um Minho idílico, visto pela rama e relatado pelo lugar-comum. «O miolo, a medula,

as entranhas românticas do Minho», escaparam ao prosador a quem Camilo se dirige.

Mar

Por mares inúmeras vezes navegados, atraiemos nos portos das ilhas atlânticas, reiniciando a nossa vocação descobridora. Temos as sugestões de José Cândido para apreciar a arquitectura dos Açores, exemplificada nos quatro chafarizes oitocentistas que nos apresenta e que já viajaram, em muitos envelopes de cartas, pelo mundo fora. Bem como as fortalezas da Madeira que Maluda desenhou, vestígios da defesa dos autóctones contra a aventura corsária, ou ainda as reproduções das aves marítimas concebidas por José Pedro Priolo. Ao mar foi buscar um outro colaborador dos CTT, Alfredo da Conceição, os dois atuns que se prestam a enriquecer a culinária madeirense. E dos Açores, Alberto Cardoso nos remete o carro de bois e a carrocinha puxada por um carneiro que parecem coisas de brincar.

Que os portugueses gubem a arquitectura de uma região portuguesa, os Açores, não admira, mas já se torna mais convincente quando uma opinião estrangeira, neste caso a do inglês Joseph Bullar, vem em seu reforço, introduzindo no cenário de pedra «as figuras alegres de homens sequiosos e das raparigas graciosas que nas bicas matam a sede, com os corpos inclinados». Sobre o sobressalto das cidades, constantemente ameaçadas pelas investidas dos corsários, guerreiros dos mares, escreve António Feliciano de Castilho. Sobre as horas de vigília, as noites perdidas sem despregar

os olhos do oceano, de onde o perigo vinha — «... práticas de susto e conforto mituradas sussurravam por todos os cabos.»

Comemorar eventos e centenários é próprio dos selos. Assim faz-se constar, num registo memorável que em tal data surgiram os primeiros postais portugueses, que a Guarda Nacional Republicana foi fundada no ano um do século dezanove, trinta e três anos antes dos primeiros automóveis entrarem no país. Das «artes e ofícios» distinguem-se as Academias de Belas Artes, a Nacional e a do Porto, e a Ordem dos Engenheiros, emissões em que se esmeraram Luís Filipe Abreu e Luís Duran.

Por fim, cansados de tanto viajar, terminamos com a lembrança da viagem de Diogo Cão, da época em que tudo começou na caravela andarilha. Cá estamos, cinco séculos depois, na Europa dos Doze, amigos de Espanha, e tudo isto, por coincidência, ocorrendo em 1986, o Ano Internacional da Paz. Vem nos selos.

Terra

Derivemos para a literatura, nada melhor do que Júlio Dinis para nos descrever o significado do carteiro numa qualquer aldeia portuguesa. «Que hora de comoções aquela, em que se abrem as malhas, onde vêm encerrados porventura os destinos de tantas pobres famílias!...» Por outro lado, Ramalho Ortigão exalta a importância da arte na vida de um povo, enquanto Antero de Quental nos incita «a entrar outra vez na comunhão da Europa culta». Havia que, sem rejeitar o passado, pô-lo no seu lugar — o de passado — e caminhar para o futuro, o moderno. Trata-se de uma reflexão filosófica que recusa a imobilidade fatalista portuguesa, que nos devolve à missão da viagem... «Navegar é preciso», disse um outro poeta nosso. O maior, escusado referir o seu nome.

Mas parar, ficar em terra, amarras presas ao cais, é conveniente por vezes. Uma pausa

para a discussão como aquela que se desenrolou no Forum Picoas, em que um escritor, José Saramago, e dois professores universitários, de literatura portuguesa, Fernando Abreu e Alberto de Carvalho, se pronunciaram sobre «As Viagens da Minha Terra» de Almeida Garrett, livro cujo título coincide com o propósito deste «Portugal em selos».

Provavelmente Garret inventou a viagem a Santarém, a sua viagem não era verdadeira em termos físicos, mas certo é que com ele vemos Portugal. Conhecemo-lo. Na opinião de José Saramago, «As Viagens na Minha Terra» continuam a ser um livro actual, «quer na construção literária quer no estilo». Todavia um entendimento diferente de Garrett e da sua obra me pareceu ter Alberto de Carvalho, sobretudo quando afirma que o escritor tanto defendia um Portugal velho, o dos frades, como um outro novo, «o dos barões que apontavam para o futuro».

Numa posição mais próxima de Saramago se colocou Fernando Abreu ao chamar a atenção para as «Viagens», no plural, e atribuindo-lhe um sentido simbólico. «As Viagens» funcionam como pretexto para fazer comentário político, reflexão filosófica, crítica literária... Enfim, para muitas coisas. Não eram viagens inocentes, e tanto não eram que o texto de Garrett publicado em folhetim, numa revista dirigida por Castilho, foi interrompido ao quinto número. Porquê? Certamente porque incomodava, porque alguns poderosos da época compreenderam a metáfora.

José Saramago volta a insistir para que busquemos em «Viagens na Minha Terra» a pureza da língua e a sua musicalidade. Convida-nos a desligar o aparelho de televisão, que não nos propõe viagem nenhuma, e a mergulhar na leitura desse livro mágico, que, não sendo um livro específico de viagens, é uma viagem a Portugal. E todas as viagens têm algo de catártico, têm algo de aventura... até mesmo as sedentárias.

Escolas fechadas, árvores caídas, inundações...

Vento e chuva lançam o caos em Lisboa

Escolas fechadas, árvores caídas em diversas artérias, inundações em vários pontos da cidade, marcaram o fim da madrugada e as primeiras horas da manhã de hoje na capital. O vento, que chegou a atingir os 100 quilómetros por hora, e a chuva lançaram, pela segunda vez numa semana, o caos em Lisboa.

«Hoje foi o caos, a chuva foi muita e houve os problemas com as árvores caídas», declarou ao «DL» um informador da divisão de trânsito da Polícia de Segurança Pública. Por seu lado, uma fonte do Batalhão de Sapadores Bombeiros (BSB) referia que «isto é de mais, ainda não parámos», tal era o número de chamadas e apelos de socorro que chegavam aos diversos quartéis da corporação, enquanto que a meteorologia prevê melhoria para amanhã, com a promessa de chuva para domingo.

Escola Cesário Verde: foi-se o telhado

«Na Escola Cesário Verde, o telhado levantou e caiu a casa da porteira», declarou ao «DL» o elemento de piquete no Batalhão de Sapadores Bombeiros. Segundo a mesma fonte, a falta de condições de segurança, agravadas ainda pelo risco de curto-circuito, levaram ao encerramento daquele estabelecimento escolar.

O vento e a chuva provocaram danos noutras escolas, como no caso da secção de Santos da Fonseca Benevides, onde chovia nos corredores. De acordo com um informador daquela escola, o Conselho Directivo iria visitar as instalações durante a manhã de hoje e só depois decidir sobre o encerramento de algumas das salas de aulas. Segundo o «DL» apurou, cinco turmas, num total de pouco mais de uma centena de alunos, poderiam ter as suas aulas encurtadas.

Não foram apenas as esco-

las a sofrerem com a intempérie. Desde o fim da madrugada de hoje, e até ao meio da manhã, o Batalhão de Sapadores Bombeiros tinha recebido centenas de chamadas. «Temos o pessoal todo na rua, e isto ainda vai dar para muitas horas», continuou o mesmo informador.

Também as estações de Metro sofreram a consequência da forte bátega de água que originou pequenas inundações, à semelhança do que se passou um pouco por todo lado. A chuva transformou praças e largos, como em Alcântara, e o viaduto junto ao estádio do Sport Lisboa e Benfica, e troços da Avenida Calouste Gulbenkian estavam transformados em rios.

Árvores caídas travam o trânsito

As rajadas de vento, algumas das quais chegaram a atingir os 100 quilómetros por hora, criaram também dificuldades adicionais ao já habitualmente congestionado trânsito lisboeta. Árvores caídas, sinais arrastados, placards de publicidade comercial transportados pelo ar como se fossem panfletos, marcaram as primeiras horas da manhã na cidade.

Da Avenida Manuel da Maia, junto ao Instituto Superior Técnico, ao Calhariz e Estrada de Benfica, passando pela Avenida 24 de Julho, algumas das poucas árvores que ainda restam na cidade, foram «abatidas» pela força do vento, provocando danos em veículos e dificultando o trânsito.

Enquanto que o Largo de D. Estefânia ficou positivamente entupido devido ao descarrilamento de um eléctrico, um outro «amarelo» da Carris lançou o pânico na Rua da Alfândega quando os fios eléctricos caíram, provocando um curto-circuito que teve como consequência imediata um incêndio num veículo ali estacionado.

Devido às más condições de piso, sucederam-se também os pequenos toques, mas há a destacar um grave acidente, ocorrido durante a madrugada junto do Hospital de Santa Maria e a Universidade Católica, que provocou três feridos graves e a morte de um feto. De acordo com a informação da PSP, o carro sinistrado ficou literalmente partido em dois, o que pode explicar não ter havido piores consequências.

Passar a Ponte devagar

Nos acessos à capital também se registaram dificuldades, com a velocidade condicionada na Ponte 25 de Abril, devido aos ventos que chegaram a atingir os 90 quilómetros por hora.

A melhoria gradual das condições meteorológicas possibilitou, no entanto, que o trânsito automóvel naquele importante acesso à capital não fosse cortado, embora, como declarou ao «DL» uma fonte da Brigada de Trânsito da Guarda Nacional Republicana, a marcha fosse naturalmente lenta e as filas compactas.

A queda de braçadas das árvores que bordejam a autoestrada de Vila Franca de Xira criou, durante as primeiras horas da manhã, algumas dificuldades ao trânsito automóvel, o mesmo sucedendo com os automobilistas que tinham que passar pelo túnel do Cacém, que se encontrava completamente alagado.

Em contrapartida, segundo afirmou o oficial de dia à Brigada de Trânsito da GNR, a circulação na Estrada Marginal não diferia da lentidão já habitual, facto que, de acordo com o mesmo informador, se poderá a ficar a dever ao adiantado do mês...

Chuva volta no domingo

O temporal que se abateu sobre Lisboa teve origem, de acordo com o Centro de Previsão do Tempo do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica, «na aproximação e passagem de uma superfície frontal fria bastante activa».

A mesma fonte adiantou que, «antes da passagem, a frente provocou chuva e vento, do quadrante sul-sueste, que chegou a atingir os 100 quilómetros na faixa costeira». «Depois, dirigiu-se para o interior com menos vento, às 9 horas a rajada mais forte em Portalegre era de 90 quilómetros por hora», continuou.

Quanto aos valores da precipitação não foram muito elevados, «embora nalguns pontos se tenham registado valores consideráveis». «Em seis horas, Viana do Castelo registou 41 mm, o Porto 26», prosseguiu o meteorologista. De Lisboa, onde só começou a chover depois das 6 horas, ainda não eram conhecidos ao fim da manhã de hoje os valores médios da precipitação.

De acordo com a previsão do INMG, após a passagem da superfície frontal, virá um período de muita instabilidade durante a tarde, com a formação de trovoadas, vento forte e aguaceiros, para durante a noite a situação melhorar.

«Amanhã vai ser um dia muito razoável, mas para o domingo volta a chuva», concluiu o meteorologista do Centro de Previsão do Tempo.

Navio grego está a afundar-se próximo dos Açores

Um helicóptero da Base das Lajes tentava ao fim da manhã retirar do navio grego «Nissos Skopelos», que se está a afundar ao largo dos Açores, o comandante e segundo comandante, únicos tripulantes que ainda permaneciam a bordo.

Os restantes 24 tripulantes haviam sido transferidos de madrugada para o pesqueiro português «Navegante», depois do «Nissos Skopelos» ter sido considerado perdido.

A corveta portuguesa «Oliveira e carmo» dirigia-se igualmente para o local, mas até ao fim da manhã não havia atingido a zona do naufrágio.

O navio grego, de 6 mil toneladas, começou a meter água a noite passada, atingindo uma inclinação de 40 graus, o que terá levado o seu comandante a ordenar a evacuação de todos os tripulantes para o pesqueiro português que se encontrava nas proximidades.

A meio da manhã, o navio estava a 200 milhas a nordeste de Ponta Delgada e a melhoria das condições de tempo estavam a permitir uma actuação mais decisiva por parte das autoridades marítimas dos Açores, auxiliadas por meios aéreos das Lajes, na ilha Terceira.

FERIADOS DE DEZEMBRO

VIGO E MINHO	De 29 a 1 e 6 a 8	10 600\$
ALGARVE-AYAMONTE ..	De 29 a 1 e 6 a 8	7 300\$
MADRID	De 29 a 1 e 6 a 8	17 300\$
SEVILHA - ARACENA	De 29 a 1 e 6 a 8	13 200\$
GERÊS - CANIÇADA	De 29 a 1 e 6 a 8	11 000\$
FISGAS DO ERMELO	De 29 a 1 e 6 a 8	9 300\$
ANDORRA - MADRID	De 27 a 1 e 4 a 8	27 900\$
MADRID REAL	De 27 a 1 e 4 a 8	19 500\$
CEUTA - SEVILHA	De 28 a 1 e 5 a 8	25 500\$

CRUZEIRO IBIZA-PALMA

De 24 de Dezembro a 3 de Janeiro
Fazendo um espectacular «Réveillon»
em Andorra

NATAL E FIM DO ANO

CONSULTE O NOSSO PROGRAMA
40 CEIAS • VIAGENS DO MAR A MONTANHA
• RÉVEILLONS DE LUXO • CEIAS • BAILES
ESPUMANTE

LUSANOVA - TOURS

GROSSISTA N.º 435 83
RESERVAS NA SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

ESPAÇO TEMPO COOPERATIVA CULTURAL EDITORIAL E LIVREIRA, C.R.L.

Conservatória do Registo Comercial
de Lisboa

NOTA DE REGISTO

Apresentação n.º 12 em 13 de Fevereiro de 1986 ficou inscrita, de novo, provisoriamente, por natureza sob o n.º 360, a fl. 195 do livro J 2, os Estatutos de Espaço Tempo, Cooperativa Cultu-

ral Editorial e Livreria, C.R.L. em virtude de o registo n.º 259, a fl. 68, v.º do livro J 2, acima referido ter caducado.

Conservatória do Registo Comercial
de Lisboa, 13 de Fevereiro de 1986.

O Ajudante
(assinatura ilegível)

«DL» — 14/11/1986

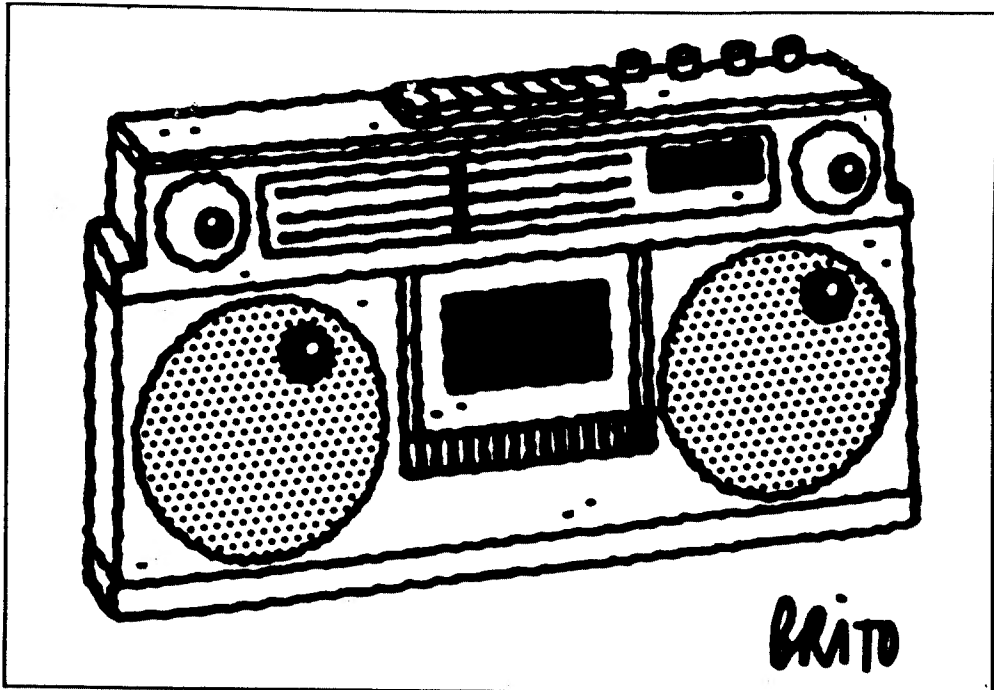


I Congresso Nacional na Vila Magna (Montechoro)

Rádios Locais "sintonizam" com a Assembleia da República

«A densidade de rádios locais nesta região e o facto de ela estar na vanguarda do processo de regionalização que se vai começando a discutir em todo o País justificam, sobejamente, que o I Congresso Nacional de Rádios Livres aqui tenha lugar» — afirmou esta manhã um elemento da comissão organizadora desse encontro alargado de animadores de rádios locais no auditório da Vila Magna, em Montechoro.

«Isto é interessante, porque agora sentimos que não vamos falar apenas uns com os outros, trocar experiências, o que, aliás, é importante: virem aqui os membros da Subcomissão Parlamentar de Comunicação Social estimula-nos bastante».



Cerca de cem representantes de rádios livres de todos os pontos do País debatem em Montechoro os problemas que lhes tocam, as dificuldades que sentem em cada dia que passa e, fundamentalmente, o atraso na legalização das rádios locais. Todos apostam no futuro da descentralização radiofónica ao nível mais local, e alguns admitem que venha a ser esse, inexoravelmente, o destino da própria produção televisiva em Portugal. Foi essa, de resto, a opinião que colhemos de um dos muitos intervenientes: «Hoje discutem-se aqui os problemas das rádios locais e os anseios daqueles que as animam, e provavelmente dentro de um ou dois anos muitos de nós estarão aqui, ou noutro lado qualquer, para debater a nossa intervenção na própria produção

televisiva regional».

Os cerca de cem animadores de rádios locais (a organização deste I Congresso Nacional deixou já claro a todos os participantes e representantes da Comunicação Social que só tardiamente se apercebeu da coincidência de no mesmo período decorrer em Lisboa o II Congresso dos Jornalistas, sentindo-se impotente para cancelar a iniciativa ante «a avalanche de cartas e telefonemas e, até, de inscrições») têm um outro bom pretexto para aqui se concentrarem: é que a Subcomissão Parlamentar de Comunicação Social, que se debruça sobre o licenciamento de rádios locais, está aqui em peso, ou pelo menos aqui era aguardada ao princípio da manhã, pois há muito reservou aposentos na Vila Magna.

Problemas de formação no centro dos debates

O prof. dr. Gomes Guerreiro, antigo reitor da Universidade do Algarve, preside aos trabalhos e nessa qualidade abriu esta manhã a sessão, durante a qual deverão ser já afloradas algumas das grandes questões que se colocam às rádios locais.

«Os poderes constituídos e as rádios locais» foi o primeiro painel posto à consideração dos participantes, introduzido por um dos elementos convidados pela organização para o apresentar. «As rádios locais como órgãos e meios ao serviço das populações» é o segundo grande tema da sessão de hoje — a primeira —, à tarde, para o qual está inscrito Fernando Reis, jornalista profissional e membro da Cooperativa de Rádio Guadiana que, no seio da juventude algarvia do Sotavento, tem desempenhado um papel importante quanto à formação jornalística e radiofónica, com o patrocínio do Fundo Social Europeu.

Aliás, no espírito de alguns dos participantes, além de tentarem sensibilizar os sete deputados da subcomissão (presidida pelo renovador democrata Alexandre Manuel) para os seus problemas e a necessidade de resolver a situação das rádios locais, está o de abordar, tanto quanto possível, as dificuldades que se lhes poderão colocar quanto à formação, porque «animar rádios locais, rádios livres, não é nem poderá ser, improvisar», afirmou Hélder Baptista responsável pela música nacional na «Rádio Solar», de Montechoro.

«Os apoios financeiros e a produção radiofónica» é o tema de uma exposição que o professor assistente director do Departamento de Novas Tecnologias da RTP, Lopes da Silva, amanhã aqui fará e que, naturalmente, por se tratar de tão especialista em questões desta natureza, aqui está a ser aguardada com grande expectativa. Do mesmo modo, aliás, que «A qualidade dos profissionais e a legalização das rádios locais mais apetrechadas», tema a desenvolver por um profissional da Comunicação Social.

A partir da próxima segunda-feira

"Telefonia de Lisboa" bem no centro da cidade

Uma nova rádio local destinada explicitamente à cidade de Lisboa vai iniciar emissões regulares diárias entre as 7 e as 13 horas a partir de segunda-feira, na frequência de 101.5 MHz em FM estéreo. Trata-se da «Telefonia de Lisboa», uma cooperativa em que participam, entre outros, Rui Pedro, João Paulo Guerra, João Alferes Gonçalves, Manuel Jorge Veloso e Ruben de Carvalho, e tecnicamente orientada por Moreno Pinto ao longo de 42 horas de emissão semanal.

A nova estação emissora tem a sua antena localizada em pleno centro de Lisboa, no Largo Trindade Coelho, e propõe-se fornecer no seu período de emissão uma alternativa de qualidade às rádios já existentes.

As emissões experimentais da «Telefonia de Lisboa» começaram a 25 de Julho e a estação dispõe hoje de cerca de 50 elementos, entre cooperadores e colaboradores, para assegurar seis horas de emissão diária.

Os cooperadores da «Telefonia de Lisboa» gastaram cerca de 2500 contos em equipamento e dispõem de material de fabrico britânico, japonês e espanhol, sendo que o emissor é de origem espanhola e tem a potência de 400 watts, o que garante condições de recepção normais na maior parte da área urbana de Lisboa e em grande parte da faixa ribeirinha da margem sul do Tejo.

Programação

De segunda a sexta, entre as 7 e as 10 horas, a «Telefonia de Lisboa» estará no ar com uma emissão conduzida por Mário Dias, de forte pendor informativo.

Às segundas, quartas e sextas, entre as 10 e as 11, o programa chama-se «Música para Ler» e procurará ilustrar musicalmente uma obra de um qualquer escritor. À mesma hora de terça e quinta, o programa chama-se então «Música ao Vivo», e, como o nome indica, divulgará registos de espectáculos editados ou não em disco.

Entre as 11 e as 12 horas das segundas, quartas e sextas será transmitido um programa de novidades anglo-saxónicas e brasileiras intitulado «Já C'a Cantam», e no mesmo horário, às terças e quintas, irá para o ar «Prato de Choque», um programa de Manuel Jorge Veloso sobre a música jazz.

Entre as 12 e as 13, a programação será diversificada, variando conforme o dia da semana: segunda, é a vez de «Navegações», de Rui Pedro, um programa de fusão entre textos e música; terça, passa «O Carmo e a Trindade», com Lisboa no primeiro plano; quarta, corre um programa ainda sem nome, de Manuel Jorge Veloso, e que procurará apresentar em cada edição dois álbuns de música portuguesa relacionados entre si; e sexta-feira será a vez de «Palavras Cruzadas», onde Ribeiro Car-

doso entrevistará figuras do momento procedentes das mais diversas áreas.

Fim-de-semana

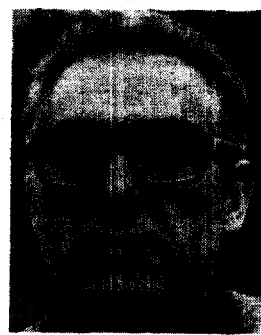
A programação muda no fim de semana de forma substancial: em primeiro lugar, aos sábados e domingos, a emissão só começa às 9 e vai até às 15 horas.

Aos sábados, das 9 às 12, passa um programa intitulado «Sabe a Sábado», e que será animado por diversos «disc-jockeys» de discotecas de Lisboa, proporcionando uma alternativa musical às outras estações. Depois, às 12 e até às 13 horas decorre um magazine semanal informativo chamado «101.5», e das 13 às 15 irá para o ar o programa «Águas de Março», dedicado à música brasileira.

Aos domingos, das 9 às 12, João Paulo Guerra faz um programa chamado «Dia Útil», que pretende informar os ouvintes sobre a utilidade de um dia geralmente considerado inútil, e das 12 às 13 o mesmo realizador e David Ramos assinam «Cozido à Portuguesa», um espaço de diálogo sobre as nossas comidas e sobre os sabores da mesa.

Finalmente, das 13 às 15, a equipa da revista «Contraste» realiza um programa intitulado «Alto Contraste», que semanalmente apresentará um tema diferente.

Mário Castrim



Pois é verdade, estimados

ouvintes, a partir de agora há um programa de rádio que vela pelo diálogo. Vá, dialoguem, não dialoguem logo, dialoguem logo, dialoguem já. Telefonem para o quatro, um, meia, dois, sete, meia, meia. Estamos aqui à vossa inteira disposição. Está lá? Está, está. Olhe, por favor, está a falar da Casa das Meias? Como? Pergunto se está a falar da Casa das Meias. É que eu calço quarenta e dois, é verdade, até tenho vergonha de dizer isto, mas é a verdade.

Perdão isto aqui não é a casa das Meias. Ai não? Então desculpe, sim, senhor Mendes? Ora essa, um erro qualquer tem. Podem continuar a telefonar para o quatro, um, meia, dois, sete, meia, meia.

Está lá? É o senhor Mendes? Ora boa tarde estimado ouvinte, então que há? É que o senhor Mendes que está a sempre a falar de meias, não me pode aviar aí uma meia-dose? Meu caro senhor, o meu meio...

Mau, o seu meia, não: a sua meia. Não, aí é que está, a minha meia é uma coisa... Bem entendendo, a sua meia é uma peúga... Pois, mas o meu meia, é número. O senhor Mendes é que me saiu um bom número.

Mas eu não quero saber dessas filosofias. Arranja-me ou não meia-dose de uma meia-desfeita? O estimado ouvinte equivocou-se, isto é a Rádio Renascença, não é um restaurante. Aqui estamos para servir os nossos ouvintes e para dialogar com eles. Podem discar para o quatro, um, meia, dois, sete, meia, meia. Está lá? Estou. É o senhor Mendes? Exactamente, minha senhora.

Olhe, é só para lhe dizer que aprecio muito o seu programa, é muito divertido, só não consegui foi decifrar a adivinha mas também lhe vou dizer uma. Uma meia, meia feita, outra meia por fazer...

Desculpe, avozinha, o meu programa... Perdão, eu já estou tão surda... Estou a dizer que o meu programa, volta e meia, vela por... Ah, percebo, é um programa de meia-tijela...

II Congresso dos Jornalistas Portugueses

A deontologia vive-se no dia a dia e não há textos que a resolvam

— disse um jornalista francês

«A profissão de jornalista em França é incompatível com o desempenho de funções publicitárias ou em Gabinetes de Imprensa» — afirmou o jornalista francês Edouard Guibert na segunda jornada, ontem efectuada, do II Congresso dos Jornalistas Portugueses, a decorrer com grande número de intervenções na Fundação Gulbenkian, e que sábado termina com a leitura das conclusões (caso essa leitura não seja antecipada para a tarde de amanhã).

Essa incompatibilidade — acrescentaria Guibert — estende-se a funções políticas ou económicas, a não ser que, para o primeiro dos casos, o jornalista tenha sido eleito.

Que posição perante o terrorismo?

Nos casos em que determinado jornalista foi, por exemplo, nomeado para porta-voz de qualquer organização política ou económica, o Sindicato, em França, procede imediatamente à apreensão da sua carteira profissional.

Referindo-se ao tema central do Congresso, a Deontologia, Guibert emitiu a opinião de que a mesma «vive-se no dia-a-dia e não há textos que a resolvam».

Acentuou a esse propósito: «A deontologia deve basear-se na discussão ao nível da Redacção sobre as questões mais complexas, como, por exemplo, o terrorismo.»

A informação sobre o terrorismo tem, em sua opinião, dois

pontos críticos: o silêncio e a espectacularidade. «Ambos têm de ser — disse — cuidadosamente ponderados e discutidos ao nível das Redacções.»

O problema dos Gabinetes de Imprensa

José Nobre Correia, da Universidade Livre de Bruxelas, situou a sua intervenção no âmbito do «Poder e contrapoder nos mecanismos da recolha da informação».

Assim, disse, «as classes dirigentes sabem que para fazer falar de si é preciso suscitar regularmente acontecimentos e é preciso organizar cuidadosamente a orquestração desses acontecimentos».

Acrescentou que essas classes sabem também que «precisam de controlar os mecanismos da recolha da informação» e, por isso, para um e outro caso, criaram os Gabinetes de Imprensa.

Para Nobre Correia, os Gabinetes de Imprensa destinam-se,

«na realidade, a filtrar, canalizar e manipular a informação e os jornalistas».

«Foram criados — acentuou — para melhorar a imagem de marca da instituição e dos seus dirigentes ou para desviar a atenção dos jornalistas de um facto realmente mais importante.»

Disse ainda que esses Gabinetes pretendem fazer crer ao jornalista de que pertence «a um grupo social privilegiado que compartilha o saber com os homens do poder».

Nessa perspectiva, é óbvio que «se põe o problema de saber se uma informação dada pelas gentes do Poder é ainda uma informação e de saber se a informação é precisamente o que os poderes não dizem».

No debate que se seguiu, foi ainda tratada a questão se as fontes de informação devem ser ou não citadas, tendendo os intervenientes para que as mesmas só devem ser protegidas em casos excepcionais.

«De uma maneira geral, as fontes devem ser sempre citadas para uma maior credibilidade da notícia» — foi dito durante o debate.

Mas a discussão maior centrou-se sobre se o jornalista deve, ou não, revelar as suas fontes de informação ao próprio chefe de Redacção e director do órgão onde trabalha, tendo havido uma divisão de opiniões sobre a questão...

Para não pôr em causa segurança do aeroporto

Projecto do Alto do Lumiar tem que ser reordenado

O projecto de urbanização do Alto do Lumiar, cujas obras deverão começar em Dezembro ou Janeiro, irá ser parcialmente reordenado por recomendação da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil (DGAC), soube hoje a agência NP.

Segundo uma fonte daquela Direcção-Geral, em algumas zonas contempladas no projecto do Alto do Lumiar terá de haver mesmo «uma redução substancial» do número de fogos previstos pela Câmara Municipal de Lisboa devido a «implicações na segurança operacional» do aeroporto.

Essa redução, adiantou a mesma fonte, poderá contudo ser compensada com o aumento da densi-

dade de fogos noutras áreas do projecto.

A orientação de alguns dos edifícios previstos para o Alto do Lumiar terá também de ser reordenada para não interferir com os radares do aeroporto da Portela.

A urbanização daquela zona de Lisboa, cujas obras deverão «arrancar» em Dezembro ou em inícios de 1987, prevê o alojamento de cerca de cem mil pessoas, designadamente as que vivem actualmente na zona da Musgueira.

De acordo com o plano da Câmara, trata-se de um «projecto integrado», onde as casas de habitação e os equipamentos sociais (escolas, zonas verdes, etc.) serão construídas simultaneamente.

Na Gambia

Acidente provoca dois mortos

Dois mortos é o balanço do acidente que ocorreu esta manhã às 8 e 5 na Estrada Nacional 10 que liga Setúbal a Faro, entre um comboio e uma viatura ligeira.

O acidente deu-se na localidade da Gambia, quando a viatura ligeira, um Fiat 124, matrícula DA-69-33 se despiu e foi alojado sobre a linha férrea no preciso momento em que passava o

comboio que devia chegar ao Barreiro às 9 horas. No veículo, que foi anastado cerca de 300 metros, viajavam Manuel Almeida Rocha e a sua esposa, Maria Adelaide Conceição Marques, respectivamente de 63 e 60 anos, residentes na Gambia.

Segundo responsáveis da GNR, a passagem de nível sem guarda na localidade da Gambia bem como o aciden-

tado físico da estrada que liga à ferrovia «são motivos de preocupação constante» pois ali se cruzam comboios com diversas velocidades e um tráfego automóvel intenso sem que seja possível prever eventuais acidentes.

A circulação naquela via férrea foi retomada um pouco antes das 9 horas, segundo apurou o «DL» junto do serviço de Relações Públicas da CP.

Wallraff:

«Jornalista incómodo»

Uma outra comunicação, que suscitou interesse e troca de impressões, foi apresentada por um grupo de jornalistas portugueses a trabalhar na República Federal da Alemanha, centralizada sobre a polémica deontológica gerada em volta de um famoso profissional — Gunther Wallraff —, considerado como «jornalista incómodo».

Wallraff faz um jornalismo de investigação, vestindo a pele de pessoas e vivendo as situações inerentes.

Wallraff é o autor do maior êxito editorial na história da Alemanha, livro traduzido em todos os países da Europa.

O jornalista relata a experiência que fez durante dois anos, quando, disfarçado de emigrante turco, trabalhou em diferentes firmas, ligadas a grandes empresas que se ocupam dos serviços sujos ou perigosos.

Assim, disfarçado de turco, Wallraff, 46 anos, teve a oportunidade de sentir o desprezo e as humilhações de que são alvo os emigrantes menos qualificados.

SJ criticado por emissão de certas carteiras

O Sindicato dos Jornalistas foi, entretanto, criticado por passar carteiras profissionais, sem quaisquer critérios, ao sector da Informação Desportiva.

A crítica inseria-se numa comunicação apresentada por Eduardo Miragaia e que se referia à qualificação necessária de um jornalista desportivo.

Aquele profissional salientou o facto deste sec-



tor de comunicação ser sujeito a pressões e de discriminações de clubes que «aos jornalistas bem comportados lhe dão lugar preservado e aos outros um lugar sujeito às intempéries.»

Um outro jornalista desportivo recordou o conceito que antigamente se tinha do «desportivo» como «um sector inofensivo» e alertou os jovens candidatos de que hoje «as pressões dos clubes são piores que as pressões dos tubarões da política».

O COMPLEMENTO NECESSÁRIO DA SUA INFORMAÇÃO

LEIA NO NÚMERO DE NOVEMBRO:

- O RESTAURO DOS PALÁCIOS DE LENINGRADO
"Reconstruiremos todos os lugares belos"
- RAIOS LASER ao serviço da ciência
- A República da Geórgia
- No colorido das Feiras Moldavas, o espírito alegra-se com a abundância

À VENDA



Assinaturas (pagamento adiantado por cheque ou vale de correio): 1 ano (12 números) — 200\$00
• 2 anos (24 números) — 350\$00 • 3 anos (36 números) — 500\$00 • Preço de capa — 50\$00
• Distribuição, assinaturas e vendas de números atrasados: Central Distribuidora Livreira (CDL) — Avenida Santos Dumont, 57, 2.º — 1000 Lisboa • 77 98 25 - 77 98 28

Empresas portuguesas a caminho da África

As empresas portuguesas, particularmente dos sectores agro-industrial, metalomecânico e da construção, poderão vir a participar em 130 projectos industriais em países africanos, segundo um convite da Comissão Industrial da CEE recentemente divulgado.

Os projectos, destinados a países da África Ocidental, serão apresentados durante o VII Fórum Industrial da África Ocidental, em Dacar, de 1 a 4 de Dezembro, em simultâneo com a feira internacional da capital senegalesa.

Alguns dos projectos têm financiamento assegurado e as empresas portuguesas, que pela primeira vez participam neste Fórum, têm oportunidade de penetrar nos mercados industriais da África Ocidental, nomeadamente nos sectores agro-alimentar, metalomecânico e da construção, que representam cerca de 63 por cento dos projectos apresentados, indicou a Comissão Industrial da CEE.

Os projectos são originários do Benim, Burkina Faso, Costa do Marfim, Gâmbia, Gana, Guiné-Bissau, Libéria, Mali, Mauritânia, Níger, Nigéria, Senegal, Serra Leoa e Togo, estando 48 ligados ao sector agro-alimentar, 24 à metalomecânica e nove à construção.

Vitor Constâncio, ontem, com jornalistas

É completa a distorsão do regime fiscal

• O Secretário-Geral do PS anunciou ter encomendado a Medina Carreira um projecto de lei sobre a reforma fiscal

Vitor Constâncio anunciou, ontem, a decisão do seu partido de encomendar a Medina Carreira a preparação de um projecto de lei sobre a reforma fiscal que, prometeu, estará pronto até à próxima primavera.

O secretário geral do PS que falava num encontro com jornalistas, afirmou que «é completa a distorsão do regime fiscal», acrescentando não se dever esperar mais «pela reforma total para começar a corrigir o que não é sustentável». Vitor Constâncio criticou o Governo por, em face de tal situação, se ter remetido a «um orçamento de rotina», sem qualquer «vislumbre de reforma».

Foi nesse sentido que o PS decidiu encomendar a Medina Carreira um projecto de lei de reforma fiscal a apresentar até à próxima primavera, disse Vitor Constâncio, tendo avançado algumas orientações que o PS deseja ver contempladas num projecto que venha a apresentar.

Tendo como preocupação essencial, reduzir a fiscalidade sobre o rendimento dos trabalhadores, a lei deverá consa-

grar o alargamento da base de incidência dos impostos directos e redistribuição da carga fiscal, corrigir o carácter regressivo da fiscalidade, agravado com a introdução do IVA, introdução de declarações anuais de património, harmonização das formas de tributação sobre capitais e tratamento integrado dos impostos sobre lucros e dividendos.

«Dados calamitosos»

«As Finanças Públicas atravessam uma crise, dentro da qual avulta o estado caótico do regime e da prática fiscal», afirmou Medina Carreira que recheou a sua intervenção de indicadores dessa situação.

As despesas públicas totais atingem, em 1986, cerca de metade do Produto Interno Bruto (PIB), tendo

crescido, este ano, em termos reais, 14 por cento.

A dívida pública directa deve chegar a 68 por cento do PIB quando se situava, em 1977, em 33 por cento. Só os juros dessa dívida correspondem, em 1986, a 34 por cento do PIB.

O peso destas despesas «provoca uma sobrecarga fiscal excessiva e mal distribuída», demonstrando o sistema fiscal uma incapacidade de financiar as despesas públicas: as receitas fiscais, que cobriam 89 por cento das despesas correntes, não ultrapassam, este ano, três quartos do despendido.

A carga fiscal agravou-se 170 a 230 por cento para os salários e 60 a 75 por cento para os lucros e dividendos. O sector agrícola está quase totalmente isento. «Em 1980, 0,25 por cento do número de contribuintes do imposto profissional proporcionaram 30 por cento das receitas respectivas». O número dos escalões mais elevados do imposto complementar desceu, de 1980

para 1982, de 2093 para 663. «Só cerca de 10 por cento do Rendimento Nacional é atingido pelo imposto complementar». A matéria colectável desse imposto é «95 por cento originada pelo factor trabalho».

«Se a estes índices de deplorável situação» afirmou Medina Carreira, «se acrescentar o enorme peso da tributação indirecta, regressiva em função do rendimento, agora reforçada pelo IVA, ter-se-á uma imagem das iniquidades existentes».

Medina Carreira defendeu ainda algumas medidas simplificadoras da prática fiscal como a supressão de numerosos impostos, sem alcance financeiro nem económico, a criação da guia fiscal única, a publicação do Anuário Fiscal e a ampliação da rede dos postos de informação.

«Execução Orçamental está à balda»

João Cravinho, também presente na conferência de imprensa, afirmou que urge ser feita a revisão da lei do

Tribunal de Contas, qualificando-a de «lei arqueológica». Aquele economista, responsável pela pasta das Finanças e Plano no governo-sombra do PS, disse que actual lei «não alcança a verdade económica da execução orçamental» e que «neste momento, a execução está à balda».

Medina Carreira, na sua intervenção, afirmou a esse propósito estar «a execução orçamental sem controlo político», uma vez que a Assembleia da República «nunca apreciou as Contas Gerais do Estado na vigência do actual regime constitucional» e que o Tribunal de Contas, em finais de 1981, em matéria de julgamento, tinha um atraso médio de 5 anos.

João Cravinho divulgou ainda a iniciativa de revisão do estatuto do Banco de Portugal. «Quem conhece o funcionamento dos países da Europa, conhece a importância que têm os Bancos Centrais», tendo denunciado existirem «tentativas de sonhegação do Banco de Portugal como instituição privada do Governo».

COTAÇÕES CRÉDITO COES PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	52\$05	58\$05
ALEMANHA FED. (marco)	72\$95	74\$15
ÁUSTRIA (selim)	10\$30	10\$50
BÉLGICA (franco)	35\$300	35\$50
BRASIL (cruzado)	35\$850	63\$350
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	106\$45	108\$95
(notas de 5 a 1000)	106\$95	109\$45
DINAMARCA (coroa)	19\$35	19\$75
ESPAÑA (peseta)	150\$6	151\$76
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	147\$45	150\$95
(notas de 5 a 1000)	147\$95	151\$45
FINLÂNDIA (marka)	29\$85	30\$45
FRANÇA (franco)	22\$30	23\$00
HOLANDA (florim)	64\$60	65\$70
IRLÂNDIA (libra)	199\$75	203\$75
ITÁLIA (lira)	\$096	\$111
JAPÃO (iene)	\$861	\$916
NORUEGA (coroa)	19\$60	20\$10
REINO UNIDO (libra)	210\$75	215\$25
SUÉCIA (coroa)	21\$20	21\$70
SUÍÇA (franco)	87\$95	89\$45
VENEZUELA (bolívar)	5\$15	6\$15

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Feira de Valência foi um sucesso

Máquinas para trabalhar madeira conquistam o mercado espanhol

A Espanha será, dentro de um ano ou dois o principal mercado para o sector português de maquinaria industrial de madeira, disseram à Anop os fabricantes portugueses que participam na Feira Internacional de Valência, Fimma-Maderalia.

Depois da adesão à CEE foram eliminados os direitos aduaneiros, da ordem de 36 por cento, que antes pesavam sobre o sector. Há liberdade total de exportação, os preços são inferiores aos espanhóis em perto de 30 por cento e a proximidade geográfica facilita os custos de transporte e assistência técnica directa.

Estes factores, aliados à qualidade e avanço tecnológico português neste campo, fazem pensar aos industriais que em breve a Espanha passará a ser o seu principal mercado externo, com uma dimensão equiparada à do mercado interno.

As empresas portuguesas só começaram a trabalhar este mercado, limitado então à Galiza, há menos de meia dúzia de anos e, mesmo assim, com pouca incidência, dados os elevados direitos e as restrições administrativas que oneravam as exportações.

Actualmente, alguns já contam com agentes e penetração na zona da Galiza e, nos últimos tempos, muitos industriais galegos vão comprar directamente a Portugal.

Os empresários portugueses ensaiam, agora, as formas de chegar a outras zonas importantes, como o País Basco, Astúrias, Catalunha, Valência e Madrid, principais centros de produção madeireira e de indústria de móveis.

As cinco maiores empresas portuguesas fabricantes de máquinas industriais para trabalhar madeira, que representam 95 por cento da produção nacional, participaram este ano, pela primeira vez, na Feira Internacional do sector, Fimma-Maderalia, a única em Espanha e que teve a sua vigésima segunda edição de 5 a 9 de Novembro, em Valência.

Neste certame, com a presença de 350 expositores, 60 deles procedentes da Itália, República Federal da Alemanha, França, Áustria, Holanda e Suíça, Portugal foi representado por um pavilhão, organizado pelo Instituto de Comércio Externo Português (ICEP), com as empresas Pinheiro, Mida, Frama, FAI, e ainda pela Jocar, que ocupou um espaço próprio.

Esta foi a primeira promoção do sector em Espanha, com bons resultados perante os contactos e encomendas durante a Feira — disseram industriais portugueses.

De acordo com as estatísticas oficiais, Portugal exportou para Espanha, em 1985, 37 242 contos de maquinaria industrial para trabalhar madeira, representando 6,4 por cento do total de 582 667 contos exportados.

Estes números são postos em dúvida pelos industriais portugueses. Um deles revelou à Anop que só ele tinha vendido, no ano passado, 30 000 contos a empresários espanhóis. Outro disse que vendeu 10 000 contos. Este ano

já ultrapassaram de longe estes números.

Um fabricante português disse que quintuplicou as suas vendas em Espanha desde a entrada dos dois países no Mercado Comum Europeu.

Os cálculos são difíceis pois há muitos industriais, sobretudo da Galiza, que compram directamente na fábrica.

A prova da abertura do mercado espanhol às máquinas portuguesas para trabalhar madeira voltou agora a ser feita: as cinco empresas participantes na feira de Valência venderam todas as máquinas expostas e receberam várias encomendas — disseram fontes do Instituto de Comércio Externo Português.

Os cinco fabricantes que integravam o pavilhão português expuseram uma dúzia de máquinas, a mais barata das quais custava 1300 contos. O valor total das vendas directas efectuadas na feira aproxima-se dos 20 000 contos, metade do total das vendas do sector para Espanha no ano passado.

Portugal também está envolvido

Reagan confessa venda secreta de armas ao Irão

O presidente Ronald Reagan confirmou ontem pela Televisão aquilo que era já impossível de ser desmentido: a venda secreta de armas a um dos mais ferozes adversários do seu país, o Irão. Os pormenores entretanto divulgados pela imprensa norte-americana apontam para o envolvimento de outros países, entre os quais Portugal, por onde terão passado alguns dos carregamentos de armas.

Ao falar pela televisão, Reagan tentou amenizar o que parece ser o maior erro dos seus seis anos na Presidência dos Estados Unidos. O facto, em si, não podia ser desmentido. A imprensa norte-americana revelara já suficientes pormenores sobre a venda secreta de armas ao Irão para que esta pudesse ser negada. O presidente norte-americano optou assim por se centrar na questão da quantidade de armas fornecidas e no objectivo da operação.

Segundo Reagan, a venda de armas ao Irão foi feita com o objectivo de melhorar as relações entre os dois países. O presidente negou em seguida que esta fizesse parte de um plano para libertar cidadãos do seu país feitos reféns no Líbano.

«Os Estados Unidos não trocaram armas americanas pela devolução dos reféns, nem o farão», sublinhou. No entanto, o presidente esclari-

receu que, ao longo das negociações secretas, tinha autorizado a transferência de pequenas quantidades de armas defensivas e sobressalentes para o Irão.

«Os vendedores de armas agiram com a minha autorização e esse era o sinal para Teerão perceber que estamos preparados para acabar com a animosidade», disse. Reagan salientou que os fornecimentos de armas «caberiam no seu todo dentro de um avião de carga e que não afectam o resultado do conflito nem a correlação de forças entre os dois países em guerra» na região do Golfo (o Irão e o Iraque).

O presidente precisou que a «diplomacia secreta» entre Washington e Teerão se iniciou há 18 meses, acrescentando que na última Primavera enviou confidencialmente a Teerão o antigo conselheiro da Segurança Nacional, Robert McFarlane, para de-

envolver contactos.

«Desde então o diálogo não tem parado e, passo a passo, continuam a fazer-se progressos», disse.

O presidente admitiu que com o seu gesto o Irão poderia usar a sua influência no Líbano para libertar todos os reféns que ali estivessem. Por outro lado, Reagan disse que desde que os contactos entre os dois países começaram, não mais houve indícios de cumplicidade do governo iraniano em actos de terrorismo contra os Estados Unidos.

Reagan precisou que havia quatro justificações para a «diplomacia secreta» com o Irão: melhoria das relações entre os dois Estados; fim honroso da guerra Irão-Iraque; fim do apoio ao terrorismo e à subversão; e libertação de todos os reféns.

A credibilidade das declarações do presidente está, contudo, ameaçada. Os pormenores revelados pelo «Washington Post» e o «New York Times» não permitem dúvidas quanto à envigadura da operação e aos seus efeitos ou seja, a libertação de reféns.

Entre Israel e Portugal

Na sua edição de hoje, o «Washington Post» revelava que um primeiro carregamento de sobressalentes militares norte-americanos fornecidos em Setembro ao Irão saiu por via aérea de Israel e passou por Portugal.

Um segundo carregamento foi fornecido ao Irão após 14 de Setembro, dia em que um refém norte-americano, o reverendo Benjamim Weir, foi libertado no Líbano, adianta o diário de Washington.

Embora não o referindo especificamente, o jornal deixa admitir que outros carregamentos de armas fornecidos pelos Estados Unidos ao Irão tenham utilizado o mesmo trajeto, com passagem por Portugal.

Conforme ontem noticiámos, o presidente do Sindicato dinamarquês da Marinha Mercante revelara que cinco embarcações dinamarquesas foram utilizadas na transferência de armas, tendo

partido de portos italianos, gregos e israelitas. A mesma fonte, adiantava que uma outra embarcação se encontrava agora a largo da costa de Espanha à espera de receber um carregamento proveniente das bases norte-americanas em território espanhol.

O «Washington Post», na sua cronologia relacionada com a divulgação dos fornecimentos de equipamentos militares a Teerão, afirma ainda que a aproximação diplomática norte-americana ao Irão teve o seu início durante o desvio para Beirute de um avião da TWA em Junho de 1985.

Os Estados Unidos compreenderam que a intervenção do Irão tinha conduzido à libertação de alguns dos reféns e o conselheiro de segurança Robert McFarlane explorou a possibilidade de novos canais diplomáticos para o Irão, acrescenta.

O jornal revela ainda que o director-geral do Ministério israelita dos Negócios estrangeiros, David Kimche, e alguns negociantes de armamentos israelitas sugeriram a McFarlane que os Estados Unidos poderiam demonstrar boa fé ao aprovarem alguns fornecimentos de peças sobressalentes militares para o Irão.

Em Janeiro, Reagan aprovou um plano secreto para explorar novos contactos com o Irão, de início excluindo qualquer negócio de armamentos, mas mudando de opinião em Abril.

Reagan contactou o então primeiro-ministro israelita, Shimon Peres, que ofereceu os serviços de um colaborador seu. De acordo com a cronologia do «Washington Post», houve novos carregamentos de armas em 3 e 4 de Julho, os quais foram seguidos pela libertação do reverendo Lawrence Jenko, e em Outubro, tendo David Jacobsen sido libertado em 2 de Novembro.

Significativas neste domínio são também as afirmações do primeiro-ministro iraniano, que ontem advertiu os Estados Unidos para não esperarem ajuda para a libertação de reféns norte-americanos no Médio Oriente enquanto retiverem envios de armas para Teerão.

Os negócios de Portugal com Teerão

O anúncio de hoje do jornal «Washington Post» de que Portugal serviu de escala para o fornecimento de armas norte-americanas ao Irão surgiu poucos dias depois de a imprensa portuguesa ter noticiado que Lisboa vende material de guerra para Teerão.

O mais recente carregamento de armas para o Irão tinha sido efectuado a semana passada. As armas seriam transportadas por um «Jumbo» civil da companhia «Iran Air» que aterrou no aeroporto da Portela.

Fontes militares árabes em Lisboa, citadas hoje pelo semanário «O Jornal», revelaram que o comércio de material de guerra entre Portugal e o Irão totalizou cerca de 20 milhões de contos nos últimos três anos.

As empresas portuguesas que exportam o maior volume de material de guerra para o Irão são a «INDEP» (Indústrias de defesa portuguesas), que reúne a antiga fábrica de Braço de Prata e a ex-fábrica nacional de munições e armas ligeiras, em Moscavide, a «Cometna», fundição de Oeiras e a «Extra» (explosivos da Trafaria).

A guerra Irão-Iraque, que começou em 1979, fez surgir um apreciável volume de encomendas de material de guerra de Portugal para aqueles países do Golfo Pérsico.

Chissano classifica o apartheid como o «inimigo número um»

O presidente Joaquim Chissano definiu o sistema do apartheid como «o nosso inimigo número um».

O chefe do Estado falava em resposta à mensagem de juramento de fidelidade que lhe foi apresentado por representantes das Forças de Defesa e Segurança.

«Hoje, o nosso inimigo núme-

ro é o sistema do apartheid, que organiza e orienta os bandos armados», disse. «É o sistema do apartheid que desestabiliza o nosso país social, económica e politicamente. É o sistema do apartheid que organiza a agressão», acrescentou.

Alertou para uma vigilância «contra as suas manobras divisionistas». «Vai tentar criar divi-

são no meio das nossas forças, por isso, devemos rejeitar as manobras do inimigo», exortou Chissano.

Recordou que o «momento exige que aprendamos da experiência que nós tivemos na luta armada de libertação nacional».

Durante a guerra de libertação surgiram no seio da Frelimo vá-

rias linhas tendentes a dividir a frente.

Chissano exortou as Forças de Defesa e Segurança a cerrarem fileiras e a rejeitarem as manobras do inimigo. «As nossas forças de defesa e segurança têm um único objectivo — preservar a paz, a nossa soberania e a nossa integridade territorial e a nossa independência», disse.

Fome em África

Quatro países africanos estão ainda numa situação de grave escassez alimentar — anunciou o director do Gabinete das Nações Unidas para o Apoio a África, Charles-Henri La Muniere. Os donativos mundiais melhoraram a situação de fome em grande parte de África, mas Angola, Moçambique, Etiópia e Sudão ainda se encontram numa situação grave — disse aquele alto funcionário da ONU. São necessários 232 milhões de dólares para aliviar o sofrimento naqueles quatro países.

Congresso do PAIGC

O IV Congresso do PAIGC encerra hoje em Bissau, depois de o presidente João Bernardo Vieira já ter dito que em 13 anos de independência «pouco ou nada se fez» no país.

Desde Novembro de 1980, altura da conquista do poder em Bissau por «Nino» Vieira, o PAIGC ficou privado da sua componente cabo-verdiana, pelo que nos últimos seus anos foi apenas o partido dirigente da Guiné. Durante os debates foram analisados um relatório do Comité Central, os novos estatutos e o programa do partido e eleitos os novos órgãos dirigentes do PAIGC, devendo os trabalhos ser concluídos esta tarde com um comício, a que se seguirá, à noite, uma recepção e um sarau cultural.

Prisão de timorenses

A Comissão Para os Direitos do Povo Maubere denunciou em Lisboa a prisão de timorenses e o prosseguimento de vastas operações de «cerco e aniquilamento» em Timor-Leste pelo governo da Indonésia. A Comissão Para os Direitos do Povo Maubere afirma, por outro lado, que no centro e ponta Leste de Timor-Leste os indonésios utilizam as populações como escudos humanos para aniquilar as forças da Fretilin.

Espanha e as Malvinas

O primeiro-ministro espanhol disse que o seu país apoia uma decisão tomada pela Organização dos Estados Americanos, apelando a uma rápida resolução da disputa acerca das Falkland/Malvinas, através de negociações entre a Argentina e a Grã-Bretanha. Felipe Gonzalez, no termos de uma visita de três dias ao Peru, afirmou numa conferência de Imprensa que a resolução adoptada dois dias antes na sessão ministerial da Organização dos Estados Americanos (OEA) coincide com a posição do seu país relativamente às recentes declarações da Grã-Bretanha quanto à extensão da sua zona de pescas.

Assassínio nas Filipinas

A presidente das Filipinas, Corazón Aquino ordenou a caça aos assassinos do líder de esquerda Rolando Olalia, cujo corpo, esquartejado, foi ontem encontrado nos arredores de Manila. Militantes de esquerda ameaçaram com grandes manifestações de massas até que Corazón Aquino demita o ministro da Defesa Juan Ponce Enrile. Os apoiantes de Olalia acusam o ministro da Defesa de ser o instigador do assassinio.

Eleita «miss mundo»

GISELLE Jeanne-Marie Laronde, natural da República de Trinidad-Tobago, nas Caraíbas, foi ontem à noite eleita Miss Mundo. A nova miss é secretária, tem 23 anos de idade e mede 1,65 metros de altura. No trigéssimo sexto concurso de beleza Miss Mundo participaram 77 jovens de outros tantos países dos cinco continentes e a cerimónia que foi transmitida em directo pela televisão para 35 países, decorreu no Royal Albert Hall, na capital britânica.

Irão ataca Bagdad

O Irão anunciou um ataque a Bagdade com mísseis terra-terra, seis horas depois de ter sido noticiada uma violenta explosão na capital iraquiana. Um comunicado dos guardas revolucionários diz que o míssil incendiou o edifício do Ministério da Defesa em Bagdade. Trata-se, segundo Teerão, de uma retaliação de ataques iraquianos a zonas vitais do Irão.



José Sarney, presidente da República, condecorou o juiz Afonso Arinos, presidente da Comissão Provisória de Estudos Eleitorais, após a entrega do trabalho de ano e meio dos 50 membros da Comissão

Uma Constituição para enterrar o fantasma da ditadura militar

Daniel Reis

A duração do mandato do actual presidente José Sarney, por quatro, cinco ou seis anos, é uma das questões — chave posta aos 69 milhões de eleitores no Brasil. José Sarney anunciou que não se candidatará quando o próximo presidente for eleito, já segundo as regras ditadas pela Assembleia Constituinte a escolher amanhã, juntamente com os governadores, e os deputados estaduais.

O seu partido, o PFL, quer que ele fique no cargo por seis anos para assegurar uma transição calma para a democracia plena. Ao contrário, o PMDB, parceiro maioritário da coligação que elegeu Tancredo e sustenta Sarney, só admite um mandato transitório de quatro anos, ou até menos.

Dependerá de quem tiver a maioria na Constituinte a decisão sobre esta matéria no primeiro texto constitucional elaborado após a queda da ditadura militar.

Embora tenha passado quase completamente despercebida durante a campanha eleitoral, afogada na guerra das siglas e dos ataques cruzados entre candidatos a governadores, que

dominaram a cena, a escolha da Constituinte é um dos objectivos prioritários da densa jornada eleitoral de domingo próximo.

Ao Congresso Constituinte, formado por senadores e deputados federais, vai caber a tarefa de elaborar e votar a sétima Constituição brasileira, quarta da história republicana do país, quase um século depois de os ideais de Ruy Barbosa serem corporizados na Magna Carta que consagrou a República, em 1891.

Os constituintes vão iniciar o seu trabalho no ano em que se comemora o 40.º aniversário da Constituição que acabou com o regime fascizante de Getúlio Vargas e que foi rasgada pelo golpe militar de 1964. Actualmente ainda está em vigor a Constituição de 1969, instituída pela Junta Militar que sucedeu, à frente da ditadura, ao general Castelo Branco, embora muitos dos Actos Institucionais que a complementaram já tenham sido abolidos ou pura e simplesmente não sejam aplicados após a eleição de Tancredo Neves.

Esta Assembleia Constituinte nasce, no entanto, sobre um equívoco político de base.

Tancredo Neves, que se preparava para uma presidência forte, prometeu no decurso da campanha da Aliança Democrática que dividiria as próprias forças remanescentes da ditadura, nomearia uma comissão alargada, representando todos os sectores políticos e sociais para elaborar uma proposta de Constituição.

Tancredo contava liderar os trabalhos da própria Constituinte com o apoio dos deputados que o elegeram.

Morto Tancredo Neves, José

Sarney cumpriu a promessa e empossou uma Comissão de 50 membros, presidida pelo juiz Afonso Arinos, que entregou a sua proposta no dia 18 de Setembro, já com a campanha eleitoral ao rubro, um ano e meio depois de iniciar os seus trabalhos.

A Comissão que, segundo Tancredo Neves, devia preparar o **lombo da Constituição** integrou representantes de interesses tão diversos e tão opostos como as das centrais patronais e sindicais, os grandes patrões da indústria, figuras das letras, das artes e da cultura e, sobretudo, políticos e economistas.

Uma proposta socializante

Esta salada de gente e de interesses foi contestada no início pela esquerda sob acusações de elitismo, mas conseguiu levar a tarefa a cabo ao fim de ano e meio de reuniões, muito por influência e pela dedicação do velho experimentado jurista Afonso Arinos. O calhamaço onde se reúnem os 468 artigos da proposta constitucional e os documentos que lhe serviram de base foi entregue ao presidente Sarney, um circunstancialismo político radicalmente diferente e já com a total oposição dos conservadores.

Arinos procurou esvaziar a contestação dizendo que se tratava, basicamente de **subsídios para auxiliar os constituintes**.

Nestas circunstâncias, o trabalho da Comissão acabou por ser praticamente posto de lado, quer porque as eleições estavam já em marcha quer porque os candidatos a constituintes garantiam não abdicar das suas prerrogativas. O próprio Ulisses Guimarães, pre-

sidente do PMDB, o partido que com toda a probabilidade deve ganhar a maioria absoluta dos lugares das duas câmaras, tratou de avisar que não admitiria limitações ao trabalho da Assembleia Constituinte e que a proposta do juiz Arinos nem sequer seria utilizada como documento indicativo.

Comentava-se, no entanto, por essa altura, no Brasil, que caso se confirmasse maioria do PMDB, as propostas apadrinhadas por Afonso Arinos não deixariam de ser tidas em conta, pois ele próprio é candidato, com lugar quase garantido, e pertence ao directório do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB).

A contestação direitista ao documento partiu fundamentalmente de empresários ligados aos interesses das multinacionais estrangeiras que rejeitaram em alta voz o tom socializante da proposta constitucional.

O fogo dos conservadores assenta em particular nas restrições previstas ao capital estrangeiro e à posição clara de defesa das empresas nacionais, assim como à redução do horário semanal de trabalho de 48 para 40 horas que a Comissão Afonso Arinos igualmente recomenda.

Presidencialismo atenuado pelo governo parlamentar

A proposta que hoje dorme nas gavetas do Palácio do Planalto, em Brasília, e que corre o risco de nem sequer ser acordada, tem como linhas de força um regime presidencialista misto em que o presidente da República é eleito pelo voto universal, mas em que o Governo obedece a uma base parlamentar.

Os deputados seriam escolhidos segundo um sistema igualmente misto, metade por eleição popular e outra metade nomeada pelas direcções dos partidos. Propõe-se também a criação do «Defensor do Povo», correspondente ao promotor da Justiça, em Portugal, e a descentralização das receitas tributárias, à semelhança do que se faz no nosso país com a Lei das Finanças Locais.

Continua na pag. 13

A comodidade dos Expressos

RN RODOVIARIA NACIONAL

começa logo no serviço de reserva telefónica

54 54 39

54 58 26

54 57 75

Em Lisboa, disponha agora do nosso serviço de reserva telefónica que funciona para si todos os dias, das 09.00 às 13.00 e das 14.00 às 18.00.

Marque o seu lugar através da simplicidade e rapidez dos telefones indicados até às 18.00 do dia anterior ao da viagem.

E, para além deste serviço, beneficie da possibilidade de compra antecipada de bilhetes até 6 dias antes daquele em que viajará.

RN RODOVIARIA NACIONAL

UMA GRANDE EMPRESA DE

EXPRESSOS R. N.
a comodidade começa antes da viagem

As principais "chapas" em confronto

PMDB — Partido do Movimento Democrático Brasileiro (é chefiado por Ulisses Guimarães, presidente do Parlamento Federal e detém, actualmente, a maioria na Câmara Legislativa).

PDT — Partido Democrático Trabalhista (de Leonel Brizola, está no poder no Rio de Janeiro).

PDS — Partido Democrático Social (de Paulo Maluf e da grande maioria dos ex-integrantes da Arena, que suportou politicamente a ditadura).

PFL — Partido da Frente Liberal (é o partido do presidente José Sarney e segunda organização em número de deputados, no Parlamento).

PL — Partido Liberal (concorrente principal do PMDB em Estados importantes como Minas

Gerais).

PTB — Partido Trabalhista do Brasil (antiga organização ressuscitada por António Emílio de Moraes, em S. Paulo, e que já elegera o seu pai para cargos federais).

PT — Partido Trabalhista (de Inácio da Silva Lula e congregador principal dos sindicalistas da cintura operária de S. Paulo, o famoso ABC das mais duras greves da era moderna).

PCB — Partido Comunista Brasileiro (mantém a ortodoxia e as ligações internacionais do tempo em que os comunistas do Brasil ainda não se tinham dividido).

PC do B — Partido Comunista do Brasil (resultante de uma dissidência maoísta no interior do original PCB).

O BRASIL VAI AMANHÃ ÀS URNAS

ALIANÇA

POPULAR

DEMOCRÁTICA

É ISSO

MOREIRA

GOVERNADOR

FERNANDO DE CARVALHO
DEP. FEDERAL 1402



PROF.
LEDA PUELL
DEP. ESTADUAL-14272

Rio
Nosso amor
Nossa vergonha
Nosso medo

A vitória do Rio.

É preciso unir para mudar

Volante de propaganda da Aliança Popular Democrática, que apoia Moreira Franco para governador, contra o vice de Brizola, Darcy Ribeiro. O tema do medo pelo recrudescimento do banditismo na cidade domina a propaganda eleitoral desta frente que tem como força principal o PMDB. Dos 130 milhões de habitantes do maior país da América Latina, 69 milhões, incluindo os analfabetos, vão amanhã às urnas.

Continuação da pág. 12

É a feição socializante do documento, devida à forte influência dos peemedebistas da Comissão Arinos que encontra a global oposição das forças conservadoras; mas não são contestadas com menor virulência recomendações como a que manda entregar aos camponeses as parcelas de

terra inferiores a 50 hectares em que trabalhem durante cinco anos.

Documento absurdo em razão do seu carácter estatizante e xenófobo chamava-lhe um dos mais importantes diários de S. Paulo que, por isso mesmo, recomendava em título do editorial Lata do lixo para esse calhamaço. Se esse projecto fosse

aprovado — lia-se no artigo — impediria a consolidação da democracia entre nós e comprometeria o próprio futuro económico do país.

A evolução posterior da política brasileira e a febre das campanhas eleitorais levou a proposta da Comissão Provisória de Estudos Constitucionais ao lim-

bo do esquecimento; mas se o PMDB confirmar as sondagens que lhe atribuem a maioria absoluta nas intenções de voto para a Constituinte, não surpreenderia que muitas das teses da Comissão venham a ser agitadas, principalmente se o juiz Afonso Arinos puder fazer ouvir a sua voz na bancada da maioria, como, tudo o indica, virá a acontecer.

Acentuado pelo presidente Sarney: Campanha eleitoral transformou-se numa grande festa democrática

Ao encerrar a campanha eleitoral, que durante mais de dois meses se estendeu pelo imenso Brasil, o presidente José Sarney acentuou o facto de a campanha ter decorrido em paz, sem incidentes de maior e sem afectar a rotina da vida brasileira.

«O povo vive um momento de intensa participação, uma grande festa democrática e transforma-se no agente das mudanças pacíficas, para promover com estas eleições a justiça social e a felicidade», disse o presidente em discurso transmitido em directo por todas as cadeias de televisão.

Sarney disse que «este pleito tem um significado de excepcional relevância» e que a convocação da Assembleia Nacional Constituinte foi resultado «da grande unidade que se formou neste país pela consolidação das instituições, consolidação do poder político, pela estabilidade económica, pela melhoria das condições de vida do povo, pela prioridade aos mais pobres, pelo crescimento, pelo fim do desemprego».

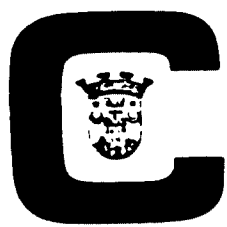
Segundo Sarney, com a abertura da via democrática após a eleição de Tancredo Neves no Congresso Nacional, uma nova mentalidade e uma nova visão estão a ser criadas no Brasil.

«O país mudou», acentuou ele.

Pela primeira vez neste século foi assegurado o exercício do direito de voto aos analfabetos, «um passo decisivo para que não haja discriminação entre os brasileiros». Isso fez com que mais de 69 milhões de eleitores tenham transformado o Brasil no segundo maior eleitorado do mundo ocidental.

Também nunca houve tantos candidatos e partidos concorrendo a eleições no Brasil, recordou Sarney, explicando isso pelo facto de se ter assegurado «ampla liberdade de organização política».

O presidente Sarney garantiu, entretanto, em entrevista ao jornal «Le Figaro» que após as eleições os dois partidos que compõem a Aliança Democrática, o PMDB e o PFL — ele é presidente do Partido da Frente Liberal — continuarão unidos para consolidar o processo democrático.



Câmara Municipal de Sintra

COMUNICADO À POPULAÇÃO DA FREGUESIA DE AGUALVA-CACÉM

Executadas as obras do terminal rodoviário do Cacém, dentro do prazo a que a Câmara Municipal de Sintra se comprometeu, vem esta Autarquia anunciar que a partir do próximo dia 15 de Novembro as carreiras da Rodoviária Nacional se passarão a desenvolver nos moldes anunciados no passado dia 3 de Outubro, e que se repetem:

«As carreiras Bairro da Tabaqueira-Cacém e S. Marcos-Cacém serão prolongadas até Mira Sintra, tendo vários reforços entre Mira Sintra-Cacém (Est.) e Mira Sintra-Bairro Joaquim Fontes.

As carreiras Cacém (Est.)-Bairro Joaquim Fontes e Cacém (Est.)-Lopas passarão a desenvolver-se em dois circuitos de forma conjugada, a fim de evitar transbordos de quem, por exemplo, pretenda deslocar-se de Lopas ao Bairro Joaquim Fontes, ou vice-versa.

No novo esquema de carreiras será criado um terminal na Rua Afonso de Albuquerque, no sentido Av. dos Bons Amigos-Estação, o qual servirá todas as carreiras idas da Av. Elias Garcia bem como as carreiras de reforço que descem a Av. dos Bons Amigos. Saídas deste terminal todas as carreiras subirão a Rua D. Nuno Álvares Pereira. As carreiras que descendo a Av. dos Bons Amigos sigam para a Av. Elias Garcia terão paragem na Av. dos Bons Amigos. (vide eq. 1).

Com este esquema de carreiras e pela localização do terminal rodoviário, é convicção desta Câmara que toda a população que no dia-a-dia utiliza os transportes públicos passa a dispor de melhores condições na ligação do transporte rodoviário ao ferroviário e vice-versa. Por outro lado as condições de espera pelos autocarros assim como as condições de segurança saem melhoradas, na medida em que as populações passam a dispor de abrigos e não necessitam de atravessar a via para se dirigirem ao comboio.

Para que este esquema de carreiras possa funcionar torna-se necessário introduzir algumas alterações no esquema de circulação. (vide eq. 2).

- No sentido descendente da Av. dos Bons Amigos, a viragem à esquerda para a Rua Afonso de Albuquerque será apenas permitida a autocarros da Rodoviária Nacional;
- O trânsito na Rua Afonso de Albuquerque no sentido Largo da Estação-Av. dos Bons Amigos será apenas permitido a táxis, sendo autorizadas cargas e descargas nos períodos das 10H00 às 16H30 e das 20H30 às 22H00.
- O trânsito na Rua D. Nuno Álvares Pereira passa a desenvolver-se nos dois sentidos em toda a sua extensão.

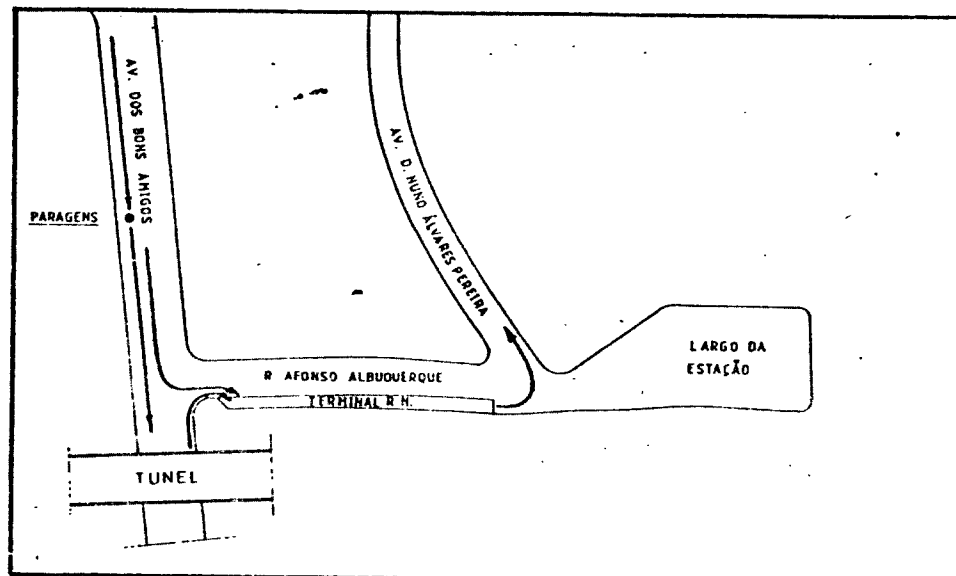
Como se anunciou em comunicado de 3.10.86 está a Câmara Municipal de Sintra a desenvolver todos os esforços no sentido de melhorar as condições de vida das populações da freguesia de Agualva-Cacém, constituindo esta acção a primeira dum conjunto de medidas que, embora não com a rapidez com que as populações desejam, mas com a rapidez possível, irão a curto prazo ser implementadas.

Assim implementada a medida que permitirá uma melhoria nas condições de transporte (com benefícios para uma elevada percentagem da população da freguesia) outras medidas se irão seguir de que se salientam:

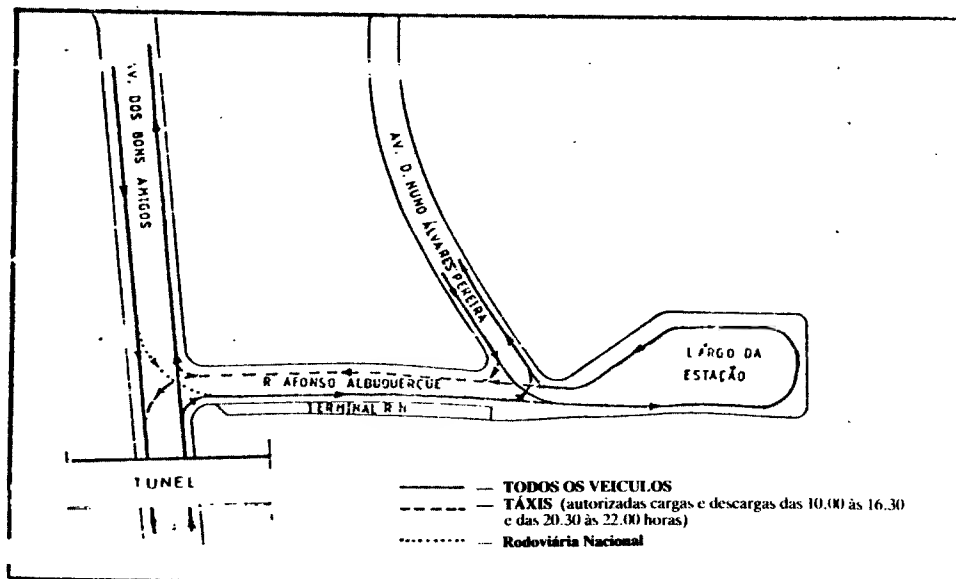
- Largo da Estação: melhoria da qualidade desse espaço público, com o consequente aumento de segurança dos peões;
- Av. dos Bons Amigos: resolução do problema do congestionamento no túnel, aumento da segurança dos peões e aumento do número de lugares de estacionamento (entretanto a velocidade de circulação nesta artéria é desde já limitada a 40 km/h, com a finalidade de aumentar a segurança dos peões).

A Câmara Municipal de Sintra ao apresentar o presente esquema de circulação fá-lo convicta que a RN porá todos os meios, nomeadamente Material Circulante, ao Serviço da População. Como é óbvio ao pelouro de trânsito da Câmara não poderão ser imputadas responsabilidades por falhas da Rodoviária Nacional.

O VEREADOR DO PELOURO,
(Joaquim A. Felício Loureiro)



ESQUEMA 1 — Esquema de funcionamento das carreiras da Rodoviária Nacional



ESQUEMA 2 — Esquema de circulação



Distinções governamentais

Entre as várias entidades (e colectividades) que mereceram do Governo a outorga de galardões justificados pelos seus relevantes e meritórios serviços prestados ao desporto português nos vários domínios da sua actividade destacaram-se **Vitor Santos** — um caso de orgulho do jornalismo desportivo português — **Mirandela da Costa** — actual director-geral dos Desportos e **Manuel Marques** — massagista que ao serviço do Sporting e da selecção portuguesa muito tem contribuído para vários sucessos do luso futebol.

O nosso companheiro António Capela captou o momento em que os galardões eram entregues por Cavaco Silva àquelas três figuras de proa do desporto nacional.

Futebol

Federação suspende presidente do Braga

A suspensão por 10 dias do presidente do Sporting de Braga (Mesquita Machado) foi a nota mais saliente da relação de castigos do Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol divulgada ontem.

O Conselho de Disciplina decidiu ainda castigar com quatro jogos de suspensão o jogador Miguel (Elvas) e com três jogos Juanico do Rio Ave.

Com dois jogos de suspensão foram sancionados os jogadores Nenê do Vitória de Guimarães e Kiki do Chaves e com um jogo os seguintes: Ademir (Guimarães), Casimiro e Armando (Salgueiros), Ribeiro (Elvas) e Andrade (Farense).

Ao Chaves foi mandado instaurar um processo disciplinar.

Quinto no Espinho

Depois da sua experiência por terras dos petrodólares de onde, naturalmente, regressou com a conta bancária mais fortalecida o treinador Quinto aceitou «render» António Simões no comando do plantel futebolístico do Espinho onde ontem iniciou a sua actividade. Recorde-se que, segundo palavras dos dirigentes do Farense, Quinto teria pedido àquele clube 30 000 contos por três temporadas com o «avanço» de metade daquela verba e a propósito, consta-se que esta «chicotada» custará ao Sporting de Espinho exactamente aquela mesma verba (30 mil contos) entre o valor da indemnização devida a Simões e o montante a pagar a Quinto.

Mais três brasileiros para o Farense...

Três futebolistas brasileiros de 25 anos chegaram ontem a Lisboa para reforçar o plantel do Farense na temporada 1986/87, estando prevista para hoje a assinatura dos respectivos contratos.

Celso, guarda-redes do Botafogo de São Paulo, assinará um contrato válido por três anos. Luca, defesa direito do Americano do Rio de Janeiro, e Rufino, defesa esquerdo do Volta Redonda do Rio de Janeiro, assinarão compromissos válidos até final da temporada.

... e quatro para o Rio Ave

O Rio Ave, depois do fracasso dos paraguaios que o presidente José Maria Pinho foi contratar e que foram reprovados pelos técnicos Mário Reis e António Moraes, virou-se agora para o inesgotável «viveiro» brasileiro e novamente o presidente se encar-

regou da contratação indo ao Brasil buscar um defesa (Paulo César), um médio (Bragança) e dois avançados (Rubão e Edson).

Fernando Barata pretende Jim Steel

O presidente do Farense, Fernando Barata, deslocou-se a Inglaterra com o propósito de assegurar o concurso do «latagão» Jim Steel, que alinha no nosso conhecido (com péssima recordação por parte dos «dragões») Wrexham.

Lixa «veta» árbitro de Braga

O Lixa solicitou ao Conselho de Arbitragem da FPF que não voltasse a nomear árbitros de Braga para jogos em que intervenha o seu clube, por se sentir «sistematicamente prejudicado» por erros cometidos por árbitros daquele distrito.

Assembleia geral da FPF A «ordem de trabalhos»

É a seguinte a ordem de trabalhos para a sessão de amanhã (início às 9.30 horas) da assembleia geral da FPF:

1.º, apreciação e votação de uma proposta de revogação do artigo 86.º do estatuto de regulamento de disciplina; 2.º, apreciação e votação de uma proposta de um regulamento para inscrição e transferência de praticantes amadores; 3.º, apreciação e votação de uma proposta de um regulamento para inscrição e transferência dos praticantes amadores; 4.º, impugnação, pela Associação de Futebol de Setúbal, da deliberação da assembleia geral de 4 de Janeiro que aprovou o relatório e contas da FPF e relativos à gerência de 1984/85.

Naturalmente que antes da «ordem do dia» o tema Saltillo será o «ponto quente» da sessão.

Ténis

Cordeiro e Cunha vencem «Satélite»

João Cunha e Silva e Pedro Cordeiro asseguraram a vitória na variante de pares do Circuito Satélite de Ténis ao qualificarem-se para a final do torneio a decorrer em Cascais.

A dupla portuguesa venceu o espanhol Daniel Marco e o argentino Eduardo Masso por 6-2, 6-3, cabendo-lhe defrontar na final de hoje os suecos Anders e Per Henricsson.

Mesmo perdendo o jogo da final, os portugueses já garantiram a vitória em pares, dado que o avanço pontual de que dispõem já não pode ser recuperado pelos adversários.

Wilander diz «não» à Taça Davis

O tenista sueco Mats Wilander recusou a oferta de um lugar na equipa do seu país que em Dezembro defronta a Austrália, em Melbourne, na final da Taça Davis, revelou a Associação de Ténis da Suécia.

Wilander, número três do «ranking» mundial, justificou a sua decisão com um momento «desfavorável» de forma. «Sempre que represento o país quero estar no meu melhor», disse Wilander. «Sinto que a proximidade do meu casamento me impede de atingir esse nível».

Wilander casa-se a 3 de Janeiro com a modelo Sonya Mulholland, uma semana após a final que decorre de 26 a 28 de Dezembro.

A equipa sueca, detentora do troféu em disputa, deverá incluir Stefan Edberg, Anders Jarryd, Mikael Pernfors, Joakim Nystrom e Kent Carlsson enquanto Jonas Svensson, Peter Lundgren, Jan Gunnarsson e Ulf Stenlund disputam agora o lugar disponível.

Académica: direcção sem sucessão

O prazo de apresentação de candidaturas aos corpos gerentes da Académica de Coimbra termina hoje e ainda não foi reunida nenhuma lista, disse a direcção do clube.

As eleições realizam-se a 29 de Dezembro e se nenhuma lista se candidatar, a actual direcção terá de encontrar uma solução para ultrapassar o impasse.

A presente situação é uma repetição do que se passou no

início deste ano quando nenhuma lista se candidatou à direcção do clube, obrigando a actual equipa, comandada pelo presidente Jorge Anjinho, a continuar.

Jorge Anjinho disse que não tencionava continuar à frente dos destinos do clube devido à sua vida profissional e particular. «Estou há quatro anos no clube, dei-lhe muito do meu tempo e da minha vida, agora

penso que é tempo de sair e dar lugar a outros» afirmou.

Segundo Jorge Anjinho, as finanças do clube estão equilibradas e as dívidas à Previdência foram regularizadas com um acordo com o Centro Regional de Segurança Social de Coimbra.

O presidente da Académica salientou que há cerca de quatro anos o clube devia mais de 55 mil contos a entidades privadas.

Quanto ao comportamento da equipa no campeonato nacional de futebol da primeira divisão, Jorge Anjinho disse que «não há razões para alarmes». Em sua opinião, é necessário confiar no treinador, Vitor Manuel, pois «os resultados vão aparecer a qualquer momento. A Académica tem um bom «plantel», logo não vejo razões para alarmismos desnecessários», acrescentou.

Vitória de Setúbal: Câmara dá prenda

A Câmara Municipal de Setúbal decidiu por unanimidade, ceder ao Vitória de Setúbal terrenos destinados a um complexo desportivo na zona do Vale do Cobre dois lotes urbanos, destinados à construção de edifícios de quatro pisos, na Quinta do Paraíso, em Setúbal.

A decisão foi tomada na sessão pública da edilidade sadina e, segundo a proposta apresentada pelo vereador Frederico Nascimento «o Vitória de Setúbal merece o respeito e re-

conhecimento de todos os setubalenses dado a forma como tão bem tem divulgado o nome da terra».

Segundo a proposta «a Câmara Municipal de Setúbal não pode ignorar a importância do Vitória, visto que em 20 de Novembro próximo comemora 76 anos e preparou dois processos destinados a valorizar o património da colectividade».

Segundo a proposta agora aprovada por unanimidade

(PS/PSD, APU e PRD) «visto que não é viável ser a Câmara a dotar a cidade de um equipamento desportivo dado os poucos recursos financeiros do município, e tal só poderá verificar-se através de agremiações desportivas, as quais têm acesso a participações, a Câmara Municipal de Setúbal cede ao Vitória Futebol Clube, por direito de superfície, uma zona de 36 400 m² no futuro parque 25 de Abril, na Camarinha, onde poderá instalar um campo de futebol,

piscinas, campos de ténis, um pavilhão gimnodesportivo». Além da referida área prevê-se uma zona de estacionamento.

A proposta, adianta ainda que «com o objectivo de atenuar a difícil situação financeira do Vitória de Setúbal, a Câmara cede gratuitamente àquela colectividade dois lotes de terreno para construção de edifícios de 4 pisos, com a área de 208 m² cada lote».

EXCURSÕES

FERIADOS DE DEZEMBRO

AUTOPULLMANS DE LUXO ★ HOTÉIS DE 1.ª

ANDORRA • MADRID • ZARAGOZA
5 DIAS — PARTIDAS 29/11 e 6/12

SEVILHA • TORREMOLINOS • CEUTA
4 DIAS — PARTIDAS 29/11 e 6/12

TÂNGER • CEUTA
4 DIAS — PARTIDAS 29/11 e 6/12

MADRID • VALE DOS CAÍDOS
4 DIAS — PARTIDAS 29/11 e 6/12

SANTIAGO DE COMPOSTELA
3 DIAS — PARTIDAS 29/11 e 6/12

SEVILHA • CORDOBA
3 DIAS — PARTIDAS 29/11 e 6/12

MINHO • GERES • CANICA
3 DIAS — PARTIDAS 29/11 e 6/12

PEÇA OS NOSSOS PROGRAMAS
DE NATAL E FIM-DE-ANO
CEIAS ★ BAILES ★ RÉVEILLONS

Peça programas e informações na sua agência de viagens ou na

AVIC
VIAGENS TURISMO

AV. 5 DE OUTUBRO, 53 — LISBOA
Telefones: 52 11 16 / 52 11 17 / 52 29 70

Entrevista em Paris, ao "DL":

Maradona: 'estou solidário com a vossa melhor selecção'

■ "Dieguito" elogia Futre e comenta a "mediocre selecção que esteve na Suíça"

Neves de Sousa
nosso enviado especial

Fotos: A. Dias

Festa deslumbrante, com duas etapas, sob o mesmo céu: em Paris, durante dois dias, a «Adidas» e a revista «France-Football» reuniram a fina flor do futebol mundial para entregar prémios aos melhores executantes dos palcos relvados.

No enquadramento espectacular do «show» do «Lido», tal como no desfile mundano que dominou o «Clube Mediterranée», um português distinguindo entre os maiores: o «capitão» sportinguista Manuel Fernandes que, com 30 golos em 29 jogos foi o mais eficiente atirador às malhas contrárias no campeonato da última temporada.

Registemos quais os futebolistas homenageados pela «Adidas» nesta sua gala anual: Diego Maradona (bola de ouro, por ter sido considerado pela Imprensa o melhor jogador do campeonato mundial desenrolado no México), Harald Schumacher (RFA) o guarda-redes menos batido e o dinamarquês Preben Elkjaer-Larsen, respectivamente premiados com bolas de prata e de bronze. Depois, foi o desfile dos mais certos goleadores: Gary Lineker (ingles, ao serviço do Barcelona) pelos seis tentos em terras mexicanas, Careca (brasileiro, do S. Paulo) e Emilio Butragueno (espanhol, do Real Madrid) ambos com cinco golos no último «mundial».

A nível europeu: o holandês Marco Van Basten (37 golos em 34 encontros do campeonato do seu país) recebeu a «bota de ouro», o soviético Oleg Protassov (do Dniepr) foi contemplado com a «bota de prata», que é mérito aos seus 35 golos em 35 jogos do torneio da URSS e, para o austríaco Anton Polster (Áustria de Viena) como para o turco Tanju Colak (Samsunspor) «bota de bronze» pelos 33 tentos em 36 duelos dos seus campeonatos.

Entre as belíssimas mulheres do «Lido» e torrentes de figuras conhecidas no mundo do futebol, era de ficar extasiado. Desde Cruyff e Beckenbauer de Batts a Britner) até antigos campeões de atletismo (Michel Jazy), jornalistas e dirigentes renomados, estava ali toda a gente: a excepção, o único convidado que não se deslocou, que foi lembrado por imensos amigos e admiradores, a ausência que a grande Imprensa e a Adidas lamentaram por não entenderem, foi a de Eusébio da Silva Ferreira.

O homem que foi o primeiro ganhador da «bota de ouro» (42 golos em 1968) e que repetiu o feito em 1973, ficou em Portugal porque (segundo a explicação dada) «o Benfica não o dispensou». Soube-se, ao mesmo tempo, que Eusébio estava escalado para dirigir a equipa «encarnada» de reservas, no jogo com o Estoril, que se processou no campo António Coimbra da Mota. Quer dizer: abdicando do prestígio que a presença do mais alto expoente do nosso futebol representava num aerópago de «estrelas» da sua igualha, o Sport Lisboa e Benfica (onde o sector de relações públicas, em paridade com qualquer dos seus pares, nomeadamente com o do Futebol Clube do Porto é um dos mais descoloridos ramos do

emblema rubro) enjeitou a hipótese de continuar a ser recordado entre os altos voos do jogo que deu fama à águia quando possuía uma equipa que era cobçada a ouro em todas as latitudes. E, sinceramente, não acreditando que quem quer que seja, dentro do Benfica, seja ciumento da fama que rodeia Eusébio, ficamos sem entender do real motivo porque vão acontecendo coisas assim num clube de suprema grandeza. Será que Eusébio, um dia destes, também terá de ir para a «esplanada da Luz» para ver os jogos, ao lado dos jornalistas que não forem «convidados da direcção»?

Segurança aos montes

Adiante. Voltemos à festa, deixemos na margem da estrada o único motivo para lamento. Como íamos dizendo, a procissão de vedetas lá seguiu: Real Madrid, Bayern de Munique, Juventus de Turim, Paris Saint Germain, Liverpool e PSV Eindhoven (as equipas mais conquistadoras da época) e os melhores goleadores dos campeonatos nacionais (Lineker, de Inglaterra; Vandenberg, da Bélgica; Bastrup, da Dinamarca; Murdoch, da Escócia; Hugo Sanchez, de Espanha; Lius, da Finlândia; Bocande, da França; Anastopoulos, da Grécia; Detari, da Hungria; Gaynor, da Irlanda; Pruzzo, de Itália; Krings, do Luxemburgo; Andersen, da



Manuel Fernandes: o atirador português do ano recebeu o troféu das mãos de Manuela Paulino Gomes Feist



Entre as belíssimas do «Lido»: Maradona, Hugo Sanchez, Manuel Fernandes, Polster e Krantz

Noruega; Landsdowne, da Suécia; Lunde, da Suíça; Kuntz, da RFA e, claro, o nosso Manuel Fernandes, que recebeu o honroso galardão das mãos de Manuela Paulino Gomes Feist, na condição de antiga figura televisiva e por delegação dos jornalistas portugueses presentes em Paris.

Um impressionante grupo de «estrelas», difícil de reunir em qualquer outra ocasião, em tão pequeno espaço de terreno. Por graça, dizia-nos o nosso amigo Luís Feist (representante da «Adidas» no nosso país):

— Olha se alguém consegue furar os cordões de segurança e raptar meia dúzia destes rapazes...

Cruzes, canhoto: só para tomarem conta do senhor Diego Armando Maradona estavam oito latagões que fariam inveja ao Tarzan Taborda. A noivinha de há largos anos (Cláudia, que espera um bebé) também não podia ir sozinha lavar as mãos: duas apessoadas senhoras de malinha pequena bem segura nas mãos, logo a enquadram. Quer dizer: quem é multimilionário tem de viajar num círculo de arame farpado, inacessível ao mortal comum?

Maradona: a palavra da simpatia

Nada disso. Diego Maradona: quer falar para a Imprensa de Portugal?

— Claro. Com muito gosto. Olhe, antes de mais nada, quero lavar um protesto: estou muito decepcionado porque, do meu país, da Argentina, que sempre tenho defendido com o coração, não veio um só jornalista, um dirigente, um técnico.

E para uma larga roda de circunstâncias, fez questão de afirmar, vincando bem as palavras:

— Não quero ser acusado de falta de respeito, mas (muito sinceramente) lamento que estejam aqui jornalistas de todo mundo: e não vi um só argentino, nem uma cadeia de televisão ou da rádio da minha terra. Não interessa falar mais nisso, registro o facto.

Virou-se para o microfone, que conduziu as suas declarações ao gravador do «DL», e mudou de rumo à conversa:

— O futebol sul-americano e o europeu são totalmente distintos. Por aqui há mais força e menos técnica. Pode dizer-se que o futebol espanhol e o português se compararam muito mais ao estilo de jogo sul-americano, enquanto em Itália é mais duro e menos (como direi?) precioso.

Maradona tem um olho negro: «foi num treino, em choque com o meu companheiro Reniga». E continua a comentar:

— Cada género de futebol



Maradona falando para o «DL»



«Dieguito», Schumacher e os pequenitos que lhes entregaram prémios da «Adidas»

tem o seu encanto. Mas eu gosto muito do futebol italiano, porque me permite jogar com a minha técnica. Vocês, em Portugal, têm um jogador excepcional: Futre, que é um canhoto magistral e baixinho como eu. Vi-o jogar no «mundial» e num jogo pelo Porto, quando fez um golo muito bonito. Espero que ele continue a sua brilhante carreira, para bem do futebol mundial, que está precisado de artistas da sua categoria.

Quanto à equipa de Portugal que esteve no México, creio que não teve sorte: no jogo que era necessário vencer, viu-se que não apenas lhe escasseou essa sorte mas também faltou concentração.

Acrescenta:

— Mas justifico essa falta de concentração porque a entendo: sou (também) jogador de futebol. Para se ter uma selecção forte e potente é necessário que todos os atletas estejam tranquilos e sem problemas. Isso era impossível para os jogadores portugueses porque, antes de um jogo importante, ainda estavam a falar de prémios. Ora, assim era impossível: não chegava comunicação da vossa Federação, parece-me que não havia dirigentes com a equipa, a confusão era grande e impeditiva de

um estado de espírito favorável ao êxito que vocês desejavam. Quem é que tinha serenidade para entrar concentrado na «cancha»?

Maradona continua:

— Agora, Portugal está no mesmo grupo europeu onde mora a Itália. Pela Televisão, vi o vosso jogo com a Suíça e, parece-me, que a equipa que Portugal apresentou é uma selecção mediocre. Sem grandes «estrelas». Se suspenderam oito e têm mais 13 que ficaram solidários com os colegas afastados... se esses rapazes estão de fora, eu estaria com eles. Certamente faria o mesmo.

«Os jogadores portugueses que estiveram no México foram alegremente representados o vosso país: não têm nenhuma culpa de não ter existido ligação com os federativos. Por isso, porque compreendo perfeitamente o problema de que foram cercados, eu estou ao lado deles. Sempre solidário com os direitos a que têm quantos, como eu, jogam futebol profissional.

Muito mais disse Diego Armando Maradona. Basta este apontamento (que, repetimos, está gravado e é documento) para que fique claro o julgamento que o maior «astro» do mundo fez ao actual momento do futebol das cinco quas.

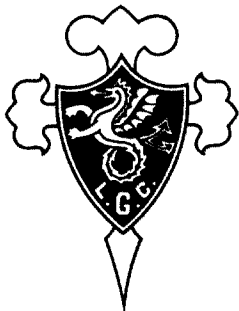
Obrigado, TAP

De há muito nos habituámos ao excelente nível de tratamento a bordo dos aviões da TAP-Air Portugal. Mas, no regresso de Paris, a tripulação que foi apresentada à comitiva portuguesa pelo poeta José Diogo (que é elemento de chefia do sector de alimentação da transportadora aérea portuguesa) foi incedível de atenções para com os jornalistas e Manuel Fernandes. Registemos os seus nomes: José Maio, José João, J. Santos, Dias Vieira, José Mendes, Martinho Braz, Germano, Maratuga, Denise e M. Furtado. Boa gente. Gente boa.

Lisboa Ginásio Clube — 68 anos

O Lisboa Ginásio Clube — vai comemorar 68 anos de existência e aproveitará a sessão comemorativa, a efectuar no próximo dia 22 (15.30 horas), para homenagear os «ginasistas» Mário Rocha, Carlos Santos Lopes, Tarquínio Caldeira, Armando Freitas, Jaime Rodrigues, Damásio Gama, Domingos Lança Moreira, Henrique Pinto, João Barata e Ruth Aswin, perpetuando os seus nomes na entrada dos novos ginásios.

Recorde-se que a prestigiosa colectividade da Rua dos



Anjos é considerada Instituição de Utilidade Pública desde 1960 e ostenta ainda o galardão da Ordem Militar de Cristo desde 1946.

Jogos "Cidade de Lisboa"

Cerca de 30 mil jovens deverão participar nos primeiros jogos desportivos da cidade de Lisboa, organizados pelo pelouro desportivo do município lisboeta.

Basquetebol, andebol, futebol de salão e atletismo são as modalidades que vão estar em acção nos «jogos», onde podem participar jovens de ambos os sexos dos 13 aos 15 anos.

Os jogos terão duas fases, uma primeira que envolverá um torneio das freguesias e uma segunda denominada «Torneio da Cidade» que irá apurar os vencedores de cada modalidade desportiva.

"Mundial-90" já tem mascote

Um futebolista desenhado com as letras que formam a palavra Itália é a mascote do Campeonato do Mundo de 1990, foi ontem divulgado em Roma.

No pontapé de saída para o «Mundial-90» foi igualmente apresentado o símbolo gráfico, que é constituído por uma bola de futebol estilizada com as cores italianas — verde, branco e vermelho.

A mascote e o símbolo escolhido fora seleccionado entre 12 mil propostas, em concurso público, e foram divulgadas em conferência de Imprensa, na qual estiveram presentes o presidente de Itália (Francesco Cossiga), o presidente da FIFA (João Havelange) e o presidente do Comité Organizador (Franco Carraro).

Na ocasião, o secretário-geral da FIFA, Joseph Blatter reafirmou que o «Mundial-90» será disputado em moldes semelhantes aos do «Mundial-86», mantendo-se, portanto, o contestado sistema de desempate por grandes penalidades.

O Comité Organizador propôs que os jogos do «Mundial» se

disputem em 12 cidades, incluindo as capitais da Sicília e da Sardenha. As outras cidades são Milão, Génova, Verona, Udine, Bolonha, Florença, Nápoles, Bari, Turim e Roma.

Para o estádio da capital prevê-se um aumento da capacidade, que agora, é de 80 mil espectadores, enquanto em Turim já há planos para a construção de um novo recinto que substitua o Estádio Comunal, onde habitualmente a Juventus joga, e que tem uma lotação para 72 mil espectadores.

Zagalo demite-se e ameaça abandono

O técnico Mário Zagalo, três vezes campeão mundial de futebol como jogador e treinador da selecção do Brasil, demitiu-se do Botafogo, na sequência dos «maus resultados» obtidos pelo clube.

O Botafogo perdeu na última jornada do campeonato com o Under-Dogs, por 2-1, e só obteve três pontos em seis jogos, carreira que deixa o clube na iminência da eliminação.

«Penso que é o momento de sair. Infelizmente a equipa não forma um bloco e, assim, não pode render o seu melhor», reconheceu Mário Zagalo que encara a possibilidade de abandonar a carreira de treinador.

Zico de luto

O futebolista internacional brasileiro Zico acompanhou emocionado os seus cinco irmãos e a mãe no funeral do pai, o português José Antunes de Coimbra, falecido quarta-feira vítima de uma paragem cardíaca.

Jogadores e dirigentes do Flamengo, clube onde actua Zico, incorporaram-se no funeral de José Antunes de Coimbra, de 85 anos, cujo coração não resistiu a uma operação à próstata.

O futebolista brasileiro encontra-se a recuperar de uma intervenção cirúrgica a que foi submetido recentemente nos EUA, para corrigir uma lesão sofrida no joelho esquerdo, em Agosto de 1985 e que mantém indefinido o seu regresso à competição.

Peñarol continua

O Peñarol aceitou uma ajuda financeira de 60 mil dólares da Federação Uruguaia de Futebol e vai terminar o «boicote» ao campeonato, onde defende o título de campeão.

A Federação Uruguaia anunciou que obtivera dos bancos estatais a importância de 420 mil dólares para financiar os clubes com graves problemas económicos e, nesse sentido, o Peñarol recebeu 60 mil dólares, e a mesma quantia foi entregue ao Nacional, os dois clubes mais populares no Uruguai.

No mês passado, o Peñarol e o Nacional «boicotaram» uma jornada do campeonato, de forma a pressionar a Federação para obterem subsídios financeiros.

Grasshopper: «chicotada»

O Grasshopper, clube da primeira divisão do campeonato de futebol da Suíça, demitiu o seu técnico alemão-feral, Timo Konietzka.

VESTUÁRIO EM CABEDAL E ANTÍLOPE

CONFECCIONAMOS POR MEDIDA
PINTAMOS E ARRANJAMOS
CASACOS DE CABEDAL
CONFECCÕES STAHL, LDA.

AV. MARQUÊS DE TOMAR, 68-1.º ESQ.

77 11 58 — 1000 LISBOA

COSTUREIRAS PRECISAM-SE

ADMISSÃO IMEDIATA, RESPONDER PESSOALMENTE À RUA JOÃO NASCIMENTO COSTA, N.º 8-A EM LISBOA, JUNTO ÀS OLAIAS.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE MAFRA ANÚNCIO

Proc. n.º 550/86
2.ª Secção

No dia 26 de Novembro de 1986 às 10 horas, no Tribunal Judicial desta comarca e nos autos de Execução Ordinária com o número acima indicado, em que é Exequente EFACEC-Empresa Fabril de Máquinas Eléctricas S.A. e Executada ENOMECÂNICA-Máquinas e Equipamentos Industriais S.A. com sede em Malveira-Mafra, há-de ser posto em praça, pela 1.ª vez, para se arrematarem ao maior lance oferecido acima do valor indicado nos autos, quatro máquinas para a indústria metalomecânica.

Mafra, 5 de Novembro de 1986

A Juiz de Direito
MARIA DO ROSÁRIO CORREIA DE OLIVEIRA
O Escrivão Adjunto
JOSE ANTÓNIO COELHO CARREIRA
«DL» 14/11/86 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

Pela 1.ª Secção do 12.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm seus termos uns autos de Acção Sumária com o n.º 143/85, em que é Autor, Fernando da Cruz Dms e Ré, CELCON — COMÉRCIO DE ESQUENTADORES E MÁQUINAS PARA O LAR, LD.ª, que teve a última sede conhecida na Rua do Instituto Industrial, 5-1.ª Lisboa, nos quais se encontra designado o dia 26 de Novembro de 1986 pelas 10.00 horas, para a realização de Julgamento Singular à sua revelia, caso não se faça representar em julgamento.

Lisboa, 10 de Novembro de 1986

O Juiz de Direito
António Sérgio Abrantes Mendes

O Escrivão Adjunto
Luís Manuel Faria Antunes

«DL» — 14/11/86 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 8.º JUÍZO

ANÚNCIO

Processo n.º 8841
1.ª Secção
8.º Juízo

Faz-se saber que por este Juízo e primeira secção, nos autos de acção sumária em que são autores Systems Publishing (Portugal) Editores, Ld.ª e réu Adelino Silva Correia, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Urbanização Mariadaria, B 14-1.ª D — Póvoa de Varzim, correm editos de trinta dias contados da segunda e última publicação deste anúncio citando aquele réu para, no prazo de DEZ DIAS e findo o dos editos, contestar a acção sob pena de poder vir a ser condenada no pedido que consiste em pagar à autora a quantia de 72 000\$00 acrescida de juros à taxa legal contados a partir da data da citação até efectivo pagamento e ainda custas e procuradoria.

Lisboa, 10 de Novembro de 1986

O Juiz de Direito
João Manuel da Cruz

O Escrivão Adjunto
Jansénio Monteiro

«DL» — 14/11/86 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 5.º Juízo

ANÚNCIO

Proc. 7444
3.ª Secção

O Juiz de Direito do Tribunal do Quinto Juízo Cível Terceira Secção da Comarca de Lisboa, faz saber que no próximo dia 2 de Dezembro de 1986 pelas 10 horas à porta deste Tribunal sito no Palácio da Justiça — Rua Marquês da Fronteira, nos Autos de Execução Ordinária que a Exequente — Tocan — Sociedade de Tomate da Canha, S.A. move contra a executada — B. Martins & Amaro, Ld.ª com sede na Rua Cláudio Nunes, 58-1.ª C em Lisboa, será posta em praça pela primeira vez, para ser arrematado ao maior lance oferecido acima da quantia de Esc. 1 300 000\$00, o direito ao trespassse e arrendamento do estabelecimento da executada penhorado neste Autos sito em Lisboa na Rua Cláudio Nunes, 58-1.ª C em Lisboa

Lisboa, 7 de Novembro de 1986

O Juiz de Direito
(assinatura ilegível)

O Escrivão Adjunto
(assinatura ilegível)

«DL» — 14/11/1986

Rosa Mota na maratona de Tóquio

A atleta Rosa Mota vai tentar domingo obter a melhor marca do ano na maratona, participando na prova a disputar em Tóquio onde terá como principal adversária Katrin Doerre, da RDA.

Rosa Mota, segunda classificada no campeonato mundial de estrada (15 quilómetros), disputado no passado domingo, tem como melhor marca na maratona 2.24.54, tempo já igualado pela norueguesa Grete Waitz.

Rosa Mota fez este ano 2.28.38 em Estugarda, mas a sua melhor marca é de 2.23.29 alcançada em 1985.

Doerre, vencedora das duas últimas edições da maratona internacional de Tóquio, tem como melhor marca 2.26.52.

Algés mobiliza oitocentos

Disputou-se no passado domingo o I Grande Prémio do Clube Recreativo Atlético de Algés, em atletismo, na distância de 11,670 quilómetros, que teve a participação de 800 atletas pertencentes a 50 equipas e que foram distribuídos por 13 escalões etários. A prova decorreu na estrada Algés, Linda-a-Velha, Carnaxide, Linda-a-Pastora, Cruz Quebrada e Dafundo, tendo terminado 445 atletas. Vejamos os três melhores classificados de cada categoria: **Femininos** — juvenis: Ana Isabel Reixa, Henriqueta Timóteo e Irene Gomes; juniores: Ana Cristina Santos, Silvana Pereira e Ana Cristina; seniores: Eve Belter, Rosa Graciosa e Isabel Correia; veteranas I: Analice F. da Silva, Fátima Abreu e Madalena Moreira; veterana II: Odete Angeja (única concorrente). **Masculinos** — juvenis: Paulo Fernandes, Paulo

Correia e Filipe Afonso; juniores: David Costa, Miguel Paradel e Acácio Augusto; seniores: António Agostinho, Mário Gonçalves e João Fonseca; pré-veteranos: A. Mateus, Joaquim Esteves e Fernando Augusto; veteranos I: António Castro, Walter Pinheiro e Manuel Samarro; veteranos II: Manuel Ferreira Martins, Domingos Milheiro e Vítor Manuelanela; veteranos III: João Silvestre, Fernando Sebastião e Nelson Martinho; veteranos IV: Manuel Luís, José Peres e Adriano Catarino. GERAL: 1.º António Agostinho (CG 1.º Maio), 2.º Mário Gonçalves (GC 1.º de Maio) e 3.º José Fonseca (CCD-Corpo Intervenção PSP). Por equipas: 1.º GC 1.º de Maio-Algualva/Cacém.

Corta-mato em Marrazes

Realizaram-se na mata dos Marrazes, com a participação de 3 atletas femininos e 36 masculinos, os campeonatos distritais de corta-mato, cujas classificações principais passamos a dar conhecimento: **Seniores femininos** (prova de 4000 m): 1.ª Graça Pais, individual, 20.18; 2.ª Raquel Filomena, individual, 20.57 e 3.ª Sílvia Margarida, individual, 22.21.

Seniores masculinos (prova de 12 000 m): 1.º Luís Marques, CP Bombarral, 40.05; 2.º Sérgio Macatrão, CP Bombarral, 40.20 e 3.º José Bicho, CP Bombarral, 40.36.

Veteranos masculinos (prova de 9500 m): 1.º Manuel Rosa, individual, 33.15; 2.º Francisco Ramos, individual, 34.21 e 3.º José Carreira, individual, 35.02.

O Navio Fantasma no S.Carlos

Mário Vieira de Carvalho

Que é, afinal, o romantismo? Será mesmo Wagner um romântico? A etiqueta «tem as costas demasiado largas» para poder albergar um conteúdo preciso. Tornou-se uma palavra vã. Assim, por exemplo, se caracterizarmos a estrutura de comunicação músico-teatral que, no século XIX, no S.Carlos, é tida como parte integrante do modelo da nossa «sociedade romântica» e a compararmos com a filosofia músico-teatral de Wagner, verificamos a sua incompatibilidade absoluta com esta. Pode objectar-se que há vários «romantismos»... qual deles, porém, o mais «autêntico» ou o mais «puro»? A questão não levaria a lado algum. Esqueçamos, pois, a etiqueta, e lembremos apenas que é traço fundamental de toda a vasta criação wagneriana a relação muito profunda com o processo histórico-social vivido reflectida e criticamente pelo compositor. O Holandês Voador (entre nós consagrado pela tradição sob o nome de O Navio Fantasma) não foge à regra.

Os anos trinta do século XIX coincidem na Alemanha com uma atitude de desilusão dos artistas relativamente à nova ordem burguesa triunfante. O fim da Santa Aliança e do período de restauração feudal era um facto com que se regozijavam, mas ao mesmo tempo, como escrevia Heine, «os belos ideais de moralidade política, legalidade, virtudes cívicas, liberdade e igualdade, os sonhos cor de rosa do século XVIII, por que morreram tão heroicamente os nossos pais e com que nós continuamos a sonhar não menos ávidos de martírio», jaziam «em cacos como uma caneca de porcelana...»

Heine, Boerne, Gutzow, Laube, Herwegh, Buechner, enfim, a pleiade de escritores e intelectuais do «Vormärz», se por um lado viam na sociedade burguesa um progresso relativamente à feudal, recusavam por outro lado tudo aquilo que a nova ordem trouxera de odioso e que contrariava radicalmente os tais ideais iluministas resumidos na tríade «Liberdade, Igualdade, Fraternidade», propagada por toda a Europa com a Revolução Francesa. Tema central da sua obra é, pois, o conflito entre indivíduo e sociedade, um conflito muitas vezes irreduzível, como, por exemplo, na novela

Lenz, de Buechner, cuja primeira edição portuguesa acabava aliás de ser publicada (numa excelente tradução de Ernesto Sampaio). Ao mesmo tempo, e contrariamente ao ponto de partida dos clássicos alemães (Schiller, Goethe), que consideravam a arte acima da política, os intelectuais do «Vormärz» proclamavam a «literatura filha da política» (Herwegh), a impossibilidade de separar a política da ciência, da arte e da religião (não está isso bem claro na obra de Buechner?), a invasão da literatura pela própria Revolução (Heine). De resto, seja nas Cartas de Paris de Boerne no discurso sobre os Franzoesischen Zustände de

Heine ou no Hessische Landbote de Buechner, todos eles se empenham na militância política activa e até na agitação clandestina.

É conhecido o estreito relacionamento de Wagner com este movimento literário, nomeadamente com Heine, e é nessa atmosfera mental que se gera O Navio Fantasma, inspirado, aliás, numa narrativa do mesmo. A encenação agora importada pelo S.Carlos do Teatro Massimo de Palermo, assinada por Wolf-Siegfried Wagner e com cenários e figurinos de Wolf Muenzer, extrai daí as devidas consequências. Contrapondo ao «pathos» da música nas «grandes cenas» (por exemplo, aparição do Navio do Holandês Voador, encontro do Holandês com Senta, «duelo» entre os dois coros, «morte» de Senta) soluções cénicas não-ilusionistas, onde o jogo teatral não pretende subjugar o espectador pelo efeito emocional, mas antes levá-lo a seguir criticamente (com olhos inteligentes) a narrativa, toda a linha do espectáculo se desenvolve no sentido de acentuar o simbolismo social-ideológico da fábula, de desvendar o que nela existe de inelutavelmente ligado ao «Vormärz» e, portanto, ao protesto libertário que então aproximava Wagner de Heine. Os valores que dominam no mundo de Daland e que são afinal os da sociedade burguesa já instalada sobressaem com vigor expressivo em momentos fulcrais: lá está bem marcado, no «contrato de compra e venda» de Senta, quanto conta agora o ouro na determinação do destino das pessoas. Antes, na velha sociedade feudal, o que fazia e desfazia casamentos era a linhagem, o nascimento, as razões de sangue. Mas que acontecera com a «libertação burguesa»? Fora ilusória, substituíra uma desigualdade por outra, uma escravidão por outra. O amor de que falava Brunilde na peroração final da primeira versão de O Anel, um amor autêntico,

profundo, verdadeiramente humano, contraposto a todas as exterioridades e sonhos de poder, a todas as alienações, um amor, enfim, só realizável num mundo onde efectivamente reinasse a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade - esse amor continuava a não ser compatível com o mundo real, que de feudal passara a burguês. Nada se compreende de Wagner, do seu pensamento, da sua dramaturgia, desde o Liebesverbot (Proibição do Amor) ao Parsifal, se abstrairmos desta verificação fundamental que coloca o artista em oposição à sociedade do seu tempo. E é esta mesma leitura que dá todo o sentido ao final concebido por Wolf-Siegfried Wagner: os dois seres que foram apresentados em conflito irreconciliável com o mundo real não se transfiguram numa imagem metafísica, numa qualquer fantasmagoria cénica: elevam-se simples e concretamente por sobre aquela pobre gente que confunde o quotidiano burguês com Humanidade, que não acalenta qualquer ideal libertador, que se contenta com uma existência mesquinha, que é portadora de uma falsa moral, que sacrifica ao ouro o amor. Na verdade, enquanto Senta recusa a «aurea mediocritas» que lhe

oferece Erik e subverte a «transacção» que o pai pretende fazer com ela, enquanto a sua motivação

única é cumprir até ao fim o seu ideal de amor, mesmo sem obter em troca qualquer vantagem material ou «sensual» (amor com A grande, dádiva total - tão difícil de realizar hoje como ontem, por isso se chega a afirmar, com evidente precipitação, nas notas de

programa que o amor não é assunto deste drama, o que, de resto confirma a gritante actualidade de Wagner...), o Holandês, por seu lado, senhor de todo o ouro do mundo, mas não menos irreduzivelmente em conflito com este, sacrifica o ouro (e o poder que ele significa) em troca do amor total, incondicional e desinteressado de uma mulher. O Holandês é de facto, um anti-Alberich, isto é, exactamente o oposto ao espírito do capitalismo. (O simbolismo da fábula é limpo como a água cristalina, Feuerbach paira sobre ele, só não o vê quem não quer vê-lo!)

Coerente com esta concepção, que dá unidade a todo o discurso cénico, Wolf-Siegfried Wagner tem o cuidado de nos apresentar o protagonista sob a aparência de um homem comum e não de um super-homem ou de um demónio. O que à primeira vista poderia parecer uma falha - supressão de uma componente demoníaca ou fantasmagórica no perfil da personagem - é afinal condição do desenvolvimento lógico da acção dramática: Senta não sonha com um homem do Além, sonha com um homem que não assuma os valores daquela sociedade, sonha com um homem que rejeite, como ela, aquele quotidiano, sonha com a sua própria emancipação através da entrega a esse homem idealizado por ela. O amor é, para ela, missão e emancipação, e não passagem de uma forma de sujeição (ao pai) a outra forma de sujeição (ao marido). No fundo, ela procura o seu «companheiro de causa comum» - um conceito evidentemente ausente da instituição do

casamento burguês, um conceito «maldito» à face dos valores então vigentes (voltando ao «Vormärz», pense-se, por exemplo, no comportamento da noiva de Buechner, após a morte deste: aí está o exemplo de uma mulher que é precisamente o oposto de Senta...). O carácter «maldito» da sua opção, substancial à própria fábula do Holandês Voador (e aos tais elementos fantasmagóricos e demoníacos que nela se contêm), torna-se muito mais rico na sua carga simbólica quando compreendemos em todo este seu alcance ideológico do que numa encenação convencional a puxar por tiradas de efeito e a encobrir com elas o que há de mais substancial no drama.

Hansgeorg Moser (Daland), Lisbeth Balslev (Senta), Horst Laubenthal (Erik), e Robert Hale (Holandês) constituíram um elenco muito equilibrado onde já foi possível encontrar personagens em acção, reagindo umas às outras e conscientes do sentido global da encenação. Será que já haviam participado nela em Palermo? Isso poderia explicar a impressão, que transmitiram, de trabalho de equipe amadurecido, que não se compadece com meia dúzia de ensaios... Mas é claro que todos eles têm uma larga experiência em palcos alemães - como se sabe particularmente rigorosos no apuramento da componente teatral - e não foi certamente em vão que, por exemplo, Lisbeth Balslev trabalhou com um dos maiores encenadores da actualidade (Harry Kupfer, actual director artístico da Opera Cómica de Berlim -

RDA) e preparou com ele uma das mais faladas produções do Navio Fantasma, que esteve sete anos no cartaz em Bayreuth...

Importa, porém, sublinhar com a maior ênfase a intervenção do Coro do Teatro de S.Carlos, dirigido por Gianni Beltrami e reforçado pelo Coro Vértice, que atingiu neste espectáculo um ponto culminante da sua trajectória artística a um tempo do ponto de vista musical e cénico, e o excelente rendimento da Orquestra do mesmo teatro, que deu um salto qualitativo sob a direcção de Wolfgang Rennert.

Não é mérito de somenos desta encenação a simplicidade dos meios utilizados. Isso permitir-lhe-ia não só ir ao Porto como percorrer outras localidades do País. Para tanto, porém, seria necessário transformá-la em produção do próprio Teatro de S.Carlos, com um elenco nacional e com libreto cantado em português. Tarefa impossível, para já? Os únicos papéis possíveis para um português eram neste caso apenas Mary e o timoneiro, aliás muito bem realizados respectivamente por Manuela Castani e José Manuel Araújo? Talvez. Mas se avançarmos já para um programa a longo prazo, tendente a transformar o S.Carlos em teatro de repertório na base da companhia residente (o que não exclui o intercâmbio com produções estrangeiras), é possível que dentro de uns anos comecemos a poder fazer não só o Navio Fantasma como outras óperas de Wagner. Será que o exemplo inglês não é encorajante, João de Freitas Branco?

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

O DOUTOR JOÃO ANTÓNIO VALENTE TORRÃO, JUIZ DE DIREITO DO PRIMEIRO JUÍZO DO TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA.

Faz saber que pela Segunda Secção deste Juízo, correm seus termos uns autos de Acção com Processo Comum - ORDINÁRIA, sob o n.º 76/86, em que é autora, CARMEN MARIA PINHÃO TAVARES, residente na Rua D. Filipe de Lencastre, n.º 10-1.º Esq. de Oeiras; e Ré, «NOVA APOLO - OPERADORES TURÍSTICOS, LDA», cuja última sede conhecida foi na Av. Duque de Loulé, n.º 47-7.º, em Lisboa; e neles correm éditos de trinta dias, contados a partir da data da afixação do edital, para citação da Ré, para no prazo de DEZ DIAS, contados a partir da data da segunda e última publicação deste anúncio, contestar a acção nos referidos autos, encontrando-se o duplicado da petição inicial à sua disposição na respectiva Secção de Processos.

Lisboa, 5 de Novembro de 1986

O Juiz de Direito do 1.º Juízo (Legível)

A Escrivã-Adjunta
Maria Helena Andrade
Pedro de Figueiredo

«DL» 14/11/86 - 2.º Pub.

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

SALA EXPERIMENTAL

De 3.ª a Sábado, às 21.45 h
Domingo, às 16.30 h

«JONAS»

de E. G. Berreby

Encenação e interpretação:
DOMINGOS SEMEDO

Adaptação de:
Fernanda Rodrigues

Agora de 3.ª a 6.ª feira (inclusive), às 15.30 horas

«APOLOGIA DE SÓCRATES»

de Platão

ESPECTACULOS NÃO ACONSELHÁVEIS A M. 12 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA A 2.ª FEIRA - TEL. 32 22 10

COMUNA

TEATRO PESQUISA
HOJE
As 21.30 h



TOURO

Texto:
ABEL NEVES

Encenação:
JOÃO MOTA 4.º MÊS

ULTIMAS SEMANAS

DOMINGO AS 17H

veja teatro a
preços reduzidos
TERÇA-QUARTA-QUINTA
PREÇO ÚNICO - 150.00

PR ESPANHA (T 726 0818)

TEL. 32 22 10

Lisboa — PERMANENTE

— AJUDA: Lidia Almeida, C. da Ajuda, 170 (T. 637318); ALVADE: Cartaxo, Av. da Igreja, 21-C (T. 897958); AVE-
NIDAS NOVAS: Valle, Av. Marquês de Tomar, 47 (T. 773043); BENFICA - IGREJA: Marques, E. de Benfica, 648 (T. 700096); CAMPOLIDE: Pátria, C. dos Mestres, 30-A (T. 680627); CHILE - ALTO DE SÃO JOÃO: Vitalis, R. Moraes Soares, 69-C (T. 841779); HOSPITAL DE SÃO JOSÉ - DESTERRO: Silmar, R. de São Lázaro, 128 (T. 542829); INFANTE SANTO - PAMPULHA: Infante Santo, R. do Olival, 290 (T. 661003); LUMIAR - QUINTA DAS MOURAS: Matos Viegas, Av. Rainha D. Amélia, 34-B (T. 794174); PALÁCIO DE SÃO BENTO: Micael, R. de São Bento, 380-382 (T. 662162); PENHA DE FRANÇA: Central da Penha, R. da Penha de França, 58-60 (T. 849245); VALE FORMOSO - POÇO DO BISPO: Barros Gouveia, R. Vale Formoso de Cima, 79-B (T. 855180); CODIVEL - ODIVELAS: Nabais Vicente, R. A, lote 19-A, loja, Urbanização Codivel (T. 9816803); PONTINHA: Pontinha, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

REFORÇO — BAIRRO

AMÉRICA: Costa Ferreira, R. Fernão de Magalhães, 33 (T. 849448); BAIXA: Durrão, R. Garrett, 92 (T. 324166); CAMPO DE OURIQUE: Condestável, R. Coelho da Rocha, 119 (T. 666206); ESTEFÂNIA: Morgado Lourenço, L. D. Estefânia, 4-5 (T. 554808); ESTRELA: Martins, C. da Estrela, 165-167 (T. 660823); JOÃO XXI: Onilda, Av. João XXI, 13-A (T. 886848); MARQUÊS DE POMBAL - PICOAS: Correia Almeida, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (T. 547385); OLIVAIS NORTE: Central dos Olivais, R. Alfere Barrilero Ruas, 7-C (T. 315539); PALHAVA: Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (T. 720934); PICHELEIRA: Marluiz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); SANTO AMARO: Correia Azevedo, R. Luis de Camões, 42-B (T. 638625); BRANDOIA - AMADORA: Tavares de Matos, R. 8, lote 308 (T. 993220); BURACA - AMADORA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); OLIVAL BASTO: Nova, R. dos Agores, 11-A (T. 9810305); PRIOR VELHO: Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — AL-

MADA: Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (T. 2766498). Permanente; COVA DA PIEDADE: J. Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (T. 3750121). Permanente; MONTE DE CAPARICA: Guerreiro, lote 31, U. Moimho (T. 2950727). Até às 19 horas; COSTA DE CAPARICA: Carlos, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; LARANJEIRO: Moderna, R. Dr. António Elvas, 8-A (T. 2290305). Até às 22 horas; SESIMBRA: Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; LAVRADIO: Parreira, R. D. Silva Cristiano, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; BARREIRO: Higienica, R. D. Manuel, I, 78 (T. 2073017). Permanente; BAIXA DA BANEIRA: Teixeira, B. de Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; CORROIOS: Abreu Cardoso, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; AMORA: Nobre Guerreiro, R. Dr. Emílio G. Mendes, 401 (T. 2212923). Até às 22 horas; SEIXAL: Godinho, L. da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22

horas; MONTIJO: Higienica, R. osé Joaquim Marques, 142 (T. 2310370). Até às 22 horas; MOITA: União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; ALHOS VEDROS: Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250). Até às 19 horas; ALCOCHETE: Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; SETÚBAL: Bocagema, R. do Romeu (T. 23425). Permanente; Oliveira Rodrigues, Vale das Cejeiras, lote 11 (T. 21567). Permanente; Louro, R. Frei António das Chagas (T. 24491). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — AL-

GÊS: Dias & Saraiva, Av. Afonso Pala, 17 (T. 2114487). Permanente; LINDA-A-VELHA: Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Até às 19 horas; TIRÉS: Guimarães, L. Duarte, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; ALCABIDE: CHE: Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; PORTO SALVO: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2441015). Até às 22 horas; MALVEIRA DA SERRA: Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; PAÇO DE ARCOS: Pargana, Av. Eng. Bonville Franco (T. 2435147). Até às 22 horas; OEIRAS: Oeiras, L. Henrique de Paiva Couceiro (T. 2430485). Permanente; CARCAVELOS: Vilar, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; PAREDE: Aisir, Av. Gago Coutinho, Bairro das Caixas de Previdência (T. 2472948). Permanente; SASSOEIROS: Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; BIRRE: Imani, lote 7-B, Hera (T. 2851212); MADORNA: Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; AMOREIRA: Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; ESTORIL: Marques dos Santos, R. Ferreira J. A., 15 (T. 260116). Até às 22 horas; CASCAIS: Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (T. 280141). Permanente.

Linha de Sintra — AMA-

DORA: Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (T. 4930019). Permanente; Carlos, R. Sebastião da Gama, 28-B, Casal de São Brás. Permanente; DAMAIA: Nova, R. Elias Garcia, 10 (T. 972530). Até às 22 horas; QUELUZ: André, Av. Elias Garcia, 151 (T. 950043). Até às 22 horas; CAMARATE: Mendonça, L. 25 de Abril, 135-C (T. 2573158). Até às 19 horas; CACÉM: Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D (T. 9243693). Permanente; ALGUEIRÃO: Rodrigues Rato, R. dos Morés, 1 (T. 9212038). Permanente; MERCÊS: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; RINCHOA: Cargaleiro Lourenço, Calç. Rinchoa, 38 (T. 9262006). Até às 22 horas; COLARES: Abreja (T. 9290088).

Outras Farmácias —

MOSCAVIDE: Banha, Av. de Moscavide, 22-A (T. 2518518). Permanente; SACAVÉM: Maria, R. Salvador Allende, lote 2 (T. 2514369). Até às 22 horas; LOURES: Sálvia, Av. da República, 29 (T. 9831240). Até às 22 horas.

Porto — DE DIA E TODA A

NOTE — VITÁLIA, P. da Liberdade, 34; CONFIANÇA, R. de Santa Catarina, 960; NAU VITÓRIA, R. de Nau Vitória, 723, ao Semide; MENEZES DE LIMA, P. Dr. Teotónio Pereira, 227; COSTA LIMA, Av. da Boavista, 855.

Sérgio Godinho na "Vida Real": muita Lisboa, um cheirinho a Porto

Sérgio Godinho lançou um novo álbum, dois anos depois de «Era uma vez um rapaz». «Na Vida Real», assim se chama o disco, bebé só na idade porque muito, muito adulto na concepção e no conteúdo. Diferente dos anteriores? Sérgio Godinho cada vez mais preocupado com a qualidade — do som, dos arranjos, dos próprios temas?

Em dia de lançamento, o Sérgio não tem mãos a medir. Sempre com o sorriso rasgado, anfitrião impecável no meio de tantos amigos, um minuto para este, um abraço para aquele, um beijo para aquela outra, um intervalo para um copo, um olhar atento para o vaivém dos convidados, sempre um momento disponível para uma breve «conversinha» com os jornalistas, e agora mais uma foto, depois outra e outra e outra ainda...

Sérgio Godinho fala-nos com entusiasmo do seu álbum: sim, achei que era altura de tentar uma experiência nova com o som, penso de resto que não se pode fazer sempre o mesmo, é necessário evoluir, procurar apresentar o melhor, sempre e cada vez o melhor que me for possível.

Por isso outros músicos e fundamentalmente a colaboração do António Emiliano — nos arranjos, no sintetizador e no piano?

Vamos por partes — diz Sérgio Godinho — em primeiro lugar quero esclarecer que não



enjeito nenhum dos meus trabalhos anteriores, designadamente os arranjos musicais. Mas a verdade é que, conhecendo o estilo do António Emiliano (colaborei com ele na música do filme «Repórter X», por exemplo), achei que, para a maioria dos temas deste meu álbum, se ajustava muito bem o género de arranjos do Emiliano, onde entra uma componente dramática, com muita força. Ora, como as composições da «Vida Real», nomeadamente «O Fugitivo» e

aquelas em que pretendi interpretar Lisboa e o seu ambiente urbano, a relação que mantenho com Lisboa e vice-versa, reflectem emoções muito fortes, o som teria obviamente que não destoar. A simbiose pretendida foi conseguida a partir do trabalho do António Emiliano: parece-me que a explicação está dada.

Interessante, esta «súbita» paixão por Lisboa...

Digamos que não é súbita. Sou do Porto, todos o sabem, mas

não posso esquecer que vivo há doze anos em Lisboa, só que nunca ainda me tinha apeticado «cantar Lisboa». Calhou agora, mas o Porto não poderia ser esquecido: lá está uma canção do António Mafra, aí com a colaboração do Rui Veloso. Foi uma coisa que me deu imenso gozo recriar.

E o «Fugitivo», que não tem nada a ver com Lisboa ou com o Porto, teria sido feita a pensar na sua «experiência brasileira»?

Sim, talvez tenha um pouco a ver com isso, pelo menos subconscientemente, mas a ideia é muito mais ampla, a canção tem a ver com muitos fugitivos, com muitas fugas...

E agora, Sérgio? Disco lançado, como vai ser?

Para já, tenho programada uma longa digressão por todos as capitais de distrito, entre 22 de Janeiro e fins de Março, digressão essa que culminará com (pelo menos) um concerto no Coliseu do Porto e dois no Coliseu de Lisboa. Outras cidades, além das capitais de distrito, podem ainda ser incluídas na «tournée».

Já em casa, depois desta breve troca de impressões com Sérgio Godinho, ouvi o disco. Uma vez, duas vezes, mais algumas. A minha opinião aqui vai: Um belo trabalho, belo e forte simultaneamente. Diferente, mas «sempre igual» ao melhor de Sérgio. Indispensável ouvir-se.

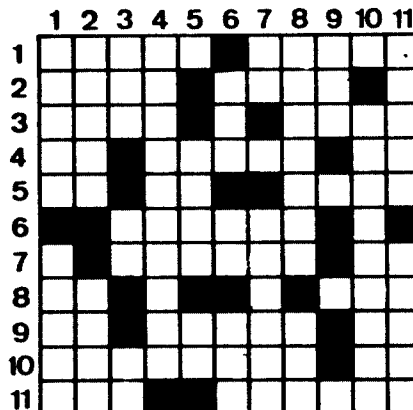
Rodrigues Borges

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 16 884

HORIZONTAIS:

- Mamíferos domésticos. A alma.
- Vila e concelho do distrito de Portalegre. Aquele que.
- Curiosos de água naturais e abundantes. Alcoviteira.
- Batráquio. Fruto seco. Sufixo que designa estado.
- Carta de jogar. Cento e um em romano. Espécie de sofá.
- Emparelhara.
- Reuniões de palavras com sentido (pl). Depois de Cristo.
- Pequena ilha francesa fortificada do Mediterrâneo. Pequeno símio do Brasil.
- Níquel (s.q). Primeiramente. Duas consoantes desiguais.
- Temporal. Európio (s.q).
- Membro de ave. Rio de Inglaterra.



VERTICAIS:

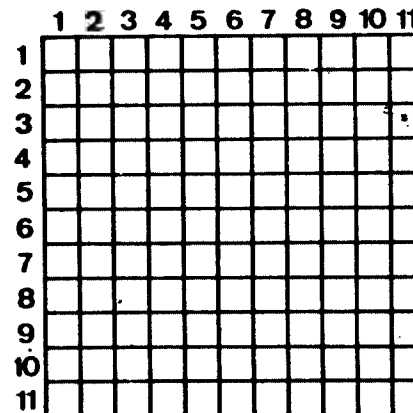
- Tiranias (fig). Engane.
- Despachas. Gumes.
- Irmão do pai. Confere. Batráquio.
- Caluniarium.
- Aponta. Neon (s.q).
- Pronome relativo. Artigo definido. Troil.
- Ouro (s.q). Envie.
- Doces como mel. Figura que simboliza o povo americano.
- Estime.
- Notícias.
- Aldeia de índios do Brasil. Seirão de cipó para cangalhas (Bras).

Resolva completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 713

HORIZONTAIS:

- Ilha inglesa das Grandes Antilhas. Tens.
- Suco narcótico extraído de algumas papoilas. Ligas.
- Ilha inglesa do mar da Irlanda. Nome de homem. Utensílios domésticos.
- Loucos. Emparelho.
- Recearão.
- Bário (s.q). Pronome pessoal. Caminhar. Preposição latina que designa movimento.
- Antes do meio-dia. Pertences. Içara.
- Berilo (s.q). Abreviatura de Santíssimo Sacramento. Viração.
- Prefixo de privação. Apelido. Preso.
- Item. Coa. Ósmio (s.q).
- Ecoam. Reis. Césio (s.q).



VERTICAIS:

- Medida itinerária da Pérsia. Molhais com baba.
- Separação.
- Escavar.
- Preposição e artigo. Recesssem.
- Arremessas.
- Empregue. Crómio (s.q).
- Naquele lugar. Esteiro. Preposição e artigo (pl).
- Nome de mulher.
- Véu com que as mulheres mouriscas cobrem a cabeça.
- Pegas. Charruas.
- Uniras com solda.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 883

HORIZONTAIS:

- Patão. HOMEM.
- Eros. Deã.
- Quistos.
- Rau. Troca.
- Ecos. Péu. Em.
- No. Soeram.
- Orais. Só.
- Ain. Dás.
- Acra. Acerou.
- Aedo. Rs. Cm.
- Rosário. AAA.

VERTICAIS:

- PEQUENO.
- Aru. CORAÇÃO.
- Toiro. Aires.
- Assassinada.
- Tu. Os. Or.
- AO. PÉ. DA.
- Hester. Acro.
- Dó. Ruasses.
- Mo. Mó.
- Es. Ce. BOCA.
- Campa. Uma.

PROVÉRBO: Homem pequeno, coração ao pé da boca.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 712

HORIZONTAIS:

- Antília. Apt.
- Rela. Ripara.
- Mias. Io. Res.
- Na. SC.
- Grotescas.
- Huca. Atoas.
- Siro.
- AAA. Aro. Bom.
- Triana. Arrá.
- Rasgavam. Ni.
- As. Ará. Egas.

VERTICAIS:

- Armagh. Atra.
- Nei. Rumaras.
- Tlalo. Ais.
- Aas. Ta. Agá.
- Ne. Sanar.
- Irias. Irava.
- Aio. Caro.
- Bato. Ame.
- Aar. Só. Br.
- Prés. Adorna.
- Tascas. Mais.

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; 17.00: Passos perdidos; 17.15: Musicomania; 19.00: Informação e música; 20.00: Música portuguesa; 20.15: No estúdio e na estrada; 20.30: Música portuguesa; 21.00: Movimento; 21.30: Livre e directo. Noticiários a todas as horas.

Programa 2

16.00: Música do século XX; 17.00: Integrais; 17.40: «Ariodante», suite, de Haendel; 18.00: Sinfonia, n.º 38, em ré maior, K. 504, de Mozart; 18.40: Trio, em lá menor, opus 50, de Tchaikovsky; 19.30: Cancioneiro popular português; 20.00: «O Mar», suite orquestral, de Debussy; 20.40: Música orquestral; 21.00: XI Festival da Costa do Estoril; 21.30: Dicionário sonoro do teatro; 22.30: Concerto, para viola dedilhada e orquestra; 23.00: Intercâmbio musical; 01.00: Fecho. Noticiários a todas as horas.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Dora a hora; 16.00: A feira mágica; 19.15: Musical; 20.00: Conta-corrente; 21.00: Discos pedidos; 22.00: Portugal e a CEE; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: Vigésima quarta hora; 02.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.00: O som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Circulo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: Jazz; 22.00: As mil e uma noites; 00.00: Morrison Hotel; 02.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média

15.00: Ré maior; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fim-de-tarde; 20.00: Conversa de amigos; 21.00: Encontro; 22.00: Luzes da ribalta; 23.00: Bola branca; 23.55: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Alentejo

13.00: Sopa dourada; 14.00: Pequenos em directo; 15.00: Boa tarde, Alentejo; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Grande bazar; 20.00: Ligação à rede nacional.

Voz de Lisboa

15.00: A Rádio da cidade; 18.00: Bola branca; 18.30: Sete colinas; 19.00: Jornal de Lisboa; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Música no espaço; 22.00: Sons do Sul; 23.00: Bola branca; 23.30: As canções da meia-noite; 23.57: Meditando.



18.02 — Sumário

18.07 — Brinca Brincando

«O Pequeno Inventor», «O Patinho Cuac Cuac», «Histórias Maravilhosas», «Os Dois Ursinhos Glutões» e «Terry Toons».

18.55 — Show Bis

19.30 — Telejornal

20.00 — Boletim Meteorológico

20.10 — Corpo a Corpo

Episódio 179 e último: — Osmar encontra Amauri em casa de Raul. Amauri explica que amou todo o plano para conseguir matar Alfredo, pois só assim conseguiria fazer com que Lúcia ficasse com ele. Osmar sai em busca de Raul enquanto Amauri escapa e vai ao estúdio, onde Lúcia estava. Amauri quer matar Lúcia, mas ela consegue seduzi-lo e os dois, sem querer, incendiam o estúdio e morrem. Raul morre também. Osmar e Eloá acabam ficando juntos e Teresa e Alfredo também. Rafael tem uma crise de competição com Bia porque ela ganhou o prémio da Fundação, mas depois fazem as pazes. Heloísa espera Zeca no aeroporto e Sónia e Cláudio continuam casados e felizes.

21.15 — Este é o Meu País

«Mobil nos Caminhos de Portugal»

21.40 — Duarte 1.ª C.ª

«A Cadeira do Poder»: — A Duarte e Tó restam apenas 24 horas para conseguirem recuperar o valioso colar... em alternativa enfrentarão 20 anos de cadeia sob acusação de cumplicidade no furto. Para mais facilmente dominar Lúcia, Atila dá ordens a Rocha para matar o chinês...

Intérpretes: Rui Mendes, António Assunção, Paula Mora, entre outros.

Realização: Rogério Ceitil.

22.40 — Hitchcock apresenta

5.º episódio: — Betsy Van Kannon, divorciada, muda-se para um prédio de apartamentos situado em Marina Del Rey, um bairro especial onde vivem pessoas celibatárias.

Uma noite, quando se prepara para ir para a cama, apercebe-se de que um homem de um apartamento vizinho a está a observar. Apaga imediatamente a luz e tapa a janela com um cobertor. Mas o telefone toca e uma voz de homem pede-lhe para tirar o cobertor.

E, quando no dia seguinte, Betsy recebe novo telefonema no trabalho, começa a ficar verdadeiramente aterrorizada. Contacta a polícia que não pode fazer mais do que pedir ao vizinho para não a importunar. Betsy decide então comprar uma pistola e espera por uma oportunidade para matar «o seu carrasco». A ocasião surge, Betsy dispara e o telefone toca de novo...

Intérpretes: — Linda Fiorentino, Tony Bill, Michael O'Keefe, Christopher Crowe, Sandra Bernhard. Realizador: John Byrum

23.05 — 24 Horas

23.40 — Remate



14.47 — Agora, Escolha!

16.15 — Notícias



A série portuguesa «Duarte & C.ª» no 1.º Canal às 21.40



«O Bravo Soldado Schweik» no 2.º Canal às 22.30

16.25 — Europa TV

16.30 — Tempo dos Mais Pequenos

«Ploom», «Plastinots» e «A Família Partridge»

17.00 — Countdown

17.45 — Magazine Automóvel

18.10 — Almanaque

Um programa sobre Hussein da Jordânia

18.15 — O Tempo

18.20 — O Mundo Amanhã

18.30 — Eurodesportos

19.30 — Europa e os Negócios

20.00 — Notícias

20.05 — 5.ª Dimensão

25.º episódio

20.30 — Doce e Amargo

20.º e último episódio

21.00 — Jornal das Nove

21.30 — Contraponto

22.30 — O Bravo Soldado Schweik

O romance de Jaroslav Hasek, «Die Abenteuer Des Braven Soldaten Schweik» é há muito considerado como um dos clássicos da literatura mundial.

Nesta série, baseada naquela obra e completada por Karel Vanek, de cerca de 1 hora cada episódio, o papel de Schweik é primorosamente desempenhado por Fritz Muhar. Ele não se limita a desempenhar um papel, vive como Schweik, graças a um profundo conhecimento da época e ao seu subtil humor,

típico da Boémia — coisas que não se aprendem, mas que se herdam.

A popularidade de Schweik, o negociante de cães de Praga e o herói de Czech, tornou-se num personagem imortal. E isto porque ele é a representação do homem comum para quem o importante não é viver mas sim sobreviver. Schweik é o símbolo intemporal do conformista, um misto de obediência e de resistência de alguém que se sente que é maltratado.

As normas militares e burocráticas, ao serem literalmente cumpridas, são reduzidas ao absurdo, deixando bem patente a sua falta de lógica. Tal como ainda hoje acontece.

Outros ditames da sociedade são igualmente aqui observados e analisados, daí ressaltando o ridículo hilariante de muitas situações.

Realização: Wolfgang Liebenheimer

23.30 — Uma Boa Ideia

23.40 — É de Ler

Amanhã



14.00 — Parlamento
14.30 — A B Z
18.15 — A Superavozinha
18.45 — Super Trinta
19.45 — Totoloto
20.00 — Jornal de Sábado
20.30 — Boletim Meteorológico
20.35 — 7 Folhas
20.45 — Faz de Conta
22.30 — Dinastia
23.30 — Pela Noite Dentro



14.05 — Os Pratos da Balança
14.30 — Novos Horizontes
15.00 — Quem te Viu e Quem TV
16.00 — Trofeu
20.00 — Europa TV
22.00 — O Magazine de Informática
22.15 — Concorde ou Talvez não
23.30 — Video Clube

AOS CONDUTORES

“Junto das paragens de transportes públicos, abrande a marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro.”

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

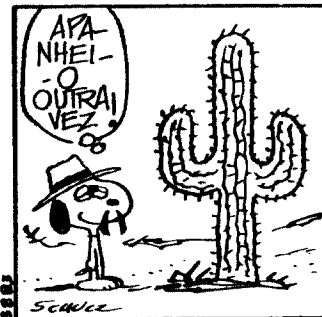
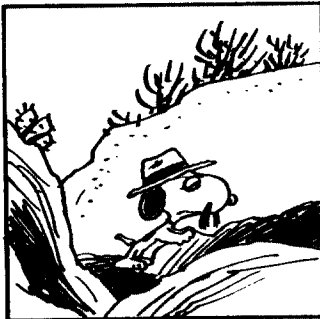
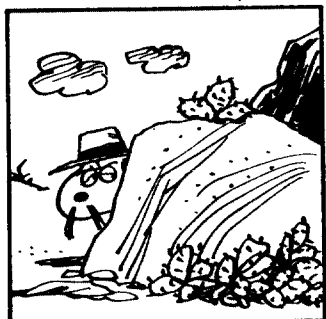
Hitchcock Apresenta

O Bravo Soldado Schweik
(1.º episódio)

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua Bento Jesus Caraca, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 4197570

Corpo a Corpo



MARÉS DE HOJE		TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 h:	
PREIA-MAR	BAIXA-MAR		
01.28 3,90 m	07.13 1,30 m	BRAGANÇA	9°
13.44 4,00 m	19.31 1,20 m	VIANA DO CASTELO ..	11°
Dia 5		VILA REAL	11°
02.05 4,00 m	07.47 1,20 m	PORTO	14°
14.22 4,00 m	20.01 1,20 m	COIMBRA	15°
		CABO CARVOEIRO ...	16°
		CASTELO BRANCO ...	—
		PORTALEGRE	11°
		LISBOA	15°
		ÉVORA	13°
		BEJA	13°
		FARO	17°
		SAGRES	17°
		PONTA DELGADA	13°
		FUNCHAL	20°

Magistrados criticam novo Código de Processo Penal

O Sindicato dos Magistrados do Ministério Público exigiu o alargamento do período de tempo para a publicação do novo Código do Processo Penal por «não estarem criadas as estruturas necessárias à sua entrada em vigor».

«Se tais estruturas, materiais e humanas, não forem criadas, o Ministério Público ver-se-á confrontado com a necessidade de ter de requisitar à Polícia todas as diligências investigatórias, pelo que correrá o risco de polarização da instrução criminal».

Esta é uma das conclusões das jornadas sobre o Código de Processo Penal, promovidas pelo Sindicato dos Magistrados do Ministério Público, que considera ser também necessário «concretizar a dependência funcional das forças policiais relativamente ao Ministério Público, sob pena de se subverter o espírito que subjaz ao novo Código de Processo Penal».

Para aqueles magistrados, também o sistema de recursos «não assegura um efectivo respeito do princípio do segundo grau de jurisdição, de os cidadãos verem reapreciados por um tribunal superior as decisões dos tribunais de primeira instância».

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

- 1.º PRÉMIO — 63 857 — 60 000 CONTOS
- 2.º PRÉMIO — 62 293 — 10 000 CONTOS
- 3.º PRÉMIO — 64 965 — 3 000 CONTOS

O 2.º Prémio foi vendido aos Balcões da Casa da Sorte

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção aos balcões da CASA DA SORTE

em LISBOA - BRAGA - PORTO - AVEIRO - VISEU - COIMBRA - SETÚBAL - FARO

1.º PRÉMIO
63 857

2.º PRÉMIO
62 293

3.º PRÉMIO
64 965



250 000 CONTOS

VENDEM-SE NA

CASA VIOLA

LISBOA - BRAGA - ESTORIL - VISEU - PORTIMÃO

Correio para: R. Assunção, 67 — 1100 LISBOA

/D/E/C/A/R/A/S/



VITOR CONSTANCIO reúne-se hoje com jovens em Coimbra, com quem debaterá a nova legislação do ensino superior e questões ligadas às universidades privadas. O secretário geral do Partido Socialista encontrou-se também com sindicalistas, professores universitários, autarcas e outros simpatizantes do PS. Um dirigente socialista disse que nestes encontros Vitor Constancio discutirá aspectos relacionados com a Convenção da Esquerda Democrática. A discussão desse tema, disse a mesma fonte, contará, provavelmente, com a presença de pessoas da área pintassilguista, como os professores universitários Rui Namorado e Boaventura Sousa Santos.

SOFIA DE ESPANHA chegou hoje a El Salvador numa visita que tem por objectivo o auxílio às vítimas do sismo do mês passado. Com a rainha, chegou ajuda medicamentosa, tendas e víveres para os sobreviventes do terramoto que matou pelo menos 1500 pessoas. O embaixador espanhol revelou que Madrid deu também 20 mil contos para ajuda.



LUIS PIÇARRA é hoje homenageado em Lisboa por iniciativa da Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo, que organiza na sua sede um baile com variedades. No espectáculo participam, entre outros, Ivone Silva, Carlos Ivo, Maria de Lurdes Resende, Gina Maria e o casal de acordeonistas Fernanda Guerra e Fernando Ribeiro.

CARLOS PIMENTA é homenageado esta noite pelos grupos ecologistas «Amigos da Terra» e «Quercus», pela «acção decidida que tem demonstrado na tentativa de estruturar as bases da futura gestão ambiental». Em comunicado, os dirigentes ecologista referem que o ambiente em Portugal «continua a degradar-se, razão pela qual manifestamos vontade de reforçar a actual política de ambiente». «Este jantar-convívio constituirá um incentivo para aqueles que tentam abrir caminhos para uma melhor qualidade de vida», afirmaram.

DIANA e Carlos, príncipes de Wales, terminam amanhã a sua viagem pelos países do Golfo Pérsico, deslocação oficial e de cortesia que na realidade tem por objectivo promover o comércio



britânico nesta região rica em petróleo. A propósito de negócios com nações do Médio Oriente, a revista «Middle East Economic Digest», que se edita em Londres, revela na sua última edição que, não obstante a queda vertical dos rendimentos dos países árabes produtores de petróleo, as exportações britânicas para a Arábia Saudita desceram somente 17 por cento nos primeiros 10 meses de 1986, enquanto as exportações da Alemanha Federal para o mesmo país registaram no primeiro semestre deste ano uma quebra de 36,1 por cento.

PEZARAT CORREIA participa hoje, como convidado, no encontro extraordinário da Reforma Agrária, que se realiza em Montemor-o-Novo. «Fazer parar a destruição da Reforma Agrária, demitir o Governo» é o tema deste encontro convocado pelos secretários das UCP's/Cooperativas agrícolas e sindicatos da agricultura do Alentejo e Ribatejo. Este encontro extraordinário tem como objectivo aprovar «um conjunto de propostas de acção imediata para que seja sustida a destruição da Reforma Agrária», informou um dos organizadores.

Por decisão do Conselho de Ministros

Alienação do parque gráfico do «Diário Popular»

A alienação de bens do «Diário Popular», novos investimentos na rede emissora da RTP e a autorização do Estado em participar na futura agência 'Lusa' são três de uma série de medidas para a comunicação social tomadas ontem pelo Conselho de Ministros.

No final do encontro do Executivo, o ministro Fernando Nogueira estranhou a demora da Assembleia da República em tomar uma decisão final sobre a proposta do Governo de exploração da RTP, a qual prevê a concessão de um canal destinado à Igreja.

O ministro anunciou ter sido decidida a venda, por concurso público, da quota do «Diário Popular» no jornal desportivo «Record» e do parque gráfico da empresa pública.

O Conselho de Ministros decidiu ainda que a onda curta da RDP «deve ter uma gestão autónoma para melhorar a qualidade do serviço».

Nesse sector radiofónico vão ser investidos em 1987 cem mil contos — acrescentou.

Decidiu ainda o Conselho de Ministros investir nos próximos dois anos três milhões de contos no sistema de emissões da RTP «para que todos os portugueses tenham o mesmo acesso à Televisão», bem como «resolver carências do sistema de emissão».

CINEMA CINEMA CINEMA CINEMA CINEMA CINEMA CINEMA CINEMA

O passageiro da noite

Não se irá mais longe que a solidão ou, se quisermos, não é preciso ir buscar razões a outros lugares: O passageiro da noite é um filme que atravessa o território do amor depois de passadas todas as ilusões e desse espaço espaçado e azul dos bares e do asfalto faz crer que a ilusão ainda existe...

Mas é só ironia.

Um pouco como a colecção de cartazes no apartamento de Pearl (Rae Dawn Chong), um pouco como aquela emissão de Rádio (a que Alan Rudolph consegue dar o humor do desespero), um pouco como esse final indecididamente feliz, este filme percorre um caminho de cepticismo solidário, ama e ri-se dos seus personagens, acende-lhes a chama e depois fica a olhá-los com afecto mas sem fé. É só ironia e fumo e vontade de diferença (quem acredita no passado de Mickey se o seu presente é tão volúvel? quem não gostaria, porém de nele acreditar?). O filme embala-nos, os arranhões são calmos, nada de muito apaixonante mas a sedução acontece.

J.L.R.

CINEMA QUARTETO
(para maiores de 16 anos)

ALFAS TRIPLEX

— T. 806496

ALFA 1

TOP GUN — ASES INDOMÁVEIS

de Tony Scott
Publicidade com objectivos militaristas, a completa indigência estética e mental condimentada com grandes meios, música rock e o beneplácito do Pentágono. Brrr...
(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

ALFA 2

UM VAGABUNDO NA ALTA RODA
de Paul Mazursky
(para maiores de 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 21.30 e 24 h

ALFA 3

INVASÃO E.U.A.
de Joseph Zito
(para maiores de 16 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.30 e 00.15 h

ALFA CLUB

AS FORÇAS DO UNIVERSO
de Tobe Hooper
Junta-se a tradição vampírica com um futuro de naves espaciais interplanetárias e coloca-se tudo na cauda do cometa Halley a assombrar o planeta Terra. O resultado é um filme onde os efeitos especiais e Mathilda May acabam por ficar com os louros e Tobe Hooper com a culpa de ter maltratado uma ideia preñhe de possibilidades.
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 24 h

AMOREIRAS

— T. 691275

SALA 1

INVASÃO E.U.A.
de Joseph Zito
(para maiores de 16 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

SALA 2

TOP GUN — ASES INDOMÁVEIS
de Tony Scott
Ver nota crítica no espaço dos Alfes
(para maiores de 12 anos)
13.45, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

SALA 3

UM DIA A CASA VEM ABAIXO
de Richard Benjamin
Uma produção de Spielberg relativamente divertida mas muitos furos abaixo do nível habitual da «casa».
(para maiores de 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

APOLO 70

— T. 763319

A VERDADE DOS FACTOS
de Richard Eyre
O cinema britânico continua a trazer-nos filmes esparsos a intrigar a nossa inteligência e a bulir com a realidade. Desta feita trata-se de tomar o pulso à nação britânica, aos seus valores, ao quotidiano, à memória e ao porvir.
Vão por mim e não percam.
(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

ÁVILA

— T. 539930

UMA TREMENDA CONFUSÃO
de Blake Edwards
* Ver «As Estreias da Semana»
(para maiores de 12 anos)



Lesley Ann Warren e Keith Carradine em «O Passageiro da Noite»: Irresistivelmente sedutor

15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

AVIS

— T. 577163

CLUBE PRIVADO
(Interdito a menores de 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

BERNA

— T. 776098

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
de Sergio Leone
Há oito meses em cartaz, a espantosa saga de Leone. Quase quatro horas de duração, quem diria que um tão grande êxito lhe estava reservado? Êxito amplamente justificado, claro, um filme assim aparece de onde em onde, como um farol imponente que vem provar que o cinema está vivo enquanto houver quem o saiba respirar deste modo grave, arrebataador e visionário.
(para maiores de 16 anos)
15.00 e 21.00 h.

CAPITÓLIO

— T. 372358

MIRONES SEXUAIS
(Interdito a men. de 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

CASTIL

— T. 530194

UMA TREMENDA CONFUSÃO
de Blake Edwards
* Ver «As Estreias da Semana»
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h sábados, domingos e feriados;
dias úteis às 15.30, 18.30 e 21.30 h

CINEBOLSO

— T. 573407

INTRODUÇÕES INTÍMAS
(Interdito a menores de 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

CINEBLOCO

— T. 556824

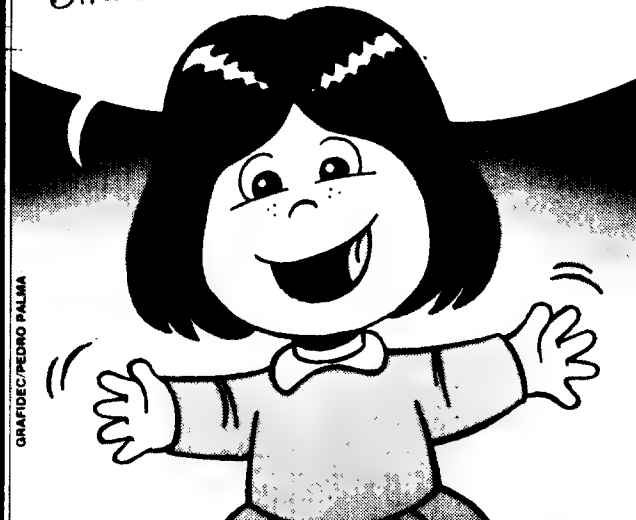
ÁFRICA MINHA
de Sydney Pollack
Ver nota crítica no espaço dos

AS ESTREIAS DA SEMANA

UMA TREMENDA CONFUSÃO

A partir de hoje no Ávila e Castil.
Um género que tende, cada vez mais, a ser difícil de conseguir: a comédia.
A realizar: Blake Edwards
Principais Intérpretes: Richard Mulligan, Howie Mandel e Ted Danson.

EU SOU A DOT E JÁ ESTOU NOS
VIDEOCLUBES, EM FILMES DE
DESENHOS ANIMADOS MUITO
GIROS... PARA TODA A FAMÍLIA



MAIS UMA EDIÇÃO
VISTA VIDEO
PRODUÇÕES DE VIDEO SARL

— SBOA — R. António Pedro, 68.1. Dto.
LISBOA — Tels. 526331/526295
— BURTOS — R. Martires da Liberdade, 37-2
4000 PORTO — Tels. 319115/319160

Fonte Nova
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

CINE 222

— T. 579460

NOITES ESCALDANTES
de Lawrence Kasdan
(para maiores de 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

CINE ESTÚDIO ACS

— T. 887255

TOOTSIE
de Sydney Pollack
(não acons. men. 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

CINE PORTELA

— T. 2524761

ESTÚDIO ANUSHA

F/X-EFEITOS MORTAIS
de Robert Mandell
(para maiores de 16 anos)
14.45, 17.00 e 21.45 (Sabados e Domingos)
16.00 e 21.45 (de Segunda a Sexta)

ESTÚDIO SHEZA

O ROMANCE DE MURPHY
de Martin Ritt
(para maiores de 12 anos)
15.00, 17.15 e 21.30 (Sabados e Domingos)
15.30 e 21.30 (de Segunda a Sexta)

CITY CINE

— T. 549999

GINGER E FRED
de Federico Fellini
A nostalgia do espectáculo de antanho e o acaso da homogeneidade televisiva. E o mais recente filme de Fellini e, apesar de não ombrear com anteriores obras daquele realizador, ainda é um dos mais interpelantes filmes em exibição.
(para maiores de 6 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

CONDES

— T. 323532

DUELO IMORTAL
de Russell Mulcahy
(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

EDEN

— T. 320768

INVASÃO E.U.A.
de Joseph Zito
(para maiores de 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

ESTÚDIO

— T. 555134

A ENCRUZILHADA
de Walter Hill
(para maiores de 6 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

ESTÚDIO 444

— T. 768078

OPERAÇÃO ORION
de Ola Solum
Da Noruega chega um filme questionando o equilíbrio militar planetário e a neutralidade impossível de quem se move neste mundo dividido. Seria lamentável que «Operação Orion» estivesse destinado a uma carreira rápida e amorfa.

Homenagem a António Silva na Cinemateca

No centenário do nascimento daquele que foi, indubitavelmente, o mais marcante actor da História do Cinema Português, promove a Cinemateca uma homenagem retrospectiva de toda a sua filmografia portuguesa.

6.ª feira, 14 às 18h30: — **AS PUPILAS DO SENHOR REITOR**/1935
de Leitão de Barros
Sábado, 15 às 15h30: — **BOCAGE**/1936
de Leitão de Barros (versão espanhola)
2.ª feira, 17 às 18h30: — **MARIA PAPOILA**/1937
de Leitão de Barros
3.ª feira, 18 às 18h30: — **A VARANDA DOS ROUXINÓIS**/1939
de Leitão de Barros (cópia apenas com banda de imagem)
4.ª feira, 19 às 18h30: — **JOÃO RATÃO**/1940
de Jorge Brum do Canto
5.ª feira, 20 às 18h30: — **FETIÇO DO IMPÉRIO**/1940
de António Lopes Ribeiro (cópia apenas com banda de imagem)

CICLO DE CINEMA INDIANO

Prossegue, entretanto, o grande ciclo de cinema indiano, agora com as atenções centradas em

Ray e Sen, os dois mais conhecidos realizadores da actualidade.

6.ª feira, 14 às 21h30: — **PIKOO**/1981 (Pikoo) de Satyajit Ray (cópia legendada em Inglês)
Sábado, 15 às 18h30: — **HOME AND THE WORLD**/1983

(A Casa e o Mundo) de Satyajit Ray (cópia legendada em português)
às 21h30: — **STAYAJIT RAY**

(Stayajit Ray) de Shyam Benegal (cópia em versão inglesa)

2.ª feira, 17 às 21h30: — **BHUVAN SHOME**/1969

(O Senhor Shome) de Mrinal Sen (cópia legendada em inglês)

3.ª feira, 18 às 21h30: — **PADATIK**/1973

(O Infante) de Mrinal Sen (cópia legendada em francês)

4.ª feira, 19 às 21h30: — **AKALER SANDHANE**/1980

(Em Busca da Fome) de Mrinal Sen (cópia legendada em inglês)

5.ª feira, 20 às 21h30: — **KHARIJ**/1982

(Caso Encerrado) Mrinal Sen (cópia legendada em inglês)



António Silva (à dir.) no João da Esquina de «As pupilas do Senhor Reitor» de Leitão de Barros (hoje, na Cinemateca)

(para maiores de 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

FONTE NOVA

— T. 7145088

SALA 1

LUA DE MEL COM FANTASMAS
de Gene Wilder
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

SALA 2

ÁFRICA MINHA
de Sydney Pollack
A África mítica, a memória, um amor lá atrás quando todo o olhar era jovem e extasiado Pollack a

assinou um dos grandes filmes do ano, centrado em Meryl Streep, apaixonante como (quase) sempre.
(para maiores de 12 anos)
(14.15, 17.30 e 21.00 h)

SALA 3

REVOLUÇÃO
de Hugh Hudson
(para maiores de 12 anos)
(14.45, 17.00, 18.00 e 21.45 h)

GEMINI

— T. 734009

INVASÃO E.U.A.
de Joseph Zito
(para maiores de 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

IGOPER

T. 708926

O ESPÍAO DO SAPATO VERMELHO
de Stan Dragoti
(para maiores de 12 anos)
15.30 e 21.30 h

IMPÉRIO

— T. 555134

LAWRENCER DA ARÁBIA
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

LAS VEGAS

— T. 631162

SALA 1

DUELO IMORTAL
de Russell Mulcahy
(para maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 (de Segunda a Sexta)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 (Sabados, Domingos e Feriados)

SALA 2

ANA E AS SUAS IRMÃS
de Woody Allen
Woody Allen, sem necessidade de provar e se pôr à prova: um filme magnífico onde amor, humor, Nova Iorque e um punhado de pessoas se misturam num carrossel que sobe e desce, vai e vem, como a vida.
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 (de segunda a sexta)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 (sabados, domingos e feriados)

LONDRES

— T. 80 13 13

ANA E AS SUAS IRMÃS
de Woody Allen
Ver nota crítica no espaço do Las Vegas
(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

MUNDIAL

— T. 538743

ENCERRADO PARA OBRAS

NIMAS

— T. 574362

A FÁBRICA DAS LOUCURAS
de Ron Howard
(para maiores de 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

OLÍMPIA

— T. 325309

VAMOS FALAR DE SEXO
(interdito a men. 18 anos)
Sessões continuas a partir das 14.00 h

ODEON

— T. 326283

CHAMAVAM-LHE GÊNIO
de Damiano Damiani
(para maiores de 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

POLITEAMA

— T. 326305

O BRAÇO FORTE DA LEI-COBRA
(para maiores de 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

QUARTETO

— T. 771378

SALA 1

O NAVIO FAROL
de Jerzy Skolimowski
O pai e o farsante num espaço ancorado no meio de sítio nenhum. Um belo filme de Skolimowski em que Robert Duvall nos arrebatava no seu difícil papel de composição.
(para maiores de 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.30 h

SALA 2

CORTINA RASGADA
de Alfred Hitchcock
(para maiores de 14 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 23.30 h

SALA 3

NOVA IORQUE FORA DE HORAS
de Martin Scorsese
Esta quase no fim a carreira surpreendente desta fita de Scorsese. Atenção, leitor, se não viu, não perca.
(para maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

SALA 4

O PASSAGEIRO DA NOITE
de Alan Rudolph
* Ver «Destaque»
(para maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

ROMA

— T. 887778

O BRAÇO FORTE DA LEI-COBRA
de George Pan Cosmatos
(para maiores de 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

ROXY

— T. 548560

CAÇA AS VIRGENS

AS ESTRELAS

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA	★★★★★
ÁFRICA MINHA	★★★★★
A VERDADE DOS FACTOS	★★★★★
ANA E AS SUAS IRMÃS	★★★★★
NOVA IORQUE FORA DE HORAS	★★★★★
O NAVIO FAROL	★★★★★
O PASSAGEIRO DA NOITE	★★★★★
GINGER E FRED	★★★★★
OPERAÇÃO ORION	★★★★★
AS FORÇAS DO UNIVERSO	★★★★★
A COR PÚRPURA	★★★★★
UM DIA A CASA VEM ABAIXO	★★★★★
TOP GUN	★★★★★



Robert de Niro (à esq.) e Joe Pesci em «O Touro Enraivecido» de Martin Scorsese (este fim-de-semana, no City Cine)

MEIAS NOITES

Sexta, 14

O Touro Enraivecido, de Martin Scorsese (Cine 2000, Algés, 23.45h)
Finalmente a Primeira Vez, de Robert Freeman (Academia, Almada, 24h)
O Dia Seguinte, de Nicholas Meyer (Estúdio Flores, Cacém, 24h)
48 Horas, de Walter Hill (Cinebloco, 24h)
Prego a Fundo, de Hal Needham (Cine 222, 24h)
O Touro Enraivecido, de Martin Scorsese (City Cine, 23.45h)
The Day After, de Nicholas Meyer (Turim, 24h)

Sábado, 15

Corações e Armaduras, de Giacomo Battiato (Cine Tropical, Linda-a-Velha, 24h)

Excalibur, de John Boorman (Cine Odivel, Odivelas, 24h)
A Galoia das Malucas, de Edouard Molinaro (Estúdio Dois Eme, Mem Martins, 24h)
Barreira de Fogo, de Clint Eastwood (Cine Estúdio Almada, 24h)
48 Horas, de Walter Hill (Cinebloco, 24h)
Prego a Fundo, de Hal Needham (Cine 222, 24h)
O Touro Enraivecido, de Martin Scorsese (City Cine, 23.45h)
A Pele de um Malandro, de John Flynn (Turim, 24h)

Domingo, 16

1941 - Ano Louco em Hollywood, de Steven Spielberg (Cine Estúdio Almada, 24h)
Prego a Fundo, de Hal Needham (Cine 222, 24h)
O Touro Enraivecido, de Martin Scorsese (City Cine, 23.45h)
48 Horas, de Walter Hill (Cinebloco, 24h)

E AINDA

ESTÚDIO 444/SPA

Continua a «Homenagem a Alexander Korda» com os filmes **O Terceiro Homem**, de Carol Reed (hoje, pelas 18.45, no Estúdio 444), e **A Conquista do Ar**, de Zoltan Korda (dia 18, pelas 18.30h, na SPA). Mais uma iniciativa do ABC Cineclub de Lisboa.

Forum Picoas

Continua a decorrer o ciclo Cinema e Música que exhibe: **Carmen Jones**, de Otto Preminger (dia 14); **Carmen**, de Carlos Saura (dias 15 a 17) e **Carmen**, de Francesco Rosi (dias 18 a 20). Sessões às 19.00 e 21.45 (aos sábados, domingos e feriados também às 16.00h).

Centro British Council

The Human Factor, de Otto Preminger vai ser apresentado nos dias 17 (às 18.30) e 18 (às 16.00).

Instituto Alemão

A Bilha Quebrada, de Gustav Ucicky é apresentado hoje, às 18.30h.

Instituto Franco-Português

O cinema português tem hora marcada para os dias 18: **Kilas, o Meu da Fita**, de José Fonseca e Costa e 20: **Os Verdes Anos**, de Paulo Rocha. Sessões às 18.30h.

Quarteto

Os filmes apresentados no Festival de Tróia vão ser exibidos alternadamente em todas as salas do Quarteto.

Dia 14

14.30h. - **Malayunta**, de José Santiso (Argentina)
 16.30h. - **Cartas de um Homem Morto** de Konstantin Lopushanski (U.R.S.S.)
 19.00h. - **Broken sky**, de Ingrid Thulin (Suécia)
 21.30h. - **Runaway Train**, de Andrei Konchalovski (E.U.A.)

Dia 15

14.30h. - **Schmutz**, de Paulus Manker (Áustria)
 16.30h. - **Eu Sei Que Vou te Amar**, de Arnaldo Jabor (Brasil)
 19.00h. - **Letter to Brezhnev**, de Chris Bernard (Inglaterra)
 21.30h. - **Fool for Love**, de Robert Altman (E.U.A.)

Dia 16

14.30h. - **Heidenlöcher**, de Wolfram Paulus (Áustria)

(interdito a menores de 18 anos)
 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. JORGE

- T. 579144

SALA 1

TOP GUN - ASES INDOMÁVEIS
 de Tony Scott

Ver nota crítica no espaço dos Afas

(para maiores de 12 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

SALA 2

A FÁBRICA DAS LOUCURAS

de Ron Howard

(para maiores de 6 anos)

14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

SALA 3

A COR PURPURA

de Steven Spielberg

Ver nota crítica no espaço do 7.º Arte

(para maiores de 12 anos)

14.30, 18.00 e 21.15 h

7.º ARTE

- T. 730715

A COR PURPURA

de Steven Spielberg

Não na palavras que exprimam a desilusão. Mas há palavras para qualificar este filme: detestável. A estrelinha solitária vai para a música e claro

(para maiores de 12 anos)

15.00, 18.15 e 21.30 h

STAR

- T. 804210

PAVLOVA - UMA MULHER

PARA SEMPRE

de Emil Lotanov

(para maiores 12 anos)

15.00, 18.15 e 21.30 h (de 2.ª a 6.ª)

Sábados e domingos 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

TERMINAL

- T. 371573

O BRAÇO FORTE

DA LEI-COBRA

de George Pan Cosmatos

(para maiores de 16 anos)

13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

TIVOLI

- T. 570595

UM VAGABUNDO

NA ALTA RODA

de Paul Mazursky

(para maiores de 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

TURIM

- T. 706666

JOVENS MEDICOS

APAIXONADOS

de Garry Marshall

(para maiores de 12 anos)

15.00, 17.30 e 21.45 h

VOX

- T. 880808

A ESTRADA DE FOGO

de Walter Hill

(para maiores de 12 anos)

15.30, 18.45 e 21.00 h

XENON

- T. 368480

DUELO IMORTAL

de Russell Mulcahy

(para maiores de 12 anos)

14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

ZODÍACO

- T. 570151

PASSADO INESQUECIVEL

15.15, 18.15 e 21.30 h (de Segunda a Sexta)

15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h (Sábado, Domingos e Feriados)

16.45h. - **Kan**, de Serif Goren (Turquia)
 19.00h. - **A Lenda da Fortaleza Surame**, de Serguei Paradjanov e David Abachidze (U.R.S.S.)
 21.30h. - **Wetherby**, de David Hare (Inglaterra)
 Dia 17
 14.00h. - **Que Horas São sr. Relógio**, de Peter Bacsó (Hungria)
 16.45h. - **Vingança Pale**, de Claude Gagnon (Canadá)
 19.00h. - **Se Permuta**, de Gutierrez-Alea (Cuba)
 21.30h. - **Dragou Rapid**, de Jaime Camino (Espanha)
 Dia 18
 14.30h. - **Passiflora**, de Dagmar Teufel/Fernand Belager (Canadá)
 17.00h. - **Minha Linda Aidelazinha**, de Jiri Menzel (Checoslováquia)
 19.00h. - **Livre para Ser Feliz**, de Rajko Grlic (Jugoslávia)
 21.30h. - **Dancing in the Dark**, de Leon Marr (Canadá)
 Dia 19
 14.30h. - **Ete und Ali**, de Peter Kahana (R.D.A.)
 16.30h. - **Hora da Estrela**, de Susana Amaral (Brasil)
 19.00h. - **Tiempo de Morir**, de Jorge Ali Triana (Colômbia)
 21.30h. - **La Femme de L'hotel**, de Lea Pool (Canadá)
 Dia 20
 14.30h. - **A Lenda da Fortaleza Surame**, de Serguei Paradjanov e David Abachidze (U.R.S.S.)
 16.45h. - **Schmutz**, de Paulus Manker (Áustria)
 19.00h. - **Dancing in the Dark**, de Leon Marr (Canadá)
 21.30h. - **Eu Sei Que Vou te Amar**, de Arnaldo Jabor (Brasil)

Caldas da Rainha

O ciclo Cinema e Comunicação Social apresenta hoje, às 18.30h., o filme **Correspondente de Guerra**, de Alfred Hitchcock.

Guarda

Paixões que Escaldam, de Martin Ritt é o filme a ser exibido hoje, às 21.30h., na Casa da Cultura da Juventude desta cidade.

Leça da Palmeira

A Balada de Marayama, de Shohei Imamura vai ser apresentado no próximo dia 16 no Estúdio Chaplin.

Viseu

No Auditório Calouste Gulbenkian é exibido hoje, pelas 21.30h., **Lola**, de Rainer Werner Fassbinder.



Helen Mirren e John Lynch em «Tempo de Guerra» de Pat O'Connor (amanhã, no Auditório Carlos Alberto, no Porto)

TEATROTEATROTEATRO TEATROTEATROTEATROTEATROTEATROTEATROTEATR

ACTO

Problemas do Teatro Português (12)

Depois do 25 de Abril foram várias as tentativas de fazer passar por Viseu, centro de uma região economicamente importante, uma das coordenadas da descentralização teatral. Sem sucesso, por várias razões que tiveram a ver com particularidades regionais, com carências estruturais (em especial a falta de instalações adequadas), provavelmente com perspectivas erradas nessa tentativa de implantação do teatro profissional.

A primeira e mais prolongada tentativificou a dever-se a um grupo formado por jovens saídos do Conservatório Nacional a partir do projecto de um espectáculo que seria produzido com a intenção de ser dirigido «sobretudo ao público rural do Norte do país», nas palavras dos seus responsáveis, projecto que se gorou por falta de meios económicos. Em princípios de 1976, o grupo, que ainda o não era, escreveu e trabalhou colectivamente um espectáculo constituído por quatro «sketches» que apresentou em Lisboa e arredores. Em Junho/Julho do mesmo ano, já como profissionais, o grupo volta ao projecto inicial, tendo retomado uma colagem de textos de Gil Vicente, a que foi dado o título **Auto de Ferrabraz e Mantarota**, com ligações escritas por Alberto Lopes. O espectáculo estreou-se na Comuna, em Outubro, com a participação, entre outros, de Victor Valente, São José Lapa, Helena Vidal, Alberto Lopes, Amílcar Martins, António Cruz, Maria José Belo Marques. Nome do grupo: A Centelha, Cooperativa de Produção de Espectáculos.

A Centelha instalou-se em Viseu em Janeiro de 1977, embora só no ano seguinte obtivesse subsídio do Fundo de Teatro. Ainda em 1977, apresentou dois espectáculos: **Pelintra e Cantochão dão Cabo de um Aldrão**, texto de Alberto Lopes, encenação colectiva, e **Guerras do Alecrim e Mangerona**, de António José da Silva (O Judeu), encenação de Norberto Barroca.

O grupo começou por trabalhar no Auditório da Feira de Mateus, cedido pela respectiva Câmara Municipal a título precário o que impedia a ocupação e aproveitamento integral e regular do espaço. Esse facto contribuiu, como não podia deixar de ser, para inviabilizar este projecto de descentralização.

Em 1978, A Centelha produziu os seguintes espectáculos: **Quatro Dias de Viagem**, texto colectivo redigido por Alberto Lopes, com encenação do grupo; **A Galola é uma Coisa Horrível**, texto colec-

tivo dirigido por São José Lapa; **O Atentado**, texto e encenação de Alberto Lopes a partir da peça de Jorge de Sena «A Morte do Papa».

A ida da Centelha para Viseu só foi possível graças a um acordo com o FAOJ, que durante seis meses forneceu ao grupo apoio material e logístico. Em contrapartida, A Centelha realizou nesse período «mais de 280 sessões de trabalho de apoio de grupo de teatro amador e associações culturais», tendo percorrido «mais de 22 000 km em todo o distrito».

Graças ao apoio do grupo foram constituídos na região vários grupos de amadores. O fim do acordo com o FAOJ impediu a continuação desse programa. Outras acções de animação cultural foram um seminário na Escola Preparatória de Viseu, a elaboração de um caderno de textos sobre fantoches, a produção de espectáculos musicais e de poesia, etc.

Do núcleo inicial de actores e técnicos da Centelha só alguns permaneceram neste trabalho de descentralização, outros tendo nele ingressado posteriormente. No caso dos primeiros, São José Lapa e Alberto Lopes; no caso dos segundos, Lucinda Loureiro, Luísa Barbosa, etc.

O grupo começou naturalmente a debater-se com grandes dificuldades, a conhecer algumas resistências por parte das forças locais, a entrar num processo de ruptura. Temos notícia da apresentação, em 1980, de um espectáculo intitulado **As Mãos Metidas na Terra**, texto de Alberto Lopes, encenação de São José Lapa, e depois mais nada. Até à sua dissolução.

Precariedade dos apoios recebidos, falta de adequação do projecto do grupo às condições locais, falta de homogeneidade, uma proposta ideológica e política, não apenas sob o ponto de vista de criação como, talvez sobretudo, de animação, excessivamente polémica — talvez estas razões estejam na base do falhanço deste projecto de descentralização.

Não tendo conhecido no local a actividade do grupo não nos é possível analisar e comentar as causas que, de facto, motivaram esse falhanço. Os rumores a esse respeito que, de origem fidedigna, na altura nos chegaram, sublinhavam o carácter excessivamente agressivo do comportamento do grupo em relação a uma população possivelmente perturbada pelos acontecimentos do pós-25 de Abril.

À tentativa falhada da Centelha seguiu-se uma outra, esta demasiado breve e circunstancial, dinamizada pelo actor Victor Esteves que, depois de um curso de teatro tirado em Paris, onde fez um excelente trabalho junto de emigrantes portugueses, desejou integrar-se no movimento de levar o teatro onde não o havia. A Companhia de Teatro de Viseu, com Wladimir Franklin, Cândida Vieira, Gabriela Simões, etc., apresentou, que saibamos, três espectáculos: **O Segredo**, texto e encenação de Richard Dénarcy; **Pathefin**, encenação de Victor Esteves, e **Passagem sobre Sol Imóvel**, texto de Katia Deccache, encenação de Jorge Fraga. 1982 foi o ano da Companhia de Teatro de Viseu que morreu como nascera, praticamente sem ninguém dar por isso. Victor Esteves, entretanto, regressou a Paris onde continuou a trabalhar para os emigrantes.

Resta referir que em anos recentes se instalou em Viseu um dos melhores encenadores portugueses, Ricardo Pais, que aí tem feito, especialmente, um trabalho de animação cultural. Em 1985, formou-se um núcleo de produção cultural, Área Urbana, que produziu, entre outros, um espectáculo alusivo à passagem do I Centenário de Aquilino Ribeiro, com o título **Teatro de Enormidades Apenas Críveis à Luz Eléctrica**, espectáculo que se deslocou ao Centro de Arte Moderna.

Um dos principais objectivos do núcleo Área Urbana consiste na recuperação do único teatro existente em Viseu, o Viriato, transformado em armazém de mercearia, e onde apresentou o espectáculo sobre Aquilino.

Esta aventura complicada da descentralização teatral em Viseu demonstra a necessidade de uma reflexão sobre as formas, que essa descentralização deve assumir de acordo com as características de cada região. Prova também que essa descentralização pode existir sob várias formas e não apenas sob a forma tradicional de um grupo profissional. Estejamos atentos ao que se vier a passar em Viseu para melhor podermos entender e reflectir sobre o fenómeno da descentralização e, portanto, sobre a problemática do teatro em Portugal.

Carlos Porto

Agenda do essencial

Regressa-se de uma capital, a que apetece chamar, europeia que fervilha teatro e cujos teatros fervilham de gente, gente viva, interessada, gente de idade, gente nova, gente sem idade, regressa-se e é isto: em plena **saíson**, para utilizar um termo consagrado, o Teatro Nacional com a sua sala principal encerrada não se sabe por quanto tempo, os grupos independentes ainda na preparação dos seus espectáculos já que só no que devia ser o início da temporada tiveram conhecimento das linhas financeiras com que iam coser essa temporada. Algum do teatro que se produz em Portugal, muitos dos nossos artistas de teatro são dignos de qualquer palco de qualquer parte. Há, no entanto, **alguém** que não sabe o seu papel.

Deparámo-nos com três novidades em relação ao cartaz que deixámos: na Sala Experimental do T.N.D. Maria II, **Jonas**, de Elie-Georges Deberry, encenação e interpretação de Domingos Semedo; no Porto, no Teatro dos Modestos, Os Comediantes estrearam o seu espectáculo com a peça de Marivaux **O Jogo do Amor e do Acaso**, encenação de João Paulo Costa; em Évora, o C.C.E. estreou a peça para crianças **O Contra-Palhão**, Encenação de Gil Sanguinho Nave.

Entretanto, a Barraca estreia amanhã, em Tondela, o seu novo espectáculo com a peça **Os Polícias**, de Mrozek, encenação de Hélder Costa, espectáculo a estreiar brevemente em Lisboa. Outros espectáculos em cena: na Comuna, **Touro**, de Abel Neves encenação de João Mota; no Teatro da Graça, **As Lágrimas Amargas de Petra von Kant**, de R.W. Fassbinder, encenação de Carlos Fernando; no Estoril, o TEC continua a apresentar **Galileu Galilei**, de Brecht, encenação de Carlos Avilez; em Almada, o Campolide mantém **Georges Dandin**, de Molière, encenação de Joaquim Benite; no ABC, e no Teatro Maria Matos, as duas revistas, respectivamente, **Lisboa, Tejo e Tudo**, e **Isto é Maria Vitória**.

No Porto, além de **O Jogo do Amor e do Acaso**, a Seiva Trupe mantém **Toda a Nudez Será Castigada**, de Nelson Rodrigues na encenação de Angel Focio.

TEATRO ABC

Parque Mayer
Tel. 36 67 45
(De terça a sábado, às 20.30 e 22.45; sábados e feriados, também às 16.00, domingos, às 16.00 e 21.30.)

Lisboa, Tejo e Tudo, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Música: Thilo Krassman, Fernando Guerra e Carlos Alberto Moniz. Enc.: César de Oliveira. Cen./Fig.: Mário Alberto. Int.: Alexandra Solnado, Camacho Costa, Carlos Miguel, Cláudia Martins, Graça Braz, Helena Isabel, Gina Espadinha, Herminda d'Almeida, Henrique Viana, José da Câmara, Margarida Carpinheiro e Natália José.

Mantém-se no Parque uma revista suficientemente arejada para merecer a visita.

TEATRO MARIA MATOS

Av.º Frei Miguel Contreiras
Tel. 80 70 17
(De terça a domingo, às 20.45 e 22.30; domingos e feriados, também às 16.00)

Isto é Maria Vitória, de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Música: João Vasconcelos, Fernando Correia Martins e Nuno Nazareth Fernandes. Enc.: Ivone Silva. Cen.: Moniz Ribeiro. Fig.: Helena Reis. Int.: Carlos Cunha, Carlos Ivo, Cláudia Cadima, Cristina Areia, Delfina Cruz, Fernanda Guerra, Fernando Mendes, Fernando Ribeiro, Ivone Silva, Júlia Alves, Leonor Edviges, Maria Cabral, Marília Barroso, Marina Mota, Nuno Emanuel e Soraya Arrais.

O Maria Vitória no Maria Ma-



tos: a revista não tem fronteiras.

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

Sala Experimental
Rosário
Tel. 37 22 46
(De terça a sábado, às 21.45; domingos, às 16.30.)

Jonas, de E.C. Berreuby. Enc./Int.: Domingos Semedo.

De terça a sexta, às 15.30.)

Apologia de Sócrates, de Platão. Enc./Int.: Domingos Semedo.

O outro teatro

COMUNA

Praça de Espanha
Tel. 726 08 18
(De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00.)

Touro, de Abel Neves. Enc.: João Mota. Mús.: Carlos Mendes.

Fig.: Carlos Paulo. Int.: Abel Ne-

ves, Almeno Gonçalves, Alfredo Brissos, Amélia Videira, António Melo, Carlos Paulo, Carmen Mendes, Cecília Sousa, Isabel Medina, João Mota, Jorge Loureiro, José Pedro Gomes, Maria Marília, Marques Arede e Paulo Ferreira.

O ritual de um ritual: a magia do teatro.

TEATRO DA GRAÇA

Trav.º de S. Vicente, 11 (à Voz do Operário)
Tel. 87 56 26
(De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00.)

As Lágrimas Amargas de Petra von Kant, de R.W. Fassbinder, pelo Teatro Hoje. Trad.: Luíza Neto Jorge. Enc.: Carlos Fernando. Cen.: Dalton Salem Asseff. Int.: Elisa Lisboa, Fernanda Alves, Isabel de Castro, Lia Gama, Maria José Pascoal e Sara Lima.

O universo feminino na visão

discutível de Fassbinder: entre as lágrimas e o espelho.

Algures

ALMADA

TEATRO DA ACADEMIA ALMADENSE

Rua Capitão Leitão, 64
Tel. 275 21 75

George Dandin, de Molière, pelo Grupo de Campolide/Companhia de Teatro de Almada. Enc.: Joaquim Benite. Int.: António Assunção, Adelaide João, Carlos Gonçalves, Alfredo Sobreira, Ema Paulo, etc.

O humor de Molière

ESTORIL

TEATRO MUNICIPAL MIRITA CASIMIRO

Av.º Fausto de Figueiredo (Cruzeiro)
Tel. 26 70 320

(De quarta a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00.)

Galileu Galilei, de Bertolt Brecht, pelo Teatro Experimental de Cascais. Trad.: Yvette Centeno. Enc.: Carlos Avilez. Cen.: José Manuel Castanheira. Música: José Mário Branco. Int.: Anna Paula, António Marques, Augusto Leal, Carlos Freixo, Cecília Guimarães, Fernanda Neves, Fernando Corte-Real, Ilda Roquete, João Vasco, Luiz Rizo, Luísa Salgueiro, Paulo B., Paulo Lages, Pedro Portela e Santos Manuel.

Uma leitura relativamente elementar da grande peça de Brecht com um trabalho admirável de João Vasco.

PORTO

SALA DO POVO PORTUENSE

Rua de Camões, 578

Tel. 69 85 70

(De terça a domingo, às 21.45)

Toda a Nudez Será Castigada, de Nelson Rodrigues, pela Seiva Trupe. Enc.: Angel Focio. Cen.: José Rodrigues. Int.: Alfredo Correia, António Reis, Carlos Lacerda, Glória Férias, Josefina Ungaro, Júlio Cardoso, Laura Perry, Luís Cunha, Lurdes Rodrigues, Olga Gandra, Rosa Elisabete e Rui Oliveira.

Uma incerta adaptação da peça célebre do dramaturgo brasileiro Nelson Rodrigues com um trabalho relativamente decepcionante de Angel Focio.

SETÚBAL

Rua. Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9

Tel. 26 078

(De quinta a domingo, às 21.30)

Alves & C.º, de Eça de Queiroz, pelo Teatro Animação de Setúbal. Dram./Enc.: Fernando Gomes. Int.: Asdrúbal Teles, Carlos Rodrigues, Cristina Melo, Fernando Amedo, Filomeno Gonçalves, Gil António, Isabel Ganiho, João Manuel, Maria Simões, Nuno Mello, Pompeu José e Rui Paulo.

Eça com música: um divertimento agradável.

O melhor do mundo

TEATRO ABC
Parque Mayer
Tel. 36 67 45

(Sábados, às 18.30; domingos, às 11.00)

Fecha os Olhos... Entra na História, de Alexandra Solnado. Enc.: Joselita Alvarenga. Int.: Ailton Galvão, António Semedo, Herlinda de Almeida, Paula Oliveira e Zaulo César.**As histórias da nossa infância e da infância.**TEATRO INFANTIL
DE LISBOA**Rua Leão de Oliveira, 1 (ao Calvário)**
Tel. 63 99 74

(Sábados, domingos e feriados, às 16.00)

No Reino da Fantasia. Texto/Enc.: Agostinho Macedo. Int.: Agostinho Macedo, Alexandra Sequeira, Carlos Macedo, Fernando Guerreiro, Francisco António, Henrique Macedo, José Boavida, José Capela, Kim Cachopo, Maria J. Vieira, Maria Clementina, Mayla Fernandes, Salomé Almeida e Zita.

TEATRO MAIZUM

Casa dos Tabuenses
Rua dos Poiais de S. Bento, 75-B-2.º
Tel. 60 18 66

(Sábados, às 16.00)

A Rua dos Fantasmas, de Javier Vallada.

Margens

Crítica II

A acrescentar às informações dadas na semana passada, registemos que no «Jornal de Letras» se mantêm os críticos Jorge Listopad e Manuel Rio de Carvalho, e no «Diário de Notícias» a secção continua a ser assinada por Orlindo Neves. Quanto a José Valentim Lemos tem-se limitado a escrever os comentários publicados na revista dominical daquele diário.

Exposições

No Museu Nacional do Teatro (ao Lumiar, junto do Museu do

Traje) continua aberta ao público a exposição **Gente do Palco - II**. No Teatro Municipal Mirita Casimiro (Estoril) uma exposição dedicada à vida e à obra da popular actriz.

RDP/Programa 2

(Hoje, sexta, às 21.30; segunda, às 11.30)

Dicionário Sonoro do Teatro - fasc. 44: Ionesco e Henry Irving. Texto: Carlos Porto. Realização: Luis Filipe Costa.

RTP/2

(Domingo, 20.40)

O Mundo é um Palco

Neste fascículo: o Teatro e a Igreja; a «Commedia dell'Arte».

Um programa indispensável para os que gostam e para os que não gostam de teatro.

A letra do teatro

B/BB (9)

Chamamos hoje a atenção para edições portuguesas de outros textos de BB ainda aqui não referenciados.



Baal - versão de José Fanha e João Lourenço. Pref.: de Vera San Payo Lemos; posf.: Diário da Juventude (extractos), de BB; fotografias do espectáculo. Col. Teatro Aberto - n.º 1 - Ed. Barca Nova - Lisboa, 1982.

Este volume foi lançado quando da apresentação do espectáculo produzido pela Companhia Nacional 1 - Teatro Popular, no Teatro da Trindade, com encenação de João Lourenço. Referimos anteriormente alguns textos sobre o espectáculo publicados pela nossa imprensa.

Os Negócios do Senhor Júlio César - trad. de A. Ramos Rosa e Ana Maria Marques de Almeida. Col. Contemporânea - n.º 126. Portugal Editora - Lisboa, s/d. (Edição alemão: 1957).

Este é o «fragmento do romance Os Negócios do Senhor Júlio César escrito nos anos 1938 e 1939, durante o exílio de Brecht na Dinamarca», único romance do autor.

Poemas e Canções - selecção, versão portuguesa e nota prévia de Paulo Quintela. Ed. Livraria Almedina - Coimbra, 1975.

Paulo Quintela, germanista emérito e tradutor de reconhecida e premiada competência, tem sido um dos grandes divulgadores da obra poética de BB em Portugal. O volume inclui 189 poemas e canções.

Poemas - selecção e estudo de Arnaldo Saraiva. Col. Forma - n.º 5. Ed. Presença - Lisboa, 1976.

Para a tradução dos poemas de BB, Arnaldo Saraiva contou com a colaboração de Sophie Deswarte. O volume inclui 46 poemas.

aita
Organisation pour la
comprehension et la
diffusion par le theatre
Organisation for under-
standing and education
through theatre
iata

Centro Português da AITA/IATA

revista do teatro
de amadores
XIX

APTA - Associação Portuguesa do Teatro de Amadores
Rua D. Estefânia, 177 - 6.º Porta D - 1000 LISBOA

A Barca - Revista do Teatro de Amadores - n.º 19 - Setembro 1976. Editada pela Associação Portuguesa do Teatro de Amadores esta revista, dirigida por Mário Fiuza, embora de aparência modesta, revela-se como instrumento útil de informação e articulação do teatro de amadores.

Do sumário deste número: Projecto de Formação para o Teatro de Amadores (Dramaturgia Portuguesa), apresentado pela APTA à SEC visando a divulgação da dramaturgia portuguesa; as conclusões do II Congresso Nacional do Teatro de Amadores, além de ampla informação do movimento do teatro de amadores.

A revista «A Barca», custa 100 escudos e pode ser pedida para a APTA - Rua D. Estefânia, 177 - 6.º-Porta D - 1000 Lisboa.

Sublinhados

Vejo (o actual panorama do teatro português) com muita preocupação. Por vários motivos: primeiro, os dramaturgos nacionais só passam a ser importantes quando morrem. Enquanto vivos, dizem deles que «não têm carpintaria», justificando o facto de os não representarem, coartando-lhes assim todas as possibilidades de poderem suprir falhas que eventualmente têm. Os nossos grupos teatrais deviam ser estimulados para representarem autores portugueses vivos. Custa a perceber o facto de, por exemplo, a Companhia do Teatro Nacional (que consome a zozinha tanto como todos os outros grupos juntos), desde 1975, se não me engano, ter apenas representado dois dramaturgos contemporâneos portugueses, Luís Sttau Monteiro e Jaime Salazar Sampaio.

Só representam mortos. Fez-se um grande espectáculo com «O Judeu» mas estou certo de que se o Bernardo Santarém estivesse vivo e corrigisse certos pontos do seu original, o espectáculo teria sido ainda muito melhor...

O que me parece é que o Teatro Nacional não é capaz de ultrapassar certas dificuldades de ordem extrateatral. Antes, era um teatro do Estado, como quem diz do Governo, onde não se podia lá fazer nada que pudesse pôr em perigo o regime. Agora já não é propriamente assim. Já não se considera um teatro do Governo. Já se poderá, eventualmente, entender como um teatro do Estado. Só que o Estado está controlado pelo Governo e o Governo é integrado por gente de um partido... E as pessoas parecem ter medo de encenar textos de autores portugueses que não contem com o beneplácito do partido que ocupa o poder.

E assim o Teatro Nacional não inclui no seu repertório textos de autores portugueses contemporâneos. Ora, isto é terrível, pois se há alguém com a obrigação de representar autores portugueses vivos é aquela companhia que podia ajudar os nossos dramaturgos a ultrapassarem certas dificuldades. Falo com a experiência de ter 11 das minhas 12 peças levadas à cena. Sei que uma coisa é escrever e outra muito diversa é, pois, ver o texto encenado. Para um leigo isto pode parecer conversa fiada, mas as pessoas de teatro sabem o que quero dizer! Quantas vezes uma ideia, escrita, parece resultar num bom espectáculo e em cima das tábuas do palco verifica-se que não dá...

Citei o caso do Teatro Nacional mas podia acrescentar a importância que os grupos independentes e a própria televisão podiam ter para o florescimento da nossa dramaturgia contemporânea. Isto sem esquecer a inoperância e a incapacidade patenteadas pelos sucessivos responsáveis pelo Ministério e/ou Secretaria de Estado da Cultura. Os nossos autores teatrais têm razão de sobra para também estarem insatisfeitos com a acção destes órgãos governamentais na última década. (Jaime Gralheiro - entrevista a «o diário»).

MÚSICA-BAR

ALADIN

Tv. da Esperança, 22
Tel. 363525**Sextas:** Helena Melo (viola)

B'ARTE

Rua de São Boaventura, 16
(Bairro Alto)
Tel. 324266**Encerra ao domingo****Sextas:** Júnior (música afro-brasileira)**Sábados:** The Old Partimers**Terças e quintas:** Júnior (afro-brasileira)**Segundas e quartas:** Rui Rocha (portuguesa e brasileira)

BAR-ESTÚDIO LACHOR

Calçada da Pampulha, 11

Tel. 677569

Sextas e sábados: Fernando Carvalho (música afro-brasileira)**Quartas:** Luís Cerqueira (piano)

BIPI-BIPI

Rua Oliveira Martins, 6

Tel. 778924

Encerra aos domingos**Todos os dias:** Rio Transa Samba (música brasileira)

O BERRO

Rua da Esperança, 158

Tel. 665568

Sextas e segundas: Jorge Lomba e Rui Padinha (portuguesa)**Terças e quartas:** Fernando Castro e Nascimento (variada)**Quintas e sábados:** Daniel e Rui Padinha (portuguesa e brasileira)**Domingo:** Nelinho

CAMARIM

Rua Heliodoro Salgado, 47

Tel. 840242

Dia 14: João Bengala e Guida (música brasileira)**Dia 15:** Mané (popular portuguesa)**Dias 17 e 18:** Amadeu (variada)

CASA DA LINA

Calçada de S. Vicente, 95

Tel. 876654

Encerra às segundas**Todos os dias:** Hugo Maia e Joaquim M. Caixeiro (brasileira e portuguesa)

CHAFARICA

Calçada de S. Vicente, 81

Tel. 867449

Encerra aos domingos**Todos os dias:** Vum Vum (música brasileira)

O CENÓBIO

Rua das Janelas Verdes, 16

Tel. 677854

Sextas: Mingo**Sábados:** Mila Ferreira e Rui Moura**De segunda a quinta:** Manuel Alberto (órgão)

CONSTITUINTE

Rua de S. Bento, 145

Tel. 670201

Todos os dias: José Orlando (piano)

COPO DE TRÊS

Rua Marcos Portugal, 1

Tel. 670230

Encerra aos domingos**Dia 14:** Alex Houwana (piano)**Dia 15:** João Paulo Fonseca, Carlos Sanches e António Guerreiro (Jazz)**Dia 17:** António Guerreiro e Miguel Pirrait**Dia 18:** Rui Madeira (piano)

DROGARIA IDEAL

Rua do Conde, 57

Tel. 661277

Sextas: Daniel (música brasileira)**Sábados:** Mila Ferreira e Rui Moura (música francesa)**Domingos:** Rui Moura (piano)**Quintas:** César e Fané (brasileira)

GAFIEIRA

Calçada do Tijolo, 8

Tel. 32 59 53

De segunda a sábado: Trio Gafieira

HAPPENING

A Estrela

Tel. 663455

Quartas, sextas, sábados e domingos: João Brás**Quintas:** Lula**Segundas e terças:** Mingo

HIT PUB

Rua Antero de Figueiredo, 6

Tel. 804977

Segundas: Carlos Bastos

HOT CLUBE

Praça da Alegria, 39

Tel. 36 73 69

Dias 7 e 8: Quarteto de Fernando Girão

INDA A NOITE

Praça das Flores, 8

Tel. 663545

Encerra ao domingo**Sextas:** Manuel Carlos e José Pinho (música portuguesa)**Segundas:** Daniel (música portuguesa e brasileira)**Terças e sábados:** Jorge Lomba (portuguesa)**Quartas:** Manuel Carlos (portuguesa)**Quintas:** Rui Rocha (portuguesa)

INDEX PUB

Beco dos Apóstolos, 9

Tel. 361425

Quartas: Jorge Lomba (variada)

LE NAUTIQUE

Rua Castilho, 149

Tel. 690900

Todos os dias: O quarteto Take Four (jazz, funky e bossa)

(As sextas há um artista convidado)

Segundas, quartas, sextas e sábados à tarde: António Jorge Marques e António Manuel N. Silva (dueto de piano e planta)

LOVE STORY

Rua do Trombeta, 4

Tel. 373659

Sexta e domingo: Xico Castro (brasileira e variada)**Sábado:** Alípio (viola)

99 DA BARROCA

Rua da Barroca, 99

Tel. 368194

Sextas: Zé Neto (francesa e portuguesa)**Sábados:** Rui Rocha (brasileira e popular portuguesa)

PALPITA-ME PUB

Rua das Janelas Verdes, 102

Tel. 602989

Segundas e quintas: Rui Sequeira

PASTA E BASTA

Rua do Cura, 3-A

Tel. 667921

Sextas e sábados: Outra Banda

PÉ SUJO

Largo de S. Martinho, 6

Tel. 865629

Encerra às segundas**Todos os dias:** Lula e Tramagal

QUANDO O PIANO TOCA

R. Viriato, 8

Tel. 532314

Encerra aos domingos.**Todos os dias:** José Cabelreira e Marta

49 BAR

Calçada do Livramento, 49

Tel. 677897

Encerra às segundas**Sextas e sábados:** Isabel Quadros e Zé Maia**Quintas:** Carlos Bastos

QUADRA DE COPAS

Rua Washington, 17

Tel. 832570

Sextas e sábados: Paulo Sargento e Rui Pimpão (à sexta também António dos Santos - fado)

RAMBOIA

Tv. da Trabuqueta, 35-39

Tel. 603761

Sextas e sábados: Sérgio (músicas dos anos 60)

TASCA

Rua dos Prazeres, 47

Tel. 670584

Encerra às terças**De segunda a quinta:** Pedro Barroso**Domingos:** Fados

TROPICALIA

Rua Saraiva de Carvalho, 80

Tel. 668446

Encerra aos domingos**Sextas e quartas:** Nelito (afro-brasileira)**Sábados:** Raimundo e João Paulo**Segundas:** Vitor Russo**Terças e quintas:** Tony da Costa

VICENTE BORGIA PUB

Rua Vicente Borgia, 75

Tel. 670070

Encerra aos domingos, segundas e terças**Quintas:** Paulinha e José Matos (música brasileira)**Sábados:** José Matos e Stela**Quartas:** Jorge Vaz de Carvalho (música francesa)**Sextas:** José Matos e Zeca

VIDEORAMA coordenação de

Têm havido progressos mas ainda não se atingiu a «velocidade»

Revisão da matéria dada (II)

A qualidade das cópias

É vulgar que um cidadão vá ao seu videoclube, alugue uma cassete e, uma vez chegado a casa, verifique que o que ela traz lá dentro é apenas uma pálida ideia do filme que era suposto conter. Cópias granuladas, com som indefinível, cópias com riscos, «drop outs», interferências, legendagens imprestáveis... Ainda há disso e se as principais firmas do mercado já atingiram um «standard» aceitável (que tem no topo o material da Diger Video, da Legal Video/MGM e da Kodak/Warner Home Video) há muitas empresas que continuam a duplicar a partir de masters em low band, às vezes feitos a partir de cópias de cinema já em estado de acelerada degradação, não tendo o mínimo respeito pelo público que paga, no videoclube, a mesma coisa por uma videocassete em boas condições que por uma outra de deficiente qualidade técnica.

Este é um dos aspectos mais desagradáveis que persistem no mercado videográfico e a que urge pôr cobro. E é ao público que compete opor uma barreira àqueles que não parecem preocupar-se muito com ele. Porque se a imprensa, nos seus espaços especializados, tem a obrigação de ser rigorosa neste ponto (e há muito quem o «esqueça»), só o público, usando do seu direito de protesto e de pressão junto dos videoclubes, pode obter resultados, a prazo, neste domínio, rejeitando cópias em mau estado, recusando-se a consumir produtos tecnicamente de baixo nível.

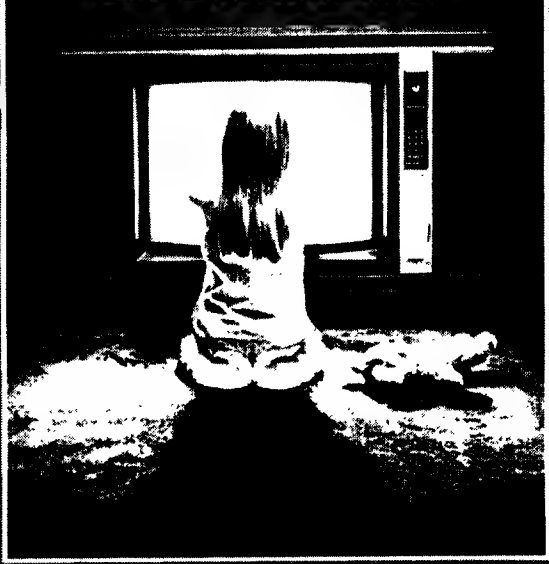
Claro que também aos videoclubes competirá zelar pela qualidade, exigindo-a junto dos editores. Mas, aqui, os interesses comerciais ditam o jogo. É que essas cópias são, muitas vezes, mais baratas que o chamado «produto A», embora cheguem ao público do mercado de alu-

que
lida
D
que
pro
cap
de 1

AMELHOR QUALIDADE DE IMAGEM E SOM

ECOVIDEO — EDIÇÕES COMERCIAIS VIDEO LDA AV. LIBERDADE, 563 — 3700 S. JOÃO DA MADEIRA TELS. 28455/6 — TELEX 26650 ECOVID P — PORTUGAL

POLTERGEIST "O FENÓMENO"



Um filme em destaque

POLTERGEIST de Tobe Hooper

Não há filme mais próprio para ver através de um receptor de televisão que «Poltergeist». Sobretudo se o espectador ele se aproximar a horas mortas... De facto, a grande ideia desta fita, os maléficos fantasmas que podem seduzir as crianças e assombrar uma família, o mundo que sai do pequeno ecrã para lançar o caos num lar mais ou menos feliz, tudo isso tem um sabor duplamente irónico e medonho se recebido via televisão.

O filme melhora, por isso, ao sair da sala de cinema e se transferir para a sala de estar, ao deixar de ser recebido em público e ao passar a habitar a casa de cada um. Mas claro que nem essa translação faz com que a ponta final de «Poltergeist», o bestário de esqueletos e cadáveres a sair dos túmulos, a «explicação» para fenómenos ocorridos, ganhe uma solidez que já antes não tinha. Sempre pensei que a parafernália dos filmes de terror, dos efeitos especiais, do medo de coisas palpáveis e viscosas era um mau clímax para um filme cuja grande notabilidade estava noutro local e se situava precisamente ao nível desse aparelho central em qualquer família que é o televisor.

Saúde-se a impecável qualidade técnica desta edição videográfica (mantendo o excelente «standard» usual dos lançamentos MGM) quer a nível de imagem quer de som quer de legendagem. E recomenda-se vivamente a visão deste filme em suporte vídeo. Mas não junte a família à volta do televisor: espere pelas duas da manhã e veja-o sozinho quando tudo no lar estiver em repouso e você puder sentir o medo a crescer devagar, devagar...

FICHA:

Realização: Tobe Hooper (EUA-1982).
Argumento: Steven Spielberg, Michael Grais e Mark Victor.
Fotografia: Matthew F. Leonetti.
Efeitos especiais visuais: Industrial Light and Magic.
Música: Jerry Goldsmith.
Montagem: Michael Kahn.
Produção: Steven Spielberg e Frank Marshall.
Interpretação: Craig T. Nelson, Jobeth Williams, Beatrice Straight, Dominique Dunne, etc.
Edição em Portugal: Legal Video/MGM.

★★★

CATÁLOGO



CARNIFICINA

Um salsicheiro louco faz enchidos de carne humana. Um filme imbecil e hediondo, ainda por cima numa edição videográfica de fraquíssima qualidade. Uma daquelas coisas que faz pensar que o mercado vídeo é uma espécie de vazadouro para o anónimo lixo do cinema.

The mad tcher. Realização: John Zurlí (Itália?). **Interpretação:** Victor Bueno, Brad Harris, Karen Field. **Edição em Portugal:** Vera Spiguel. (distribuição: Video Comercial).

●



ASTÉRIX, O GAULÊS

As aventuras de Astérix e dos seus companheiros gauleses em irreduzível rebeldia contra os romanos, graças à poção mágica do druida Panoramic.

Um lançamento com destinatário bivalente: os putos gostam, os pais também. Boa qualidade videográfica e versão dobrada em brasileiro (parabéns!) garantem o êxito.

Astérix le gaulois. Um filme de Goscinny e Uderzo (Bélgica-1967). Edição em Portugal: Video Comercial.

★★★



OS DESEJOS DE MELODY

A «música» é conhecida de luxo em exótico cenário, rota de «Emanuelle». Cinematicamente é uma nulidade, seguindo o ditado de que Deus dá a quem não tem dentes, a técnica da edição vídeo é nula.

Melody in love. ... Realização: Frank (RFA-1978). **Interpretação:** dy O'Brian, Sascha Hehn, etc. **Edição em Portugal:** Publi...

●



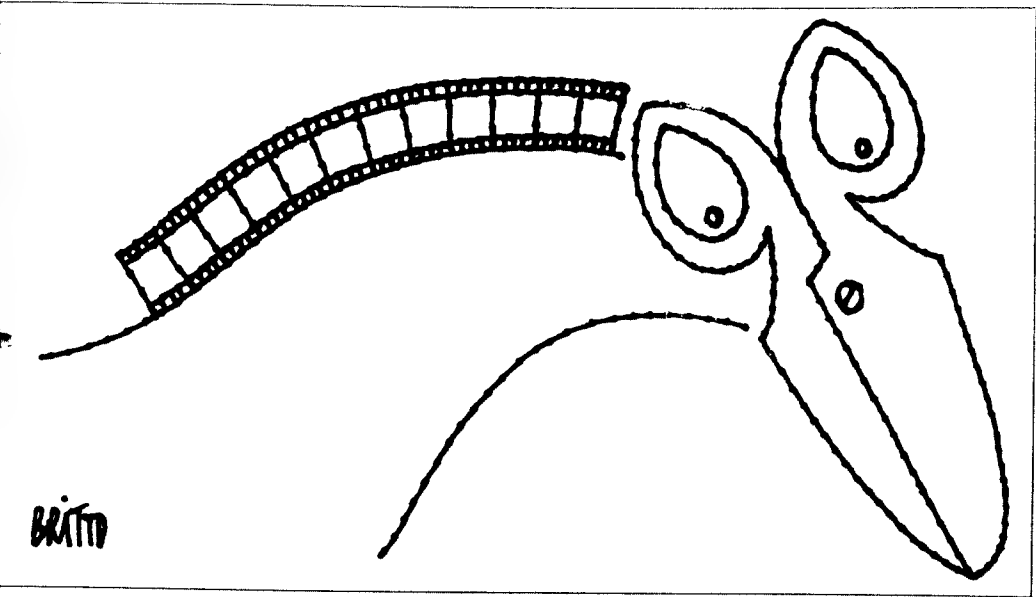
"STAR LINE" PARA F

A UM PREÇO
VOCE PODE, AGORA

INFORME SE NO SEU VIDEO

do de JORGE LEITÃO RAMOS

cidade de cruzeiro»...



guer ao mesmo preço que as de boa qualidade... De qualquer modo seria injusto não ver que os últimos meses assistiram a fortes progressos neste domínio. Laboratórios capazes de duplicar a partir de masters de 1 polegada têm vindo a ser instalados

e dentro de pouco tempo a grande maioria dos filmes terá condigno suporte videográfico. Restarão as «bolsas» degradadas que, decerto, as leis do mercado irão limpando. É que, como dizia o outro, não é possível enganar toda a gente durante muito tempo.



ecoda: «sof core»
nário onental, na
Cinematografi-
ade mas, talvez
e Deus dá nozes
tes, a qualidade
o é muito boa.
Realização: Hubert
pretação: Melo-
n, Claudine Bird.
ublivideo.



DIGA, SIM!
Eie tem que casar até à meia-noite para herdar 250 milhões de dólares; ela acabou de chegar a Nova Iorque e termina por se deixar seduzir. Mas há quem queira impedir o casamento a todo o custo.
Uma comédia onde se pensa que o nso se consegue à custa do disparate. E, às vezes, consegue-se mesmo...
Say yes. Realização: Larry Yust (EUA-1986). Interpretação: Lissa Layng, Art Hindle, Logan Ramsey. Edição em Portugal: Vista Video.
★



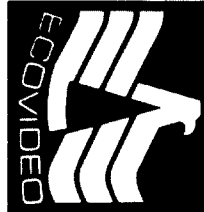
AMERICAN GIGOLO
Uma história de prostituição masculina na alta sociedade californiana, ilustração da trajectória de alguém que atravessa o vício como antecâmara da redenção. O mais bressoniano filme de Schrader, a fugir da fascinação/repulsa pelo pecado que fazia a exemplaridade dos seus trabalhos anteriores.
American gigolo. Realização: Paul Schrader (EUA-1980). Interpretação: Richard Gere, Lauren Hutton, Hector Elizond. Edição em Portugal: Edivideo/CIC.
★ ★ ★

LINE" 10 BOAS RAZÕES
FICAR HOJE EM CASA

NO INCRIVELMENTE ACESSIVEL
RA. TER A SUA PROPRIA VIDEOTECA
NO CLUBES OU NAS CASAS DE ELECTRODOMESTICOS



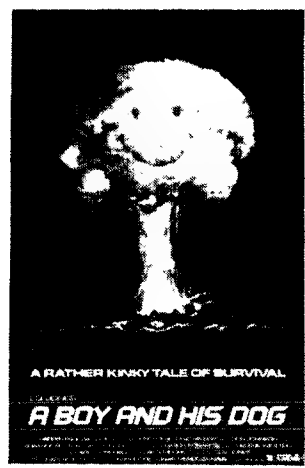
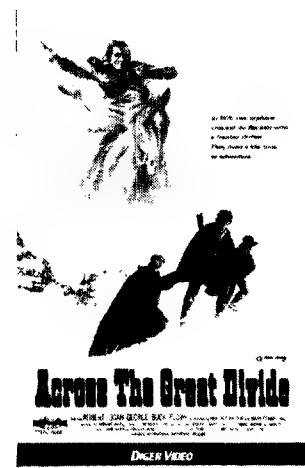
ECOVIDEO — EDIÇÕES COMERCIAIS VIDEO LDA AV LIBERDADE, 563 — 3700 S. JOÃO DA MADEIRA TELS. 28455/6 — TELEX 26650 ECOVID P — PORTUGAL



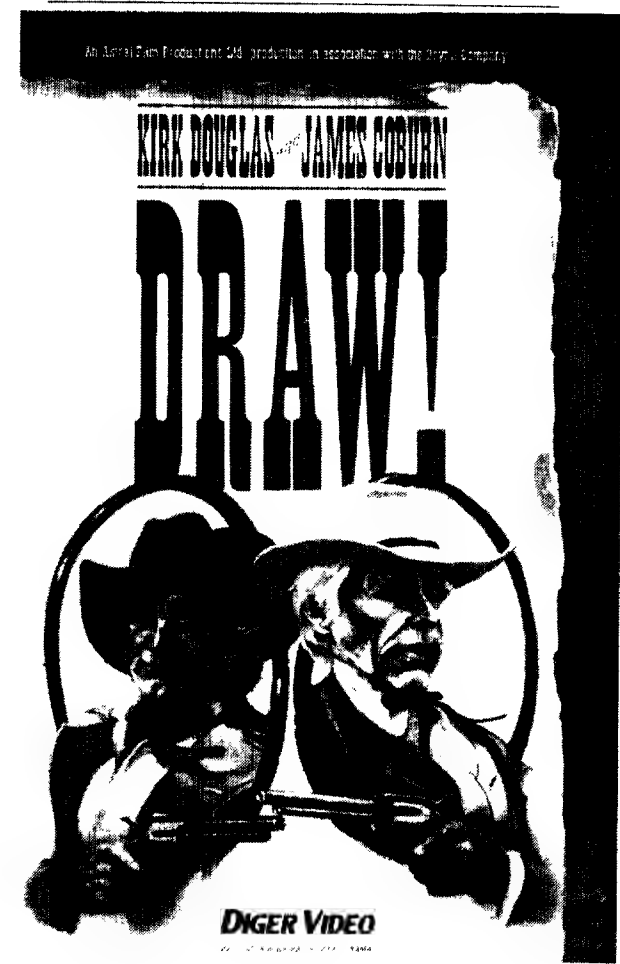
ECOVIDEO

A MELHOR QUALIDADE IMAGEM E SOM

DIGER VIDEO



BREVEMENTE
NO SEU CLUBE VÍDEO



Harry Holland (Kirk Douglas) é um bandido em grandes apuros. Ele foi acusado de ter assassinado um xerife corrupto numa cidade corrupta, então ele vai pedir ajuda a um velho amigo que ainda se lembra de que os tempos de pistoleiro eram um negócio respeitável. Mas, só há uma maneira de o encontrar, ao alvorecer.....

EDIÇÃO DIGER VÍDEO
NO SEU CLUBE

DIGER VIDEO R. Almirante Barroso
n.º 9-2.º Esq. — LISBOA
Telf. 527039

Um rosto no (pequeno) ecrã



Charles Bronson

Há mais de trinta anos que o seu rosto rugoso lhe dá direito a fazer papéis de patife ou justiceiro...



Bronson em «O Raid Relâmpago dos Comandos», disponível em videocassete

Bronson não é o que se pode chamar uma vedeta de primeira grandeza, pela simples razão de que os seus filmes, mesmo os de maior sucesso, nunca ultrapassaram uma certa tipagem limitativa. Ou, mais correctamente, quando esses filmes foram grandes, não eram filmes de Bronson, apenas fitas onde Bronson entrava. Na carreira deste homem há, assim, um paradoxo: a sua celebridade ocorre por más razões, fez bons filmes, mas não foi por eles que ascendeu à fama. Aos 66 anos de idade já não é de crer que as coisas se ajustem a quem se deve preocupar menos com isso é o próprio Charles Bronson a quem o êxito continua a sorrir com pendular regularidade.

Nascido em 1920, de origem lituana, Charles Buchinski foi mineiro, fez a guerra na frente do Pacífico e, nos finais dos anos 40, aportou a Hollywood. Aquela cara garantia-lhe um lugar na galeria dos secundários fadados para fazer de índio, mexicano, assassino, vingador... Por aí andou muitos anos e muitos filmes, primeiro sob o seu nome verdadeiro, depois (a partir de 1954), passando a usar o apelido Bronson, mais «americano» e sonoro. Nessa década fez algumas boas fitas, mas nenhum espectador lhe fixou o nome.

A notoriedade só chegaria com «Os 7 Magníficos» de Sturges,

em 1960 e, a partir daí, a sua carreira sofre um movimento ascensional irreversível, mas Bronson teria de esperar ainda mais dez anos para começar a ser protagonista indiscutido dos filmes em que participava. As décadas

de 70 e 80 é que vêm chegar os filmes típicos de Bronson enquanto senhor do espectáculo. É uma vedeta, mas está encurralado em thriller e westerns. Um só grande filme neste período (mas o público não o acolheu nos

seus favores): «Três Horas Decisivas» de Frank D. Gilroy, um western a corroer os mitos do Oeste com Bronson a correr a sua própria imagem de marca.

No mercado vídeo há um punhado de filmes com o actor, mas nenhum ainda que lhe seja típico (embora a Ecovideo anuncie, para os finais de Novembro, o lançamento de «10 para a meia-noite» de J. Lee-Thompson). Mas há os dois westerns — chave da sua carreira («Os 7 Magníficos» e «Aconteceu no Oeste») que bastam para ver que não é por acaso que este actor conseguiu chegar onde chegou em termos de popularidade.

VIDEOGRAFIA

- «Os 7 Magníficos» de John Sturges (EUA — 1960) ed. Kodak/Warner
- «Doze indomáveis patifes» de Robert Aldrich (EUA — 1967) ed. Legal Vídeo/MGM
- «Aconteceu no Oeste» de Sergio Leone (Itália — 1969) ed. Edivideo/CIC
- «O raid relâmpago dos comandos» de Irvin Kershner (EUA — 1976) ed. Edivideo/Thom EMI



OS FILMES DA TELEVISÃO

UM AMOR DIFÍCIL

de René van Nie (Holanda) De um novo filme holandês no «Eurocinema», hoje com a história da relação por vezes complexa entre um pai e o seu filho de 12 anos...
Intérpretes: Cor van Rijn, Sem de Jong.
Duração: 100 minutos.
(sábado, às 20h, na RTP-2)

HÉRCULES, O CONQUISTADOR

de Vitorio Cottafavi (Itália-França 1961)

Um dos mais curiosos exemplos do *peplum* italiano conquista espaço cinéfilo na RTP. As aventuras de Hércules no reino da Atlântida esperam por si.
Intérpretes: Fay Spain, Reg Park, Ettore Manni, Luciano Marin.
Duração: 100 minutos.
(sábado, às 23.30h, na RTP-1)

A DESCOBERTA DA VIDA

de Eric Till (Canadá)

A tarde de domingo volta aos telefilmes. O fornecedor é o Canadá, esta semana.

A história situa-se nos anos 50 em Manitoba, província do Oeste do Canadá e narra as aventuras de Eric, jovem adolescente que começa a sua «carreira» de marginal roubando dinheiro ao pai. Criado numa família de fortes convicções religiosas, Eric foi educado com repressão e, para escapar ao ambiente em que vive, foge para casa de um tio.

E aí que o seu universo se começa a alargar rapidamente através do conhecimento de novos amigos, novos sentimentos, novas situações.

Intérpretes: Christopher Earle, Charlene Seniuk, Ed McNamara, Jackie Burroughs
Duração: 105 minutos.
(domingo, às 13.35h, na RTP-1)

DIFAMAÇÃO

de Alfred Hitchcock (EUA-1946)

É talvez o mais célebre dos filmes a preto-e-branco de Hitchcock, mescla de história de espionagem e de amor com o urânio como «McGuffin».

Absolutamente apaixonante e irrecusável. Prepare uma «videocassete» e não confie demasiado nos horários que a RTP promete.

Intérpretes: Ingrid Bergman, Cary Grant, Claude Rains, Louis Calhern.
Duração: 101 minutos.

O LÍRIO DE MANILLA

de Lino Brocka (Filipinas — 1976)

Para o grande público servido pela televisão, talvez seja o acontecimento da semana: a revelação do talento de um enorme cineasta filipino, filiado no melodrama popular e olhando a realidade com cruza. Esta história, passada num bairro da lata de Manila, não está, porém, tão longe como pode parecer. A não perder.

Intérpretes: Hilda Kozonal, Mona Lisa, Ruel Vernal, Rez Cortez.
Duração: 95 minutos.
(terça-feira, às 21.30h, na RTP-2)

PAIXÕES SEM FREIO

de Vincent Minnelli (EUA-1955)

Se os «musicais» são o mais conhecido cartão de visita de Minnelli, é nos melodramas que ele atingiu, talvez, o cume da perfeição. Este filme é um deles. Passado no interior de uma clínica para doentes mentais, onde as tensões entre o corpo clínico parecem exceder o território da doença, «Paixões sem Freio» tem um elenco fabuloso. Apenas uma dúvida: irá a RTP exibir esta fita no formato «scope» em que foi rodada ou vai repetir as agressões à obra de Minnelli como aconteceu no ano passado com «Gigi» e «Kismet»?

Intérpretes: Richard Widmark, Laureen Bacall, Charles Boyer, Lillian Gish, Gloria Grahame, Susan Strasberg.
Duração: 124 minutos.
(quarta-feira, às 21.10h, na RTP-1)



Claude Rains e Ingrid Bergman em «Difamação» de Alfred Hitchcock (domingo, na RTP/2)

TELEVISÃO TELEVISÃO TELEVISÃO TELEVISÃO TELEVISÃO TELEVISÃO TELEVISÃO

SABADO. 15

RTP-1

09.00 - A Quinta do Dois
10.45 - Corpo Humano
(20.º episódio)
11.15 - Juventude e Família
12.30 - Desfile - A Moda Outono/Inverno
(2.º programa)
13.00 - Sumário
13.10 - Jornalinho
14.00 - Parlamento
14.30 - A B Z
15.15 - A Superavozinha
(5.º episódio)
18.45 - Supertrinta
19.45 - Totoloto



«Tudo em Cima» no A B Z

DOMINGO



«Coração»

RTP-1

09.00 - Eucaristia Dominical
10.00 - Linhas de Pesca
(5.º episódio): «Morte no Tejo»
10.30 - TV Rural
11.00 - Juventude e Família
12.00 - 70 X 7
12.30 - O Almoço Está na Mesa
(5.º episódio): «Cop au Riesling»
13.00 - Sumário
13.10 - Milhões de Amigos
«Viva a Música»
13.35 - As Irmãs Chadwick
(5.º e último episódio)
14.00 - Arco-Iris
15.35 - Primeira Matinée
«A Descoberta da Vida»: ver destaque aos filmes da TV.
17.20 - Informação Desportiva
17.25 - Amigos Disney
19.05 - Espaço
(5.º episódio)
20.00 - Jornal de Domingo
20.30 - Boletim Meteorológico
20.35 - Histórias de Cidades
(4.º episódio): «Évora - Coração de Pedra»
21.15 - Coração
(5.º episódio)
22.05 - Tudo é Espectáculo
«Superestrelas da Magia»: «Nunca nos repetimos, todos os nossos números são sempre novos» — é o que nos asseguram os famosos magos da ilusão, Siegfried e Roy. Novidade e exotismo, emoção e encantamento acontecem. por exemplo, quando, à vista de toda a gente, um jipe se reduz a uma miniatura



«Espaço»

ou uma beldade desaparece de um cesto e em seu lugar surge uma piton. Ou quando o «laser» é usado, pela primeira vez, num espectáculo de magia ou um minizoo doméstico envolve os protagonistas e os seus convidados.

23.00 - Desporto
00.00 - Dizem os Astros

RTP-2

12.30 - Magazine «Açores»
13.00 - Caminhos
13.15 - Música na América
14.00 - Um Dia na Vida de...
«Um Cozinheiro de rua» (4.º programa)
14.30 - Deslizes da TV
(5.º episódio)
15.15 - Os Anos Trinta

(1.º episódio)
16.15 - Fantasia e Realidade
17.00 - A Vida à Nossa Volta
«O Novo Mundo Selvagem»: (25.º episódio)
17.30 - Hill Street
(17.º episódio)
18.30 - As Vagas do Tempo
(5.º episódio)
19.00 - Entrada Livre
19.30 - As Fontes do Som
(4.º Programa): «A Escola de Évora - Duarte Lobo»
20.00 - A Arte Nova e Deco no Norte
(5.º programa)
20.30 - O Mundo é um Palco
(4.º episódio)
21.30 - Cine Clube
Ciclo Hitchcock: «Difamação»: ver destaque aos filmes da TV

SEGUNDA-FEIRA. 17

RTP-1

10.00 - Às Dez
10.15 - Vereda Tropical
(155.º episódio)
13.00 - Jornal da Tarde
13.35 - Ciclo Preparatório TV
18.00 - Sumário
18.07 - Brinca Brincando
18.55 - Par ou Ímpar
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.10 - Viver a Vida
(1.º episódio): novela curta, «mais mini-novela do que mini-série», como diz Manoel Carlos, tem 36 episódios e foi dirigida por Márcio Bandarra. No elenco avultam nomes já bem conhecidos dos telespectadores portugueses como Rubens de Falcó, Sandra Barsoti, Yara Amaral, Márcio Rodrigues (que foi a «Garota de Ipanema») e Osmar Prado.
20.40 - Sim, sr. 1.º Ministro
(3.º episódio)
21.05 - Deixem Passar a Música
«Fernando Tordo»
22.10 - Pedras Brancas
(2.º episódio)
22.35 - 24 Horas
23.05 - Remate

RTP-2

14.45 - Agora, Escolha!
16.15 - Notícias
16.25 - Europa TV
20.00 - Notícias
20.05 - 5.ª Dimensão
(26.º episódio)
20.30 - Uma Família às Direitas
(1.º episódio)
21.00 - Jornal das 9
21.30 - Resgate
(6.º e último episódio)
22.25 - 2.ª Volta
22.50 - Reggie
(último episódio)
23.20 - É de Ler



«Viver a Vida»

TERÇA-FEIRA. 18

RTP-1

10.00 - Às Dez
12.15 - Vereda Tropical
(156.º episódio)
13.00 - Jornal da Tarde
13.35 - Ciclo Preparatório TV
18.00 - Sumário
18.07 - Brinca Brincando
18.50 - Par ou Ímpar
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.10 - Viver a Vida
(2.º episódio)
20.40 - Primeira Página
21.35 - Dempsey e Makepeace
(2.º episódio): Dempsey, o jovem tenente da polícia de Nova Iorque herdeiro de uma fortuna de um bilião de dólares, destacado em Londres e Makepeace, a primeira mulher a atingir o lugar de comissário na Scotland Yard, trabalham juntos. Mas Makepeace não se sente especialmente satisfeita com o polícia americano, a quem falta a subtilidade britânica!
22.35 - 24 Horas
23.05 - Remate

RTP-2

14.45 - Agora, Escolha!
16.15 - Notícias
16.25 - Europa TV
20.00 - Notícias
20.05 - 5.ª Dimensão
(27.º episódio)
20.30 - Uma Família às Direitas
(2.º episódio)
21.00 - Jornal das 9
21.30 - Cinemadois
«O Lirio de Manila»: ver destaque aos filmes da TV
23.10 - É de Ler



«O Lirio de Manila»

QUARTA-FEIRA. 19



«Giselle»

RTP-1

10.00 - Às Dez
12.15 - Vereda Tropical
(157.º episódio)
13.00 - Jornal da Tarde
13.35 - Ciclo Preparatório TV
18.00 - Sumário
18.07 - Brinca Brincando
18.50 - Par ou Ímpar
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.10 - Vamos Jogar no Totobola
20.20 - Viver a Vida
(3.º episódio)
20.50 - Lotação Esgotada
«Boyfriend»: ver destaque aos filmes da TV
22.55 - 24 Horas
23.25 - Remate

RTP-2

14.45 - Agora, Escolha!
16.15 - Notícias
16.25 - Europa TV
20.00 - Notícias
20.05 - 5.ª Dimensão
(28.º episódio)
20.30 - Uma Família às Direitas
(3.º episódio)
21.00 - Jornal das 9
21.30 - Giselle
O Ballet de Kirov apresenta o bailado «Giselle» com música de Adolphe Adam e coreografia de Jean Coralli e Jules Perrot revista por Marius Petipa. Gravação efectuada no Teatro Kirov em Leninegrado.

QUINTA-FEIRA. 20



«Uns e os Outros»

RTP-1

10.00 - Às Dez
12.15 - Vereda Tropical
(158.º episódio)
13.00 - Jornal da Tarde
13.35 - Ciclo Preparatório TV
18.00 - Sumário
18.07 - Brinca Brincando
18.50 - Par ou Ímpar
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.10 - Viver a Vida
(4.º episódio)
20.40 - Europa
21.10 - Telemundo
«Agricultura»

21.35 - Uns e os Outros
(6.º e último episódio): Depois da fabulosa gala do «Bolero» no Trocadero vamos encontrar os camiões da Cruz Vermelha e da Unicef chegando à Tailândia. A receita da gala transforma-se em sacos de arroz. Num campo de refugiados próximo da fronteira com o Camboja, procede-se à distribuição dos sacos. Milhares de homens, mulheres e crianças percorrem a pé centenas de quilómetros para obterem estes preciosos grãos de vida.

22.30 - 24 Horas
23.00 - Remate

RTP-2

14.45 - Agora, Escolha!
16.15 - Notícias
16.25 - Europa TV
20.00 - Notícias
20.05 - 5.ª Dimensão
(29.º episódio)
20.30 - Uma Família às Direitas
(4.º episódio)
21.00 - Jornal das 9
21.30 - A Quinta do Dois
23.20 - É de Ler

SEXTA-FEIRA. 21

RTP-1

10.00 - Às Dez
12.15 - Vereda Tropical
(159.º episódio)
13.00 - Jornal da Tarde
13.35 - Ciclo Preparatório TV
18.00 - Sumário
18.07 - Brinca Brincando
18.50 - Par ou Ímpar
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.10 - Viver a Vida
(5.º episódio)
20.40 - Este é o Meu País
«Mobil nos caminhos de Portugal»
29.55 - Duarte & C.
(11.º episódio)



«5.ª Dimensão»

21.50 - Hitchcock Apresenta
(6.º episódio): Paul Dano, um dos actores de maior êxito de Hollywood, arruinara a sua notável carreira com o vício do álcool. O seu agente ao descobrir um novo guião com um papel ideal para ele, marca uma reunião com os produtores. Mas apesar de Paul estar totalmente seguro de que o papel lhe será entregue, é escolhido um jovem actor, ainda pouco conhecido e seu grande admirador.

22.15 - 24 Horas
22.45 - Remate

RTP 2

14.45 - Agora, Escolha!
16.15 - Notícias
16.25 - Europa TV
20.00 - Notícias
20.05 - 5.ª Dimensão
(30.º episódio)
20.30 - Uma Família às Direitas
(5.º episódio)
21.00 - Jornal das 9
21.30 - Contraponto
22.30 - O Bravo Soldado Schweick
(2.º episódio)
23.30 - Uma Boa Ideia
23.40 - É de Ler

RÁDIO

Ainda
a Comercial...

O PS abriu as hostilidades e o Conselho de Administração da RDP saiu a terreiro a defender a sua «quinta». Em causa a Rádio Comercial, claro.

Não há ligação directa entre a qualidade da programação e as receitas de publicidade (veja-se o «Correio da Manhã», por exemplo). E a alegada subida de 30% nas receitas de publicidade da Rádio Comercial, conjugada com uma (conjuntural?) subida dos níveis de audiência, ao menos para a amostra consultada (cujos parâmetros e definição desconhecemos) não desmente as alegações do maior partido da oposição.

Degradação (eu empregara, há tempos, o termo **desqualificação**) da informação e estagnação da qualidade geral da programação são as acusações, em simultâneo com uma boataria incessante sobre movimentação de sectores económicos no sentido de «ganhar» a Comercial.

Umas e outras já foram abordadas nesta coluna. E a Comercial não mexe um dedo para alterar este estado de coisas (ao menos no sector da informação). O remendo no FM serão talvez positivos, mas não vêm alterar uma grelha diária monótona e insuportável (descontados os programas nocturnos).

A direcção da Comercial compete a próxima «jogada». Vamos esperar!

Rui Cartaxo

ANTENA 1

MOVIMENTO - De 2.ª a 6.ª, das 21 às 21.30; realização de Vítor Nobre.

Magazine cultural que penso já não nos acompanhará na semana que vem, sendo de alguma forma substituído por «Sábado à Noite». Mas isso são outras histórias.

GRANDE HOTEL - Aos sábados, das 10 às 13; realização de Mário de Figueiredo.

Este penso que fica, e não haveria muitas razões para que desaparecesse. Nem para que ficasse...

ÍNTIMA FRACÇÃO - Aos domingos, das 0 às 2; realização de Francisco Amaral.

Última transmissão neste horário - a partir da semana que vem «avança» para o dia seguinte, e ainda bem! O sábado à noite não é muito concorrencial...

A ARTE DE BEM MADRUGAR - Aos domingos, das 2 às 6; realização de Vítor Dias.

Se as madrugadas continuarem como estão, esta será a única digna de ser ouvida, neste canal.

RÁDIO COMERCIAL

COUNTRY MUSIC - Aos sábados, das 19 às 20, em FM Estéreo; realização de Jaime Fernandes.

A música «country», seus heróis e suas lendas, num esforço continuado que é de admirar.

MORRISON HOTEL - De 2.ª a 6.ª, das 0 às 2, em FM Estéreo; realização de Rui Morrison.

A unidade na diversidade: a melhor música «rock» de cada uma das suas três décadas.

DISCOTECA - De 2.ª a 6.ª, das 13 às 15, em FM Estéreo; realização de Adelino Gonçalves.

A apresentação mais elegante de música da moda, da que se dança e não só.

TNT-TODOS NO TOP - De 2.ª a 6.ª, das 10 às 12, em FM Estéreo; realização de Jorge Pego.

«I'm on fire» - versão ao vivo, e facetas outras da maior estrela do «rock» - Bruce Springsteen. O TNT estreia o álbum (quintuplo) ao vivo, e por uma vez, estamos com ele!

RÁDIO RENASCENÇA

AMIGOS DE ALEX - Aos sábados, das 22 às 24, em FM Estéreo; realização de Luís Pinheiro de Almeida.

Pink Floyd e New Order são razões de sobra para escutar atentamente esta emissão.

CARTAS NA MESA - Aos domingos, das 13 às 14, em FM e Onda Média; edição e realização de Luís Marinho.

Entrevistas sobre a actualidade social e política, num face-a-face radiofónico.

O RIGOR DA MODA - De 2.ª a 6.ª, das 10 às 13, em FM Estéreo; realização de Marcos André.

Moda por moda, aguentemos algum pedantismo sobretudo porque ele vem misturado com um toque de «charme».

O ÚLTIMO METRO - De 2.ª a 6.ª, das 0 às 2, em FM Estéreo; realização de Mário Fernando e Nuno Infante do Carmo.

Para mim é, também, o primeiro metro da «carreira» da Renascença. Farto, farto da música de «batida de pica-pau amestrado».

EXPOSIÇÕES

Vera Castro

Acontece por vezes que a paisagem se silencie, lentamente como quem parte na certeza de partir, assim com a indiferença perante tudo o que não pode ser de outro modo. São, então, paisagens de silêncio, onde mesmo as luzes que brilham o fazem sem ruído, sem cintilações. Paisagens de silêncio e de contrastes apagados. De silêncio como quando a neve caiu e amortece e apaga tudo o que de ruído possa haver; de contrastes apagados como quando a neblina esconde a matéria e se interpõe entre as formas e o espaço. São assim as paisagens de Vera Castro: cenários possíveis para dramas incertos e que, enquanto cenários se preparam à submissão do que neles vai acontecer. A luz que vem das janelas interpõe-se e forma barreira; não permite olhares nem faz supor interiores. É luz de fachada colada nas fachadas azuis-acinzentadas, negando tudo o que está por detrás. Cenários sem profundidade, espaços sem além. Tudo se cola à superfíc

fície de tela e cria e diferencia a separação entre o que mostra e quem vê. É uma pintura que falsamente conta, na medida em que, apresentando-se como narrativa, declama em simultâneo a falsidade da narração a que procede. Estranho o esvaziamento que esta pintura impõe. Antes da Lua alguma coisa se saber, dir-se-ia um mundo lunar. Mas é só mundo terrestre, limpo de todo o acidentado, igualizado, purificado a ponto da imaterialidade. É um mundo marcado pelo Homem, mas donde o Homem está definitivamente ausente. Ficou o molde da sua acção; não a acção propriamente dita. Os actores que por ali passaram teriam papéis incompatíveis com os cenários e da acção nada ficou. Há muito eles partiram com a certeza de o fazerem definitivamente e sobre o seu silêncio tudo se silenciou.

Portirio Alves Pires

■ **SILVA PALMEIRA**
Átrio da Imprensa, R. da Horta Seca, 2.ª a 6.ª, 10-20
Guaches (até 14/11)

■ **PEDRO PROENÇA**
Gal. Cómicos, R. Tenente Raul Cascais, 1-B, 2.ª a sáb. 14-20
Pintura (até 22/11)

■ **VÍTOR BELEM**
Gal. Olharte, Calçada do Cardal, 18, 3.ª a sáb. 16-20
(até 30/11)

■ **W. LEVI**
IAM Galeria, R. da Misericórdia, 92 - 1.º
Pintura (até 21/11)

■ **MARIA AMADO e MARIA SOARES**
Gal. Paulino Ferreira, R. Nova da Trindade, 18-B, 2.ª a 6.ª, 9-12,30 e 14.30 - 19; sáb. 9-13
Pintura e serigrafia (até 15/11)

■ **ROMUALDO**
Gal. Novo Século, R. da Misericórdia, 92, 1.º
Pintura (até 21/11)

■ **ÁNGELO DE SOUSA**
Gal. EM-VC, Palácio das Alcáçovas, 3.ª a dom. 15 - 19.30
Pintura

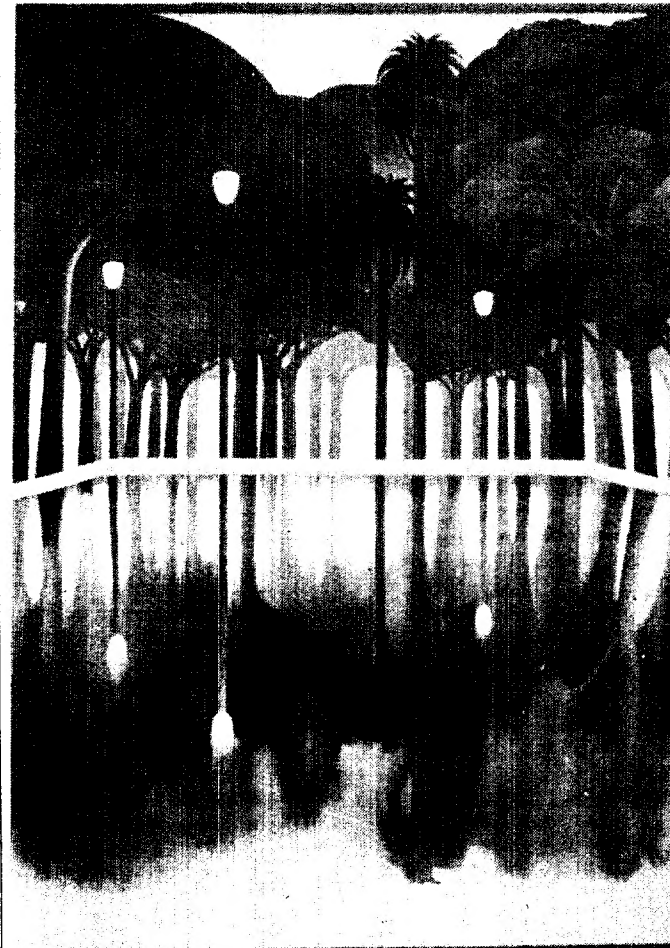
■ **ARTUR PASTOR**
Junta de Freguesia de Santiago (Castelo de S. Jorge), 3.ª a 6.ª, 20-22; sáb. 15-19
Fotografia (até 22/11)

■ **COLECTIVA**
SNBA, R. Barata Salgueiro, 36, diariamente 14-20

■ **COLECTIVA**
Atelier 2, R. da Emenda, 66-3.º, 2.ª a 6.ª, 10-13 e 14.30-18.

Serigrafia e gravura
■ **GERARD CASTELLO LOPES**
Centro de Arte Moderna, R. Dr. Nicolau Bettencourt, 3.ª a dom. 10-17

Fotografias (até 16/11)
■ **FERNANDO NEVES**
Restaurante Escorial, R. Portas de Santo Antão, 47
Pintura (até 21/11)



■ **HÉLIO CUNHA**
SNBA, R. Barata Salgueiro, 36, diariamente 14-20
Pintura (até 23/11)

■ **COLECTIVA**
Galeria de S. Bento, R. do Machado, 1, 3.ª a sáb. 11-13 e 15.00
Pintura, escultura e azulejos (até 25/11)

■ **RAMANEFER**
Palma - Galeria de Arte, Calçada da Palma de Baixo, 6, 2.ª a sáb. 14-20
Pintura (até 15/11)
■ **CARLOS MARUJO**
Galeria de Arte da Trindade, R. Nova da Trindade, 20, diariamente 12-15 e 19-22

Pintura (até 28/11)
■ **COLECTIVA**
Instituto Franco Português, Av. Luís Blvar, 91
(até 28/11)

■ **CASEIRÃO**
Gal. Diferença, R. de S. Filipe Néri, 4-2, 1.º, 3.ª a 6.ª, 15-20; dom. 16-19 (até 30/11)

■ **JOÃO MÓNZ**
Galeria Quadrum, R. Alberto de Oliveira, 2.ª a 6.ª, 10-13 e 15-19 (até 29/11)

■ **THOMAZ DE MELLO**
Espaço Ditec, Av. da Igreja, 46-A, 2.ª a 6.ª, 14.30 - 19.30; sáb. 10.30 - 13 e 15 - 19.30
Desenho (até 30/11)

■ **ROBERT SCHAD**
Fundação Gulbenkian, Av. de Berna, 45, 3.ª a dom. 10 - 14
Escultura e desenho

■ **GRAHAM WALKER**
Galeria do British Council, R. Cecílio de Sousa, 65, 2.ª a 6.ª, 9-18
Pintura

■ **MANUELA DE SENA**
Espaço Alliance, R. Braamcamp, 13, 2.ª a 6.ª, 10 - 13 e 14 - 20
Pintura

■ **VERA CASTRO**
Galeria Ana Isabel, R. da Emenda, 111 - 1.º, 2.ª a sáb. 14-19
Pintura

■ **VÍTOR FORTES**
Altamira, R. Filipe Folque, 48 - A, 2.ª a 6.ª, 10-19; sáb 10 - 13
Pintura

■ **PEDRO AVELAR**
Gal. 111, Campo Grande, 113
Pintura

■ **MONUMENTOS E SÍTIOS DO PATRIMÓNIO NATURAL**
Fundação Gulbenkian
Fotografia

■ **CELÍLIA DE SOUSA**
Casino do Estoril
Cerâmica



Entre a literatura de pacotilha e a outra vai a diferença de, às vezes, um «quase que» que por motivo de assim ser criou uma enorme diferenciação. Outras vezes a diferença é abissal, a distância nítida. E como quando se pretende praticar a opressão e do contrário se fala, também se usam disfarces insuspeitos para esconder a falta de qualidade. Um álbum intitulado «Curiosidades do Tio João», procura no título todo um referencial de conotações amáveis ligadas à conjugação do saber/património/companheirismo. No entanto, nas páginas que se sucedem as coisas vão mudando de figura. Começa-se com a divulgação científica, passa-se para o ainda não explicado, depois para o inexplicável e depois para o explicável supranaturalmente, que o mesmo será dizer para áreas de magia cinzenta com explicações pseudocientíficas. Pretendendo-se um livro para a juventude, este álbum envereda por modos de justificar que têm muito de medievais, no mau sentido do termo. Se a tudo isto juntarmos um desenho que não é excepcional e uma escrita que de muito perto o acompanha, temos razões de falar de algo que se deve esquecer. E disso também se deve falar.

À medida que o tempo passa e avançam as legiões de «pizzas», «croissants», «ketchup» e molho inglês, muitos de nós receiam pelas nossas coisas boas que fazem parte da nossa história comum, definem o Homem que nos antecedeu mais ou menos longinquamente, explicam como chegámos ao que somos hoje. A Amadora decidiu-se a ressuscitar o lendário Pedro dos Coelhos, um homem que no seu tempo levou gente e mais gente à antiga Porcalhota. Não tanta, é certo, como aquele senhor do «pois, pois», nem pelo mesmo motivo. Era o coelho guisado.

Amadora ressuscita o Pedro dos Coelhos

Rogério Vidigal

O coelho à «Pedro dos Coelhos» ainda pode ser provado, até amanhã, num conjunto de 13 restaurantes da Amadora que aderiram à iniciativa da Câmara Municipal. Mas esperemos que deste I Concurso Gastronómico da Amadora perdesse a especialidade como «instituição» local a estes 13 e alguns outros restaurantes passem a apresentá-la de forma regular.

O concurso, de acordo com o regulamento elaborado pela Câmara da Amadora, iniciou-se no dia 5 e termina já amanhã, sábado. Aderiram 13 restaurantes, como segue: Cordeal, Ti Baião, Parreirinha da Beira, Machapata, O Chafariz, Argola Dourada, Savoi, Escudeiro, Café Central Beirão, António Fernandes Brito, O Rabanete, O Lourenço e O Barracão.

Como obrigatoriedade para os restaurantes que se inscreveram, a apresentação, em dias anunciados num programa, do coelho que fez fama, preparado de acordo com a receita original que o próprio município se encarregou de fornecer. Além disso, cada casa apresentou uma receita livre sob a rubrica genérica de «Prato Cidade da Amadora».

Louvável iniciativa, esta, em todos os sentidos. Desde logo, porque certamente terá o efeito pedagógico de levar a muitos dos actuais moradores da Amadora e arredores o conhecimento de uma parte do passado da cidade. Depois, porque dá oportunidade de lembrar mesmo o que representava este Pedro dos Coelhos que deixou receita para o futuro.

Assim, lembre-se, para começar, que o autor da receita se chamava de facto Pedro Franco e foi regedor da Porcalhota, aliás afamado, ao que parece, não só pelos seus dotes culinários mas também pela energia que punha nas suas intervenções quando era solicitado a impor-se como autoridade local. Quando necessário, usava o varapau.

«Era Pedro dos Coelhos» — recordou Maria Olga Franco Desmet, sua bisneta, em artigo publicado no 'Jornal da Costa do Sol' (6/11/85) — um homem sanguíneo, alto e forte, dono do célebre restaurante e duma mercearia na Amadora.

Segundo a mesma fonte, «é lembrado o seu restaurante onde a fidalguia boémia dos fins do século XIX fazia as farras». Mas, acrescenta, muitos desconhecem que era o próprio Pedro quem à noite ficava a servir todos os frequentes e a dar os últimos retoques nas refeições, para evitar que alguém da família

«viesse a ser ridiculizado pelas farras».

Segundo Júlio César Machado, em evocação publicada no «Diário de Notícias», «há tanto tempo já que aquela casa amanha os coelhos com proveito e glória que, em o dono indo chamá-los ao pátio, já eles vão por si mesmo formar em linha e oferecer as orelhas para levar o piparote e morrer».

A descrição do prestigiado olissipógrafo prossegue: «Lê-se na parede, Antiga Casa do bello petisco de coelho: o trem pára em frente, à sua porta vêem-se sempre mendigos. De um lado tenda e balcão, do outro uma nesga de caminho para a cozinha:

ao fundo da cozinha um pátio, no pátio um poço, um cão, um porco, uma cambada de coelhos, uma porta para o quintal e outra para a casa onde se come. Na cozinha uma velha, uma corcundinha e um rapagão esbelto e ágil.»

Vasco Callixto, que desenhou estas linhas em artigo publicado no «Boletim da CP» escreve que Pedro Franco terá nascido no termo das lutas entre liberais e miguelistas, ou seja, por volta de 1840. A célebre casa terá aparecido, «pela ordem natural das coisas», uns vinte ou trinta anos mais tarde.

É ainda Vasco Callixto quem evoca um artigo publicado por Mendonça e Costa na revista «Ocidente», em 1887, com uma explicação para o aparecimento da especialidade: «Morava para as bandas de Sete Rios um respeitável fazendeiro que todos os dias comia coelho ao almoço e ao jantar, porque era sempre esse o prato que a consorte lhe apresentava. O bom homem já estava enjoado. Mudou-se em dada altura para a Porcalhota e um dia, depois de ter caminhado bastante, por montes e vales, chegou a casa tarde e moído. Nesse dia o coelho soube-lhe a pouco.»

Segundo o cronista, os coelhos da Porcalhota ficaram afamados desde essa data e cresceu a crença de que seria mais apetitoso o guisado depois de um bom passeio a pé.

E aí residiria a explicação para a estação do caminho-de-ferro ter sido construída a considerável distância do lugar onde estava instalado o mestre Pedro...



A receita da semana

Coelho à Pedro dos Coelhos

Uma nota prévia referente a algumas impossibilidades ou dificuldades dos dias de hoje: manda a tradição que o coelho fosse morto, esfolado e cozinhado com tal rapidez que quando chegasse à mesa ainda fosse vivo. A receita que damos é, segundo a Câmara da Amadora, a original de Pedro dos Coelhos:

«O coelho era criado no quintal da casa com cuidados especiais na alimentação».

Depois de morto, esfolava-se aproveitando o sangue para uma tigelinha com vinagre, por forma a não coarhar.

Parte-se em seguida em pedacinhos, aproveitando os miúdos e a cabeça, da qual se retiram

os olhos.

Deita-se em seguida num tacho de barro, juntamente com um pouco de banha, uma cebola picada, tomate pelado, um dente de alho picado, salsa picada, sal e pimenta, e por fim um fio de azeite.

Vai a lume brando até o coelho estar cozido. Separadamente refoga-se levemente uma cebola picada, à qual se junta arroz e um pouco de água.

Antes de o arroz estar completamente cozido, adiciona-se o sangue recolhido, como numa cabidela vulgar.

O ESCANÇÃO



Do escanção para todos os bons bebedores

«O Escanção» é o órgão oficial da respectiva associação de classe que recentemente retomou a publicação, em segunda série. Trata-se de uma revista de grande importância para este sector socio-profissional mas cujo interesse vai mais além. Ou seja, fica bem e é útil que qualquer apreciador de vinhos lhe dedique atenção.

Vejam os porquê: neste segundo número da segunda série são divulgados textos que vão do tema da decantação aos 150 anos da Cervejaria Trindade, passando pela formação profissional dos escanções ou por um artigo sobre a Região Demarcada do Douro, da autoria de Fernando Augusto Moreira.

O sector das regiões demarcadas é ainda tema de um outro texto, desta vez a propósito da Bairrada.

Só que «O Escanção» vai ainda mais longe, uma vez que passou a ter uma secção regular dedicada à gastronomia, pela pena de Benjamim Fernandez Teixeira.

Merecedor de atenção é igualmente um texto de «desnudamento» de um profissional do sector, no caso Octávio Ferreira, o escanção do restaurante Gambrinus. Trata-se de leitura importante para quem se dedica a estes azeres e artes de bem beber/comer, pelo menos para perceber por dentro como se passam estas coisas. Até porque o profissional em apreço termina a sua entrevista do seguinte modo: «Auxiliem e não desmotivem aqueles que querem fazer alguma coisa pelos escanções e pelo vinho deste país».

ENCERRAMOS SÁBADOS
AO ALMOÇO E
DOMINGOS TODO O DIA



RESTAURANTE
COCHEIRA ALENTEJANA

Travessa do Poço da Cidade, 19 - Tel. 364868 - 1200 LISBOA

RESTAURANTE

rapataxo

«...ONDE OS COMERES SÃO CUIDADOS E TEMPERADOS COM ACERTO E O ATENDIMENTO É PRAZENTEIRO.»

(Manuel Luís Goucha)

Rua do Monte Olivete, 1 e 1-A (à Praça das Flores)
1200 LISBOA — Tel. 67 72 19

MÚSICA

Já várias vezes se tem aqui falado em **descentralização musical**, na raridade de desorganização das propostas e na dificuldade de incremento de uma «política» de difusão das actividades ligadas à música.

Aproveitando-se da quadra natalícia como pretexto, as **Câmaras Municipais de Tomar, Abrantes e Vila Nova da Barquinha** juntaram-se para levar a cabo um complexo programa de actividades musicais, que abarca pequenos cursos teóricos e práticos e cerca de 30 concertos. O projecto contou com o apoio do **FAOJ (Delegação de Santarém)** e ainda com o da **Secretaria de Estado da Cultura e Fundação Calouste Gulbenkian**.

Esta iniciativa merece desde já todo o nosso apreço, pela integridade do seu projecto e pela séria estruturação do seu programa.

Antes de mais, é sempre louvável a associação de várias Câmaras. Além de se minimizarem as despesas (como transporte e alojamento de músicos, organização, por exemplo), um **programa cultural regional** oferece maior diversidade de propostas às pessoas dos vários locais que são, a partida, contíguos.

Merece ainda o facto de os concertos se distribuírem por Tomar, Abrantes e Vila Nova da Barquinha, dando-se especial atenção à **interacção dos grupos musicais regionais**. Isto não invalida porém, que às pessoas dessas áreas não seja dada a ouvir a Orquestra Gulbenkian ou o Grupo de Metais de Lisboa para citar apenas dois.

«**Cantar Natal – Viva a Música**» começa já no dia 17 de Novembro em Tomar, inaugurando uma temporada de quase dois meses de música – um exemplo a seguir pelas inúmeras autarquias locais que reclamam da sua «marginalização» no programa cultural/musical português. Associe-se e façam a vossa festa... nem só o Natal é pretexto!

SABADO, 15

Às 20.30, no Teatro S. Carlos, última apresentação da Ópera «**O Navio Fantasma**», de R. Wagner.

Direcção musical de Wolfgang Renert, encenação de Wolf-Siegfried Wagner, cenografia de Wolf Munozner e produção do Teatro Massimo de Palermo. Elenco: Robert Hale, Lisbeth Balslev, Fritz Hubner, Hansgeorg Moser, Horst Laubenthal, Manuela Castani e José Manuel Araújo. Participação do Coral Vértice e do Coro e Orquestra do Teatro S. Carlos.

Esta ópera pode ser vista no Porto, no Teatro Rivoli, dia 19 de Novembro (quarta-feira).

SEGUNDA-FEIRA, 17

Às 21.30, no Cine-Templários, em Tomar, concerto pela Orquestra Gulbenkian, sob a direcção de Max Rabinovitsj, tendo como solista em violoncelo, Clélia Vidal. Do repertório fazem parte obras de Mozart, Haydn e Beethoven.

TERÇA-FEIRA, 18

Às 18.30 no Teatro S. Luiz, mais uma sessão comentada a propósito das comemorações do centenário da morte de Franz Liszt. Nesta terça participa o pianista Louis Haguenaue, que interpretará uma transcrição da Sinfonia n.º 2 de Beethoven, de Liszt, claro!

BAILADO

Inaugura-se na próxima quarta-feira, dia 19/Nov. a temporada do Ballet Gulbenkian. Assim, às 21.30 no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian poder-se-á assistir a **Escargot** (Louis Falco/Ralph Mac Donald), **Inter-Rupto** (Carlos Trincinhas/Samuel Barber) e **Danças dos Espíritos** (Christopher Bruce/Música tradicional da América Latina). Este programa **repetir-se-á na quinta-feira (20/Nov.)**, às 18.30.

CINEMA

No Forum Picoas prossegue o ciclo «**Cinema e Música**» – **Mozart e Bizet**. Desta feita propõem-se quatro «**Carmen**»(s), perpectivadas das mais distintas formas.

Dia 14 – «**Carmen Jones**», de Otto Perminger
Dias 15, 16 e 17 – «**Carmen**», de Carlos Saura
Dias 18, 19 e 20 – «**Carmen**», de Francesco Rosi
Dias 21, 22 e 23 – «**Nome: Carmen**», de Jean-Luc Godard
(Sessões às 19.00 e 21.45)

RÁDIO

SEXTA-FEIRA, 14

13.40 – O Canto e os seus intérpretes: soprano Yvonne Keeny, (um programa de M.ª Helena de Freitas).
16.00 – Música do século XX: Seis Bagatelas, de A. Webern, pelo Quarteto Italiano e Metamorfoses Nocturnas, de Ligeti.
17.00 – Integrais – Os 9 Quintetos de Mozart. Quinteto em sol menor K.516, pelo Quarteto de Cordas Dinamarquês.

SABADO, 15

20.15 – Transmissão directa do Teatro S. Carlos da ópera «**O Navio Fantasma**», de R. Wagner.

DOMINGO, 16

21.00 – Sonata e Tre, de Armando José Fernandes, pelo Trio Bomtempo.
– «**Pinguis est panis**», de João Rodrigues Esteves, pelo Grupo de Metais de Lisboa.

SEGUNDA-FEIRA, 17

23.30 – Concerto para Violoncelo e Orquestra, de Paul Hindemith, por Tibor de Machula e Orquestra do Concertgebown de Amsterdam. Maestro Kiril Kondrashin.

TERÇA-FEIRA, 18

22.00 – Sonata para dois pianos e percussão, de Bela Bartok, por Katia e Marielle Labèque (pianista) e Sylvio Gualda e Jean-Pierre Drouet (percussão).

QUARTA-FEIRA, 19

11.00 – XI Festival da Costa do Estoril: Recital Bach pelo violonista Alberto Lysy – Sonata em dó maior BWV. 1005.
13.40 – «**Os anos 80**» – 4 peças curtas de Gavin Bryars – «**Homemages**».
16.00 – Música do século XX – «**Judith**», suite de bailado de Velden.

17.00 – Integrais – Os 9 Quintetos de Mozart: Quinteto em mi bemol maior K. 407, para trompa e quarteto de cordas.

18.40 – Concerto para violino e orquestra de Schoenberg, por Zvi Zeitlin e Orquestra da Radiodifusão da Baviera, sob a direcção de Rafael Kubelik.

21.30 – XI Recital da Costa do Estoril: Recital pela guitarrista Tania Chagnot: Fantasia do 8.º tom, de Luis Milan; Prelúdio e Fuga da Suite n.º 2 para alaúde, de J. S. Bach; Canzoneta, de Mendelssohn e Variações sobre um tema de Mozart, de Sor.

22.00 – Histórias de música e outras: música de sala, conversas de amigos. Um programa de António Cartaxo realizado por José Manuel Gonçalves.

23.00 – Intercâmbio Musical: Jornadas de música antiga de Herne – 1984. «**Les arts florissants**», sob a direcção de William Christie. Obras de Monteverdi, Gesualdo e Luigi Rossi.

QUINTA-FEIRA, 20

11.00 – As Cantatas de Bach: Cantata n.º 81, por Anna Reynolds (contralto), Peter Schreier (tenor), Theo Adam (baixo), Coro e Orquestra Bach de Munique, sob direcção de Karl Richter.

11.30 – Bailado «**O Príncipe de Madeira**», de Bela Bartok, pela Orquestra Filarmónica de Nova Iorque, sob direcção de Pierre Boulez.

14.10 – Quarteto com piano, de Armando José Fernandes, por Barbara Friedhoff (viola) e Trio Bomtempo.

15.00 – O Coral Luisa Todt.

17.00 – Integrais: os 9 Quintetos de Mozart. Quinteto em lá maior K. 581, para clarinete e quarteto de cordas (Guy Charles e Quarteto Dinamarquês).

21.30 – Missa em dó menor, de Mozart. Sopranos: Ilana Cotrubas e Kiri Te Kanawa; tenor, Werner Krenn e baixo, Hans Sotin. Maestro, Raymond Leppart.

SEXTA-FEIRA, 21

11.00 – As Cantatas de Bach – Cantata n.º 82, pelo barítono Bernard Kruysen, Coro «**Barmen-Germarke**», «**Collegium Instrumentale**» de Wuppertal. Maestro, Helmut Kahlofer.

12.30 – Música de Arcangelo Correlli.

13.40 – O Canto e os seus intérpretes: sopranos E. Schwarzkopf e I. Seefried. Um programa de M.ª Helena de Freitas.

16.00 – Música do século XX:

Variações sobre um tema de Hindemith, de William Walton, pela Orquestra de Cleveland, sob a direcção de George Szell.

«**Entité**», música electrónica de Pierre Henry. Realização do autor.

17.00 – Integrais: os 9 Quintetos de Mozart.

Quinteto em mi bemol maior K. 452, para piano e Quarteto de sopro, por Vladimir Ashkenazy e Solistas de Sopro de Londres.

19.30 – As Palavras dos Músicos, um programa de João de Freitas Branco.

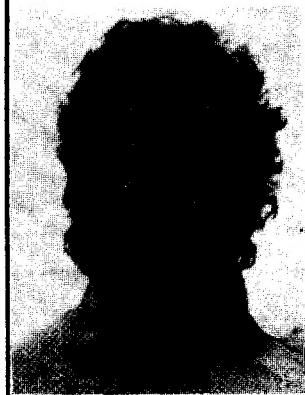
21.00 – XI Festival da Costa do Estoril: Recital Bach pelo violonista Alberto Lysy: Partita em si menor, BWV 1002.

23.00 – Intercâmbio Musical: A temporada de concertos da Rádio Sudoeste da Alemanha, Baden-Baden. Colaboram neste concerto: Arleen Auger (soprano), Marga Schiml (meio-soprano), Robert Gambill (tenor), Gerolf Scheder (baixo) e Orquestra Sinfónica da Rádio Sudoeste da Alemanha. Maestro: Christopher Hogwood.

1.ª parte: Stabat Mater, de Pergolesi.
2.ª parte: Pulcinella, bailado segundo Pergolesi, de Stravinsky.

DICIONÁRIO Vinte anos de cinema português

JOSÉ LEITÃO RAMOS



C EITIL,

ROGÉRIO

– realizador

Rogério Ceitil nasceu em Vila Franca de Xira, a 13 de Março de 1937. Ainda adolescente começa a fazer cinema amador e a militar no Cineclub de Vilafrankense. Comerciante em Alhandra, inicia-se profissionalmente no cinema em 1971 quando, de parceria com Lauro António, dirige **Grande grande era a cidade**. Em 1972 torna-se membro do Centro Português de Cinema onde faria a sua segunda longametragem, **Cartas na mesa**. Mas seria através da RTP que viria a conquistar alguma notoriedade pública, através das séries policiais **Zé Gato** e, sobretudo, **Duarte & C.ª**.

FILMOGRAFIA: **Grande grande era a cidade** (1971); **Cartas na mesa** (1973/74); **Cantiga mente n.º 4**, episódio da série TV **Cantiga mente** (1976); **Antes do adeus** (1977); alguns episódios da série TV **Sol a sol** (1978); **Zé Gato**, série TV (1979); **Duarte & C.ª**, série TV (1984/85,

episódio 1 a 6; 1986, episódios 7 a 12).

Grande grande era a cidade terá talvez méritos mas impossíveis de averiguar dado que o filme nunca foi exibido em público. Mais conhecido ficou o diferendo que o opôs a Lauro António quanto à autoria do filme. E foi exactamente esse diferendo que serviu de base a **Cartas na mesa**, ajuste de contas privado a que o público teve acesso. O filme era pobre e fundado na crença – muito típica do «cinema amador» – de que o real vai ter ao cinema sem intermediários. Da inconsciência estética nasceu um produto nulo...

Antes do adeus, a segunda – e derradeira, por ora – longametragem de Ceitil não teve melhor sorte mas poupou-se o público de assistir à indignância já que o filme nunca estreou.

Com **Zé Gato**, uma série policial com pretensões de humor, Ceitil volta-se para a Televisão e, apesar do nível de qualidade não subir em rela-



«**Grande Grande era a Cidade**», o filme «**Invisível**» — diz-se que interessante — de Rogério Ceitil

ção ao seu trabalho anterior, consegue algum êxito junto do público que se divertia a ver o Orlando Costa a fazer de detetive português. Cinco anos depois, **Duarte & C.ª**, outra série TV, mais néscia e tecnicamente inábil do que **Zé Gato**, cai no góto dos telespectadores por razões sem razão. A RTP reincide e Ceitil filma, em 1986, mais seis episódios, neste momento em

emissão.

Há quem diga que **Grande grande era a cidade** é o seu melhor filme... O certo é que, de tudo o que se viu, não se pode extrair que Ceitil tenha particulares aptidões para o ofício de cinema. E da geração de realizadores que veio do cineclubismo ele é, sem dúvida, o menos interessante.